

Diogo Rodrigues dos Santos

A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise
comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro
das Bestas (1288-89)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em História
Comparada (PPGHC), Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como parte dos
requisitos necessários à obtenção do título
de Mestre em História Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Duarte Silva

Rio de Janeiro
2018

CIP - Catalogação na Publicação

S231a Santos, Diogo Rodrigues dos
A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro das Bestas (1288-89) / Diogo Rodrigues dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2018. 121 f.

Orientador: Paulo Duarte Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2018.

1. Homem de saber. 2. Ramon Llull. 3. Bestiário. 4. Representação. I. Silva, Paulo Duarte, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

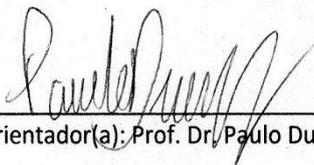
DIOGO RODRIGUES DOS SANTOS

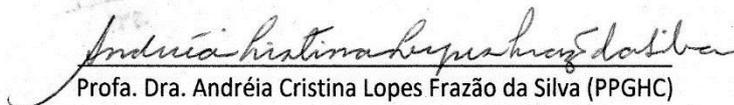
A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro das Bestas (1288-89).

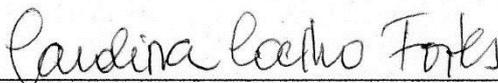
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada no Instituto de História da UFRJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Comparada.

Data da provação: 18 de abril de 2018.

Banca examinadora


Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Duarte Silva (PPGHC)


Profa. Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (PPGHC)


Profa. Dra. Carolina Coelho Fortes (UFF)

Suplentes

Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva (PPGHC)

Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Rainha (UERJ)

Rio de Janeiro
2018

DEDICATÓRIA

Dedico a presente dissertação aos meus pais, Márcio José dos Santos e Maria de Lourdes Rodrigues dos Santos, e ao meu irmão, Alfredo Rodrigues dos Santos.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a minha família, em especial aos meus pais Márcio José dos Santos e Maria de Lourdes Rodrigues dos Santos, também ao meu irmão Alfredo Rodrigues dos Santos e ao caçula, canino, Sansão. Obrigado por me apoiarem ao longo desses oito anos de estudo, por me dar força nos momentos difíceis, além de aceitar minha ausência em determinadas ocasiões e cuidar do Sansão.

Agradeço a Deus pela força, pela calma em meu coração nos momentos de ansiedade e desespero, além de estar sempre comigo nessa trajetória e por colocar pessoas maravilhosas em meu caminho.

Ao meu querido amigo e orientador Paulo Duarte Silva, obrigado por confiar em mim e aceitar essa aventura, sem você não seria possível chegar nesse momento. Grato pela orientação, pelos conselhos, ensinamentos e, acima de tudo, por se preocupar com a minha saúde mental.

Agradeço, em especial, as professoras Leila Rodrigues da Silva e Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, pelas recomendações, confiança e as diversas oportunidades que me deram nos âmbitos tanto acadêmico como profissional, sou muito grato. Além da professora Carolina Coelho Fortes com seus conselhos e avaliações ao longo desses dois anos, foi extremamente importante.

Aos professores Maria Helena Pitta, Luiz Antônio Chaves, Adriana Ronco, Leonardo Santana e Rubenita Vieira (*In memoriam*). Agradeço a todos pelos ensinamentos ao longo da minha graduação no Centro Universitário Augusto Motta, em destaque a professora Pitta pelas orientações e dicas, além do incentivo para continuar os estudos. Mestre, você é um exemplo de pessoa e profissional. Obrigado, chegamos até aqui!

Quero agradecer ao meu amigo Carlos Eduardo Campos pelos conselhos, bem como com a ajuda com os textos e o ofício de historiador. Você é uma peça chave na minha vida e em minha carreira acadêmica até aqui, o mundo precisa de mais pessoas boas assim.

Aos meus amigos do Programa de Estudos Medievais- PEM/UFRJ e ao laboratório dos Paulinos, não citarei todos os nomes para não correr o risco de, por algum descuido, esquecer alguém. Contudo, os debates, as críticas e os elogios foram importantes para minha construção como pessoa e pesquisador. Além disso, sou

grato os meus amigos da Pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa- Pr2/UFRJ, pela oportunidade e por me acolher tão bem, a Renata Gaspar, Priscila Maroja, Andrea Torres, Leonardo Tinoco, Liliane Brandão, Sady Ricardo, Luiz Cláudio, Marília Lopes, Cláudia Damiana, Jorge e todos mais, obrigado.

A minha querida Luciana De Souza, amiga de debates, de conselhos e de lanches pelo Centro do Rio de Janeiro. Sou grato por ser essa pessoa incrível, hoje em dia é cada vez mais raro conhecer um ser tão gentil como você. Também agradeço a Mara Lucia pela ajuda ao longo da graduação e especialização como amiga, professora e revisora acadêmica, você tem uma grande parcela nessa trajetória.

Quero agradecer a minha amiga e companheira de vida acadêmica, profissional e pessoal, à Catiana Melo. Obrigado por me ajudar nessa nada fácil vida acadêmica, por me acalmar nos momentos de desespero e libertar toda essa ansiedade, o mundo precisa de mais pessoas boas como você, de sua luz. Nunca me esquecerei de tudo que fizestes e fazes por mim, daqui a pouco é a sua vez e estarei aqui para apoiá-la.

Agradeço a todos que participaram diretamente ou indiretamente desse momento, peço desculpa se esqueci de alguém. Vocês estão presentes em meu coração.

“É necessário sempre acreditar que o sonho é possível. Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível. Que o tempo ruim vai passar é só uma fase e o sofrimento alimenta mais a sua coragem. Que sua família precisa de você. Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder.”

— Racionais Mc 's, A vida é desafio.

RESUMO

SANTOS, Diogo Rodrigues dos. *A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro das Bestas (1288-89)*. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Nossa investigação se desenvolve a partir da produção documental denominada de *bestiário medieval*, incluído no *Livro das Bestas* (1288-89) de Ramon Llull, homem de saber reconhecido no Ocidente. Esse documento tem caráter didático e constitui modelos exemplares que deveriam ser reflexo para o comportamento régio e cortesão. Estes modelos são associados ao período de estadia de Llull na França, onde o autor tentava se inserir como conselheiro depois de sua saída de Maiorca.

Portanto, analisamos os perfis do rei leão e da raposa conselheira. Deste modo, utilizamos como método a comparação com o objetivo de estabelecer as aproximações e distanciamentos desses modelos. Em prol desse objetivo analítico, determinamos os seguintes eixos investigativos: com quem o personagem interage, como age e suas qualificações. Sobre esse último, nos preocupamos com as seguintes questões: as características sociais e morais.

Sendo assim, o *LB* e, sobretudo, os aspectos do rei leão e a raposa conselheira, faziam parte da tentativa de inserção de Ramon Llull na França, sendo parte do seu projeto de angariar apoio desse monarca em seus projetos eruditos – relacionados à construção de escolas de línguas e ao reconhecimento das suas obras na Universidade de Paris, fato que lhe garantiria mais autoridade. Ainda nesse contexto, atuou como *porta-voz* de Jaime II nessa região, com objetivo de reafirmar a aliança entre esses reinos. Por conseguinte, as representações serviam de alerta ao monarca francês sobre a importância e, ao mesmo tempo, os perigos e desafios que poderiam existir no conselho. Com isso, Ramon Llull se oferecia para esse ofício e apresentava-se como *homem de saber* da realeza francesa.

Palavras-chave: Ramon Llull; homem de saber; bestiário; representação

ABSTRACT

SANTOS, Diogo Rodrigues dos. *A atuação de Ramon Llull como homem de saber: uma análise comparada da representação do rei leão e da raposa conselheira no Livro das Bestas (1288-89)*. Rio de Janeiro, 2018. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Programa de Pós-graduação em História Comparada, Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Our research develops from the documentary production called the medieval bestiary, included in the Book of Beast (1288-89) of Ramon Llull. We emphasize the representation of the king and the counselor, in the figures of the lion and the fox, respectively. This document is of a didactic and modeling nature, instituted by exemplary models that must be a reflection of the actual behavior associated with Llull's stay in France, where he attempted to enter after his departure from Majorca, an island lost by Jaime II to king of Aragon.

Therefore, we analyze the ideal profiles of the lion king and the fox counselor, we use as a method the comparison with the objective of establishing the approximations and distances of the model of lion king and fox counselor. In support of this analytical objective, we determine the following investigative axes: with whom the character interacts, how he acts and his qualifications, on the latter we are concerned with the following points, the social and moral characteristics.

The LB, and above all the profiles of the lion king and the advisory fox, were part of Ramon Llull's attempt to insert into France, being part of his project to garner support from this monarch in his scholarly projects - related to the construction of language schools and the recognition of his works at the University of Paris, a fact that would guarantee him more authority. In this context, he would act as Jaime II's spokesman in that region, with the objective of reaffirming the alliance between these kingdoms. The representations served as an alert to the French monarch on the importance and at the same time the dangers and challenges that could exist in the council. With this, Ramon Llull offered himself for this office, that is, he presented himself as a man of knowledge of the French royalty.

Key words: Ramon Llull, man's search to know, bestiary, representation

ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>Calila e Dimna</i>	- <i>CD</i>
<i>Electorium parvum, de Breviculum</i>	- <i>EPB</i>
<i>Félix, O livro das Maravilhas</i>	- <i>FLM</i>
<i>Livro das Bestas</i>	- <i>LB</i>
<i>Vida Coetânea</i>	- <i>VC</i>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	14
DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA	14
Questões de pesquisa	20
Objetivos	20
Hipótese	21
APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO	22
CAPÍTULO 1- RAMON LLULL E SUA ATUAÇÃO NA FRANÇA	29
1.1- REINOS DE ARAGÃO E DA FRANÇA NO PERÍODO DE RAMON LLULL	31
1.2- FORMAÇÃO ERUDITA DE RAMON LLULL E SUA ATUAÇÃO NAS CORTES CRISTÃS	34
1.3- A PRIMEIRA VIAGEM DE LLULL À PARIS (1288-1289)	40
CAPÍTULO 2- LIVRO DAS BESTAS (1288-1289)	43
2.1- TRANSMISSÃO DE MANUSCRITO DO SÉCULO XIV AO XXI	43
2.2- ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DO LIVRO DAS BESTAS	44
2.3- O LIVRO DAS BESTAS EM DEBATE	53
CAPÍTULO 3- A REPRESENTAÇÃO DO REI LEÃO E DA RAPOSA CONSELHEIRA NO BESTIÁRIO DE RAMON LLULL	57
3.1- A REPRESENTAÇÃO DO REI LEÃO	57
3.2- A REPRESENTAÇÃO DA RAPOSA CONSELHEIRA	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
DOCUMENTOS ANTIGOS E MEDIEVAIS IMPRESSOS	81
REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	81
BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA	83
ANEXOS	94

APRESENTAÇÃO

A investigação a seguir visa um estudo sobre o gênero literário denominado de *bestiário medieval*. A averiguação é feita a partir da reflexão comparativa dos personagens rei leão e raposa conselheira no *Livro das bestas* de Ramon Llull. Essa obra é o sétimo capítulo do documento *Félix, o livro das maravilhas* (1288-1289), elaborado na tentativa de inserção do autor na Universidade Paris e na corte francesa, sob reinado de Filipe IV (1268-1314), a quem, a obra é direcionada.

Encetamos com a introdução da investigação, onde apresentamos os aspectos iniciais da dissertação. Isto é, definimos o tema, as problemáticas e o objeto da pesquisa, como o recorte geográfico e cronológico, os objetivos e a hipótese. Além disso, o aporte teórico-metodológico, os aspectos conceituais e as técnicas de análises textuais que guiam a investigação.

No primeiro capítulo apresentamos três subitens: iniciamos com o contexto de Aragão e da França do século XIII; além da formação e o conhecimento erudito de Ramon Llull; por fim, a sua inserção política no Mediterrâneo – mais especificadamente, sua atuação na corte francesa. Portanto, investigamos a conjuntura política das cortes em questão, além da formação erudita do autor e sua atuação nesses ambientes cortesãos supracitados.

O segundo capítulo é dividido em três subitens: no primeiro apresentamos a transmissão parcial do manuscrito *FLM/LB* desde sua produção na Idade Média até as edições modernas atuais; no segundo subitem debatemos como os pesquisadores inquiriram o *LB*; no terceiro subitem desenvolvemos uma investigação sobre a narrativa do documento em voga, averiguando seu gênero literário, o espaço, o enredo e os personagens.

Já o terceiro capítulo é composto por dois subitens: no primeiro analisamos como é representado o rei leão e no segundo a raposa conselheira; em ambos os casos nos preocupamos na forma como eles são qualificados, como agem e interagem com outros personagens. Além do mais, construímos um quadro de análise quantitativo e qualitativo com as seguintes preocupações: animais do *LB*, quantidade de citações, visões positivas e negativas- qualificações sociais e morais, com quais personagens interagem essas visões, os cargos desempenhados, a entrada e saída da narrativa.

Nas considerações finais, comparamos as *representações*, anteriormente averiguadas, confrontando seus perfis e refletindo sobre as suas aproximações e distanciamentos. Deste modo, exibimos os aspectos construídos pelo *homem de saber*, Ramon Llull, analisamos suas características convergentes e divergentes, compreendemos a respeito da *representação* ideal de governante e de conselheiro. Levamos em consideração o contexto parisiense em que o autor buscava se inserir, buscando apoio nesse local para atingir seus objetivos políticos e intelectuais.

Atentamos para a utilização das regras NBR10520 e NBR6023, ambas determinadas em 2002 pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, na formatação de toda a dissertação.

INTRODUÇÃO

DELIMITAÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Nossa pesquisa aborda a produção documental de Ramon Llull (1232-1316) em sua primeira estadia em Paris (1288-89), com destaque para *representação*¹ da figura do rei leão e da raposa² conselheira no *Livro das Bestas*. Esta obra se insere no contexto da década de 1280, quando Jaime II, no ano de 1285, perde o domínio sobre Maiorca para seu irmão Pedro III de Aragão. Como consequência, Llull sai da ilha e após uma série de viagens,³ em meados de 1288-1289, chega ao reino da França de Filipe IV.

Lá, procura se inserir na corte parisiense e no ambiente universitário,⁴ com o objetivo de conseguir apoio do rei para construir as escolas de línguas na França e a aprovação, reconhecimento, das suas obras na Universidade de Paris,⁵ o que traria mais autoridade ao dito *homem de saber*.⁶ Do mesmo modo, Llull busca se apresentar como conselheiro de Filipe IV, coroado há quatro anos e filho de Filipe III, antigo aliado de Jaime II. Com esse último, Llull tem uma estreita relação política e de amizade.

Nessa conjuntura, Ramon Llull escreve o *LB*, documento associado a dois gêneros textuais, o *espelho de príncipe* e o *bestiário medieval*.

¹ Apresentamos essa noção teórica no subitem: Aporte teórico-metodológico.

² Em catalão, esse animal é chamado de *volp* ou *guineu*, já em francês de *renart*. Utilizamos a tradução literal ao português, raposa, para designar esse personagem.

³ Ver ANEXO II- Cronologia, Vida e contexto de Ramon Llull, 1285-1288.

⁴ “[Sobre a] origem universitária [...]. Duas teses essenciais, mais complementares do que verdadeiramente opostas, são expressas. Para alguns, seria à própria renovação do saber, engendrada pela redescoberta da filosofia de Aristóteles, e o entusiasmo intelectual suscitado pelas novidades, que teriam estimulado mestres e estudantes a organizarem instituições autônomas, as únicas capazes de lhes garantir a liberdade de expressão e de ensino necessária. Outras, antes, conferem prioridade à pressão social exercida por todos aqueles que aspiravam obter, nas melhores condições, a qualificação e os diplomas que conduziam às carreiras cada vez mais numerosas abertas pela reforma da Igreja e pelo renascimento do Estado.” VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: EdUSC, 1999. p. 83. “A universidade é formada por um corpo de mestre e discípulos que ensinam e estudam disciplinas científicas. Tal instituição recebe diversos nomes nas documentações, como *schola*, *studium*, *studium universale* e *studium commune*.” VILLA PRIETO, Josué. *La enseñanza en la universidad medieval: centros, métodos, lecturas. Tiempo y sociedad*, S. 1, n. 26, p. 59- 131, 2017. p.73.

⁵ “[...] deve sua origem às escolas urbanas do século XII, começou a existir com o privilégio do rei Filipe II Augusto, concedido em 1200 às citadas escolas. Com a aprovação real, a Universidade reuniu os mestres e alunos pertencentes às escolas catedralíssimas de Notre Dame e submeteu-os à jurisdição de um chanceler. Os mestres agrupavam-se em quatro faculdades: teólogos, artistas, decretistas e médicos.” SARANYANA, Josep Ignasi. *A filosofia medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca*. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2006. p. 256.

⁶ Esse conceito é apresentado no subitem: Aporte teórico-metodológico.

A primeira tradição remonta aos antigos Panegíricos, textos literários em prosa ou verso com o objetivo de exaltar ações e virtudes, que podem ser de determinados grupos, de uma pessoa ou mesmo a exaltação de um ideal.⁷ A utilização desse gênero na Grécia Antiga ocorre próxima às Olimpíadas para celebrar os vencedores dos jogos e para temas coletivos, com destaque ao *Panegírico de Atenas*- Isócrates (436-338 a. C.).⁸

Em Roma o gênero panegírico torna-se louvores individuais a cidadãos ou feitos divinos. Assim, reconhece suas virtudes em vida ou em morte⁹ e constitui a distinção de um cidadão dos outros, edificando a sua memória. Já na Roma Imperial, os panegíricos trazem o ideal da realeza e o conceito de príncipe ideal- *pater patriae*, como os temas principais de seu enredo. Desta forma, através desse gênero literário, os autores propõem em seus escritos enaltecer e modelar o comportamento dos imperadores romanos.¹⁰

Já os escritores cristãos, associados à tradição greco-romana, se apropriam, pelo meio da paideia,¹¹ para elaborar seu discurso evangelizador. Utiliza do panegírico para tratar o comportamento imperial, porém numa perspectiva cristã.¹² Portanto, afirmava-se, então, que o imperador é um ser superior que governa por ordem de uma autoridade religiosa que transcende aos homens romanos; essas

⁷ COUTO, Aires do. Panegíricos de D. João III de dois humanistas de quinhentos: João de Barros e Inácio de Moraes. *Máthesis*, Viseu, n. 9, p. 37-67, 2000. p. 37.

⁸ Ibidem, p. 37- 38.

⁹ Ibidem, p. 38.

¹⁰ Destacam-se os textos gregos como o *Panegírico a Marco Aurélio* de Élio Aristides (118-180); os *Discursos a Constâncio, a Joviano, Valêncio e Teodósio* de Temístio (317-387); e aqueles relativos ao reinado de Juliano, escritos por de Libânio (314-394). Os latinos, podemos apontar para o *Panegírico de Messala* atribuído a Tibulo (154-190); o *Laus Pisonis*, dirigido, provavelmente, a Calpúrnio Pisão (M. -65); e o *Panegírico de Domiciano* de Estácio (51-96). Idem.

¹¹ “A intelectualidade cristã, no seu esforço de difundir a mensagem evangélica, acaba por tornar-se um dos elementos culturais mais destacados a partir do IV século, especialmente por construir uma paideia cristã, que por sua vez possui suas bases na cultura romana. Em outras palavras a intelectualidade cristã utiliza-se da herança cultural clássica na elaboração de seu discurso evangelizador, e não poderia ser diferente, pois os grupos a serem convertidos estavam inseridos nesta tradição.” CRUZ, Marcus. O ser cristão e o triunfo da Igreja: um estudo acerca das transformações da identidade do homem ocidental. In: ELMIR, Cláudio Pereira; MARTINS, Maria Cristina Bohn; CÉSAR, Temístocles (Coord). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Atas do simpósio Nacional de História*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007, p. 1-10. p. 6.

¹² LOMAS, Francisco Javier. Teodosio, paradigma de príncipe cristiano: consideraciones de Ambrosio, Rufino de Aquileya y Agustín sobre la imperial persona. *Studia historica Historia antigua*, Salamanca, n. 8, p. 149-165, 1990. p. 149.

reflexões derivam dos textos latinos de Eusébio de Cesareia (265-339) e Temístio de Bizâncio (317-387).¹³

Dos documentos helenísticos de Ecfanto (IV a. C.), Diotógenes (V a. C.) e Estênidas (V a. C.), destacam-se três pontos importantes: primeiro, o imperador possui uma natureza diferente daquelas dos homens comuns; ademais, ele é o enviado divino para governar a terra, devendo copiar o arquétipo celeste; por fim, o próprio imperador é considerado de natureza sagrada e o que rege o povo em nome do Deus.¹⁴

Da Primeira Idade Média¹⁵ temos os panegíricos cristãos produzidos por eclesiásticos, notadamente bispos, em homenagem aos monarcas germânicos. Tais são os casos dos escritos de Sidônio Apolinário (430-486) em honra aos reis Ávito (455), Majoriano (457) e Antêmio (467), respectivamente; de Martinho de Braga (518-579) com o *Formula de Vida Honesta* (570-579), dedicado a Miro (559-570), monarca suevo; Gregório de Tours (538-594) na obra *História dos Francos* (591).

No século XIII ocorre a consolidação do gênero *espelho de príncipe*,¹⁶ influenciado diretamente pelos panegíricos cristãos. Segundo Muniz o *espelho de príncipe* apresenta as seguintes características: o primeiro elemento refere-se aos dois participantes da construção da obra, o homem sábio que escreve e propõe transmitir seu saber a respeito do bom governo a um monarca a quem a obra é dedicada. Segundo elemento é a função do gênero que pretende ajudar a definir suas especificidades e o distingue dos outros gêneros. Qual seja a preocupação de delinear a imagem ideal de príncipe.¹⁷

Essa tradição didático-panegírica pretende ser uma espécie de manual de formação e orientação política e moral para os governantes da Idade Média Central. Deste modo, estabelece um modelo a partir do que seria o comportamento ideal. Vale

¹³ SILVA, Gilvan Ventura. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da Basiléia* (337-361). Vitória: EdUFES, 2003. p. 108.

¹⁴ *Ibidem*, p. 112.

¹⁵ Utilizamos a periodização de Hilário Franco Júnior para melhor determinar os processos históricos descritos e analisados da Idade Média em nossa pesquisa, esses são: Primeira Idade Média (IV-VIII); Alta Idade média (VIII-X); Idade Média central (XI-XIII); Baixa Idade Média (XIV-XVI). Para melhor compreensão ver: JÚNIOR, Hilário Franco. *A Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 9- 20.

¹⁶ MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. O leal conselheiro e a tradição do *espelho de príncipe*: considerações sobre o gênero. In: PAMPÍN BARRAL, Mercedes; PARRILLA GARCÍA, Carmen (Coord.). ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, 9, 2001, Murcia. *Actas del Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Múrcia: Universidade da Coruña, 3v, v.2, 2005. p. 89-104. p. 89.

¹⁷ *Ibidem*, p. 99.

salientar que essas obras são didáticas e dedicadas a príncipes, reis ou representantes senhoriais com o objetivo de normatizar sua conduta. Em suma, o documento é um espelho ao qual o governante correto deve atentar e seguir.¹⁸

A segunda tradição também remonta a Antiguidade greco-latina, além disso, aos textos com temáticas naturalistas ou alegóricas.¹⁹ Esse último modelo influencia diretamente na formação do bestiário, já que sua estrutura funciona através de metáforas. Isto é, nestes escritos os personagens animais apresentam características humanas de naturezas religiosas, morais e políticas. Esses documentos são instituídos por um caráter modelar ou satírico e, deste modo, sobressai a influência de diversos textos de origens ocidentais e orientais.²⁰

Três obras destacam-se diretamente na formação da literatura de bestiário: o primeiro é o *Fisiólogo* que, na Idade Média, é traduzido do grego para o latim e apropriado por representantes cristãos como Ambrósio (340-397), Pedro de Alexandria (m. 311), Epifânio (310-403), Basílio de Cesareia (330-379), João Crisóstomo (347-407), Atanásio de Alexandria (296-373) e Jerônimo (347-420). Esses eruditos relacionam o animal com os preceitos cristãos e tem o objetivo de ilustrar os aspectos do dogma e da moral dessa religião.²¹ De tal modo, contém o propósito didático-doutrinal e, como acontece com os *espelhos de príncipes*, o *Fisiólogo* é apropriado à *paideia* cristã.²²

A segunda obra é o livro XII, *A cerca de los Animales*, das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha (560-636), que é tomado como base de classificação e organização

¹⁸ SOARES, Nair de Castro. A Virtuosa benfeitoria, primeiro tratado de educação de príncipes escrito em português. *Biblos*, Coimbra, v. 69, p. 290-314, 1993. p. 290.

¹⁹ A alegoria é uma metáfora que representa algo através de outra. Os personagens e acontecimentos podem ser tanto históricos quanto fictícios ou fabulosos, e seu significado pode ser religioso, moral, político, individual ou satírico. THRALL, William Flint. *A handbook to literature*. New York: The Odissey Press, 1960. p. 7.

²⁰ Gregos: Esopo- *Fabulas Esopo* (VII-VI a. C.); Heródoto- *História* (V a. C.); Aristóteles- *De anima* (IV a. C.); Babrio- *Fabulas Babrio* (I-II). Latinos: Plínio- *História Natural* (I); Fedro- *Fabulas* (I); Higino- *Fábulas* (I) e Eliano- *Historia de los animales* (II-III). Cristãos: *Bíblia*- Antigos e Novos Testamentos, com destaque aos livros de Gênesis, Salmos, Provérbios e Apocalipse; Anônimo- *Fisiólogo* (I-III); Isidoro de Sevilha- *Etimologias*. (VI-VII). Árabe-Oriental: Ibn Al-Mukafa- *Calila e Dimna*. (VIII).

²¹ MACHADO, Jefferson Eduardo dos Santos. O uso simbólico dos animais na obra Antoniana. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da. (Org.) SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6, 2005, Rio de Janeiro. Atas da semana de estudos medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. p. 188-195. p. 188.; RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Entre saberes e crenças: o mundo animal de la Idade Média. *História Revista*, Goiás, v. 18. n.1, p. 135-150, 2013. p. 136.

²² Ver nota 11.

dos bestiários,²³ além da apropriação das características, comportamentos, virtudes e vícios humanos.²⁴ Sobretudo, a terceira obra destacada é a Bíblia, ela fornece o estilo através dos livros de Jó, Salmos, Daniel e Apocalipse, e que, também, servem de inspiração para a construção dos perfis dos animais com um caráter amplamente catequizador.²⁵

Neste gênero, os animais não são personagens meramente imaginários ou visam somente entreter seu leitor, mas são construídos para serem símbolos de condutas humanas. A literatura do bestiário é utilizada como instrumento de edificação social e moral, com caráter didático.²⁶

Sendo assim, o comportamento humano é comparado ao animal na aproximação dos seus interesses e *status*, podendo ser admirado ou, ao contrário, repudiado e temido:²⁷ esse caráter simbólico está relacionado ao que a sociedade e, sobretudo, o autor, deseja modelar.²⁸ Sabidamente, no nosso caso de pesquisa, a corte francesa, dando ênfase ao arquétipo ideal de rei e conselheiro propostos por Ramon Llull.

Por conseguinte, as bestas são transformadas em um modelo a ser seguido, com as virtudes a serem copiadas ou os vícios que devem ser evitados pelos homens, se tornando, assim, referências morais cristãs.²⁹

Portanto, os gêneros *espelho de príncipe* e *bestiário* são apropriados por pensadores cristãos que reconfiguram suas características ao representar seus personagens. Ao descrever os animais, Ramon Llull pretende estabelecer um exemplo didático cristão, definindo o comportamento ideal para o rei, a quem a obra é direcionada, e a seu conselho, representado por diversos animais, entretanto, onde destaca-se a figura da raposa.

²³ VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista online*, Lisboa, n. 2, p. 1- 52, 2006. p. 5-6.

²⁴ CAMPOS, Glícia Silva. *Simbolismo animal: os sermões de Santo Antônio de Lisboa e o bestiário medieval*. Rio de Janeiro, 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Literatura portuguesa)- Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. p. 31.

²⁵ *Ibidem*, p. 33.

²⁶ AMER, Sahar. A fox is not always a fox! or how not to be a Renart in Marie de France's Fables. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, Washington, v. 51, n. 1, p. 9-20, 1997. p. 9.

²⁷ CHADWICK, Joan V. The fox: a medieval view, and its legacy in modern children's literature. *Winter & Spring*, S.l., p. 71- 75, 1994. p. 71- 75.

²⁸ PASTOUREAU, Michel. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Paris: Éditions du Seuil, 2004. p. 14.

²⁹ VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário... Op. Cit., p. 1; RODILLA, Maria José. De fábulas y bestiários: la interpretación simbólica de los animales en la edad media. *Medievalia*, Ciudad de México, n. 27, p. 38-43, 1998. p. 38.

Vale salientar que o uso do bestiário permite ao autor uma crítica mais sutil e, provavelmente, uma melhor apreensão da reprovação exposta.³⁰ Deste modo, a nosso ver, no caso do texto de Llull, se trataria de uma possível crítica ao comportamento da corte francesa, em especial ao governante e ao seu conselho, que ocorre no momento em que o autor acaba de chegar nessa local, vindo do reino de Maiorca, com o objetivo de se estabelecer-se como conselheiro do monarca francês.

Considerando as suas relações com os referidos gêneros literários, analisamos a *representação* de dois animais do *LB*. A respeito desse nosso objetivo, Chambel argumenta que:

[...] é importante saber o local onde o animal surge representado, por exemplo, numa igreja ou em que seção de um túmulo. Revela-se igualmente pertinente saber a instituição a que se encontra ligada a fonte em que o animal é referenciado, assim como a sua história, devendo ter-se em consideração a região e o país onde a fonte foi produzida.³¹

Isto é, antes de analisarmos as *representações* das bestas, é preciso conhecer o local de produção e a instituição as quais o documento está ligado – podendo ser a corte ou igreja: isto se deve à variedade de significados que podem ser representados pelo autor ao descrever uma besta. Um exemplo apresentado por esse autor é o caso do leão, sobre o qual se diz que “[...] foi considerado na Idade Média um símbolo de Cristo, de Deus-Pai, da justiça divina, do poder real, mas também do diabo, da ferocidade e da coragem, ou da bravura de um guerreiro [...]”.³²

Corroboramos com sua reflexão e apresentamos primeiro o local de produção da obra, a possível instituição atribuída³³ e, a respeito das características dos personagens em questão, nos atentamos a três critérios pré-estabelecidos por Dittmar: o nome da espécie, descrição dos comportamentos típicos do animal e a forma codificada da *representação* simbólica.³⁴

³⁰ WOENSEL, Maurice Van. *Simbolismo animal medieval: os bestiários*. João Pessoa: UFPB, 2001. p. 46.

³¹ CHAMBEL, Pedro. Apresentação do projeto de investigação Dicionário de simbologias animais. In: _____; MIRANDA, Adelaide (Coord.). *Bestiário Medieval em perspectivas de abordagens*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014. p. 9-19. p. 12-13.

³² *Ibidem*, p. 9.

³³ Ver item 1.3.

³⁴ DITTMAR, Pierre Olivier. Performances symboliques et non symboliques des images animales. In: BARTHOLEYNS, Gil; GOLSENNE, Thomas. (dir.). *La performance des images, dans problèmes d'histoire des religions*. Bruxelas, n. 19, 2009. p. 59-70. p. 61.

Em vista disso, apresentamos e analisamos o nome do personagem, a descrição tradicional nos escritos da época e a sua *representação* na obra em debate. A reflexão é elaborada ao longo do capítulo de análise.³⁵

Questões de pesquisa

Tendo em vista nosso intento de examinar comparativamente a *representação* da figura do rei leão e da raposa conselheira no *Livro das Bestas*, levando em consideração a análise do texto em seu contexto de produção – isto é, da tentativa de inserção política e intelectual de Ramon Llull na França e, em específico, na corte como conselheiro do monarca e professor em Paris –, portanto estabelecemos as seguintes questões de pesquisa:

- Quais as relações entre a atuação de Llull na França e a redação do *Livro das Bestas*?
- Como são representados os perfis do rei leão e da raposa conselheira no bestiário de Llull?
- De que forma essas representações se articulam à atuação de Llull na corte parisiense?

Objetivos

A partir das questões levantadas temos como objetivo central refletir sobre a inserção de Ramon Llull no reino da França, durante o final do século XIII, primeiro construindo os perfis e depois comparando o modelo de governante e de conselheiro no *LB*, respectivamente atribuídos aos seguintes personagens animais: leão e raposa.

Por conseguinte, os nossos objetivos específicos são: discutir as motivações associadas à ida de Llull à França, e sobretudo, à Paris; refletir sobre a *representação* do rei leão e da raposa conselheira e, posteriormente, compará-las, atentando para como agem e interagem – entre si e com outros personagens – e suas qualificações sociais e morais, à luz do empenho de Llull como *homem de saber* neste contexto específico.

³⁵ A análise do perfil do leão está no item 3.1 e da raposa no 3.2.

Hipótese

Considerando nossa problemática, a referência à noção de *representação* de Chartier e do conceito de *homem de saber* de Verger, bem como do entendimento do *LB* como um *espelho de príncipe* e *bestiário* que pretendia modelar e alertar o rei sobre o mau conselho. Deste modo, nossa hipótese é que esse documento se associa à tentativa de inserção de Ramon Llull na corte de Paris, onde busca apoio para as construções das escolas de língua e de reconhecimento das suas obras na Universidade de Paris.

Com essa finalidade supracitada, Llull propõe, no *LB*, o modelo de leão e de raposa. Em ambos os casos, apresentam determinadas características que os distinguem dos outros personagens: desta forma, permite que, ao alertar o rei sobre os perigos dos maus conselheiros, Llull se apresente como o conselheiro “correto” a esse monarca – já que estava a pouco tempo nesse reino e precisava angariar apoio a seus projetos.

No *LB* o rei é descrito socialmente como nobre e de linhagem real, já sua qualificação moral: orgulhoso, leal, justo e forte; porém, mal aconselhado, acaba sendo desonroso, traidor, luxurioso, soberbo e covarde. Já a conselheira, em sua qualificação social, é associada, provavelmente, à baixa nobreza – ela é dependente daquelas bestas que caçam a carne –, seu aspecto moral é relacionado à sabedoria, astúcia, traição e eloquência. Através da sabedoria e do convencimento, ela consegue enganar e manipula o rei dos animais até que todo o plano é descoberto pelo governante.

Esses personagens investigados apresentam características opostas, essas são: lealdade-traição, força-astúcia e justiça-habilidade. Por isso, entendemos que Llull propõe à corte e a Filipe IV um escrito político que, ao discutir os modelos ideais de rei e, sobretudo, de mau conselheiro, serve tanto como alerta sobre possíveis adversários quanto, especialmente, apresenta Llull como um bom conselheiro.

Sendo assim, ao darmos voz a essa documentação, pretendemos observar como o autor utiliza as duas tradições literárias – *espelho de príncipe* e *bestiário* –, na tentativa de modelar o comportamento da realeza. Sendo esse um documento com grande teor político e que por muito tempo acabou ficando a margem dos estudos históricos llullianos. Interessa-nos investigar tal obra, por estar vinculada a viagem

do autor a um novo território, Paris (1288-1289),³⁶ por ser direcionada ao rei da França, ter um caráter modelar de corte e por ser pouco investigada pela bibliografia.³⁷

Em suma, faz-se necessário que o *LB* seja mais explorado, assim como o contexto de Llull em Paris. Por um duplo motivo: em primeiro lugar pela pouca exploração documental por historiadores; e em segundo, pela associação de Llull apenas a Catalunha por parte dos pesquisadores, esquecendo-se ou ignorando sua circulação e inserção em outros reinos e projetos políticos e intelectuais. Em vista disso, analisamos os perfis a partir das seguintes linhas analíticas: com quem interagem, como agem e as suas qualificações, sobre esse último nos preocupamos com os seguintes pontos: as características sociais e morais.

APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Tendo em vista o nosso objetivo de analisar e comparar os perfis do leão e da raposa no *LB* – a um só tempo, *bestiário* e *espelho de príncipe* – de Ramon Llull, atentando também para o seu âmbito de produção. Tendo em vista nossa intenção de pesquisa, essa investigação se aproxima da vertente historiográfica denominada de *Nova História Cultural*, que segundo Roger Chartier:

[A] Resposta [às críticas da linguística, sociologia e etnologia] do Historiador foi dupla: novos objetos, atitudes perante a vida e a morte, rituais e crenças, estruturas de parentescos e etc. Constituição de novos territórios pela anexação de territórios alheios (etnologia, sociologia e demografia). Tomava-se emprestado técnicas linguística e semântica, os instrumentos estatísticos da sociologia ou modelos antropológicos.³⁸

Deste modo, consolidou-se o diálogo interdisciplinar entre a História com a Linguística e a Sociologia³⁹ – em especial, em nosso trabalho, a análise de discurso. Além dessa aproximação, ainda envolve a análise de novos objetos, muitos dos quais

³⁶ Pesquisar sobre Llull nesse ambiente parisiense e, conseqüentemente, fora de Maiorca e da Catalunha é um desafio contra o nacionalismo catalão, que, exaustivamente, abraça o autor como personagem exclusivo dessa região, ignorando sua circularidade e inserção no Mediterrâneo.

³⁷ Essas obras são apresentadas e investigadas no item 2.2.

³⁸ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Miraflores: DIFEL, 2002. p. 14.

³⁹ “A Nova História Cultural, interdisciplinar, aproxima a História com a Antropologia, Linguística, Psicologia e Ciência Política.” BARROS, José D’Assunção. A nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-62, 2011. p. 39.

até então estavam à margem dos estudos históricos por serem considerados textos fictícios ou espúrios – caso dos bestiários.

Da *Nova História Cultural* utilizamos as noções⁴⁰ e conceitos de Roger Chartier, Jacques Verger e Pierre Bourdieu, ambos em diálogo. Os dois primeiros autores são historiadores e vinculados ao estudo cultural. Já Bourdieu, filósofo e sociólogo, é, com frequência, também associado à *Nova História Política*.⁴¹ Sua sociologia da prática, do qual nos apropriamos do conceito de *poder simbólico* e *porta-voz autorizado*, é importante para a compreensão de dada realidade social, ainda mais para os que tratam de cultura escrita ou literária.⁴²

Em nossa investigação empregamos os seguintes conceitos ou noções: do primeiro autor a noção de *representações sociais*, do segundo o conceito de *homem de saber* e do último, não que seja menos importante, o conceito *poder simbólico* e *porta-voz autorizado*.

Começamos a *representação* de Chartier, para quem:

[São] representações os vestígios, sejam de que tipos forem – discursivos, iconográficos, estatísticos, etc., – que indicam as práticas constitutivas de qualquer objetivação histórica.⁴³

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalização de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam [...] as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) [...].⁴⁴

Deste modo, ao *representar* e construir os indícios discursivos do leão e da raposa, Lull procurava estabelecer um modelo de conduta de governante e de conselheiro através de certas estratégias discursivas determinadas pelos interesses de certo grupo– em nosso caso dos *homens de saber*, que pretendiam normatizar condutas por meio de sua erudição, amparado em sua produção livresca e cultural,

⁴⁰ “[...] As “noções” são “quase conceitos”, mas ainda funcionam como tateamentos na elaboração do conhecimento científico, atuando à maneira de imagens de aproximação de um determinado objeto de conhecimento – imagens que, rigorosamente, ainda não se acham suficientemente delimitadas. Mentalidades, imaginário e representações são noções que ainda estão sendo experimentadas no campo das Ciências Humanas [...]” BARROS, José D’Assunção. *A nova História...* Op. Cit., p. 52.

⁴¹ Suas contribuições para o estudo cultural nem sempre são lembradas.

⁴² BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 91-92. Além desse conceito, o de *teoria da prática*, ideia de *reprodução cultural* e a *noção de distinção* vinculam-se com frequência aos estudos culturais. BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 76-78.

⁴³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural...* Op. Cit., p. 87.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 17.

bem como nos vínculos dinásticos. Então, Ramon Llull tentou se inserir no reino francês em busca de apoio para construir as escolas de línguas e, bem como, para reconhecer suas obras na Universidade de Paris, apresentando-se como conselheiro e representante de Jaime II.

O seu conhecimento e produção erudita nos fazem compreender Ramon Llull como um dos *homens de saber*⁴⁵ que, nas palavras de Verger:

[...] não se restringem a uma erudição latina, a uma cultura livresca, ao final da Idade Média. Mas sim, constituem os detentores de valores culturais, que lhes permitem o exercício de profissão, a participação no poder e até mesmo a atividade erudita. [...] Os livros eram a sua marca, a sustentação de seu poder e os fornecedores da justificativa de seu papel social.⁴⁶

Assim, Llull era dotado de uma erudição que lhe permitia atuar como professor em Miramar e Paris. O reconhecimento, pelo frade franciscano Bertrán Berenguer, das suas obras em Maiorca,⁴⁷ a obtenção do título de *Magister Artium Honoris Causa*⁴⁸ e em 1311 de *Doctor Honoris Causa*,⁴⁹ dado por Francesc Caroccioli, Chanceler da Universidade de Paris.⁵⁰ São conquistas obtidas através dos livros, esses são os pilares da sustentação de seu poder e também fundamentais para instituir seu papel social de detentor de valores culturais. Estes lhe permitiam ser professor, conselheiro e diplomata de Jaime II, além de possibilitarem a atividade erudita de homem das letras, autorizando que Llull escrevesse sobre diversos temas.⁵¹

⁴⁵ A historiografia tende a abordar o erudito medieval da Idade Média Central a partir de dois conceitos: o *intelectual* ou o *homem de saber*. O primeiro é fruto das reflexões de Le Goff e designa um meio de contornos bem definidos: o dos mestres das escolas, desenvolvidos nas escolas urbanas do século XII e, sobretudo, nas universidades a partir do século seguinte. Neste sentido, o termo “intelectual” é pensado para deslocar a atenção das instituições para os homens, das ideias para as estruturas sociais, práticas e mentalidades – por fim, para o erudito e professor, pensador por ofício, argumentador, científico e crítico. LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 23, 130; TEIXEIRA, Igor Salomão. O intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 7, p. 155-173, 2014. p. 158. Já o segundo, sob a pena de Verger e com o qual nos identificamos, atenta mais aos homens dotados de poder e livros, mais ao conhecimento e à produção livresca, acervos e afins, não necessariamente associados ao âmbito universitário. VERGER, Jacques. *Homens e saber...* Op. Cit., p. 8.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 24.

⁴⁸ RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., 195-209, 2008, p. 209.; VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 21.

⁴⁹ Ver item 1.2.

⁵⁰ Ibidem, p. 35.

⁵¹ Essa questão é apresentada no 1.2.

Os reconhecimentos apresentados conferiram *poder simbólico*⁵² e consequentemente autoridade como *porta-voz autorizado*, chegamos aos conceitos de Bourdieu. A esse respeito, diz o sociólogo:

Há uma retórica de todos discursos institucionais, quer dizer, da fala oficial do porta-voz autorizado que se exprime em situação solene, e que dispõe de uma autoridade cujos limites coincidem com a delegação da instituição.⁵³

Isto é, o reconhecimento da autoridade de *porta-voz* de determinado grupo ou instituição vem de fora, do prestígio adquirido e delegado ao personagem histórico, de tal modo o poder é atribuído ao nosso personagem através do reconhecimento de seu conhecimento. A projeção de Llull no cenário Mediterrâneo estava vinculada com a aprovação de sua erudição e dos seus escritos, sendo esse, objeto fundamental para sua inserção nos debates de sua época, e assim tornava-o representante de um grupo de *homens de saber* e de Jaime II.⁵⁴

Igualmente, a legitimação do conhecimento de Llull encontrava-se na aprovação conferida por autoridades eruditas, pela universidade e monarcas. Portanto, o seu conhecimento possibilitava o reconhecimento dos seus textos por eruditos que lhe atribuíam poder e autoridade, proporcionando sua atuação em determinados locais- corte de Maiorca e da França- e sobre variados assuntos, monarquia e exortação a cruzada, os quais tenta modelar ou exortar.

Por conseguinte, o autor circulava tanto no âmbito monárquico como no institucional cristão, dedicando obras para conversão dos não cristãos e de normatização, modelagem, da conduta dos próprios cristãos, caso do *LB*. Deste modo, analisamos os modelos de governante e conselheiro pensados pelo autor ao elaborar esse livro.

⁵² Embora profundamente distintas em seus desdobramentos, as concepções de poder em Bourdieu e Foucault, convergem ao considerar que este não é necessariamente objeto do Estado, mas um exercício constante de sujeição e dominação. Nossa percepção sobre o poder se aproxima do *poder simbólico* de Bourdieu: assim, Llull ganhou prestígio e autoridade – em suma, *capital simbólico* – de acordo com o reconhecimento obtido através do saber, a partir da aprovação de seus escritos por monarcas e universidades, tanto em Maiorca quanto em Paris. SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu. *Plural*, São Paulo, n. 6, p. 103-117, 1999.; CAFÉ, Anderson Luis da Paixão; RIBEIRO, Núbia Moura; PONCZEK, Roberto Leon. Construindo uma cartografia do poder sob as óticas de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. *Saberes*, Natal, v. 1, n. 14, p. 238-262, 2016. *Coisas ditas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2004. p. 103-117.

⁵³ BOURDIEU, Pierre. *A economia...* Op. Cit., p. 87.

⁵⁴ RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 204.

Partimos do pressuposto que tal documento propunha, mesmo que indiretamente, um arquétipo de comportamento para a corte de Filipe IV da França e era um aviso sobre o mau aconselhamento de um conselheiro traidor, que poderia referenciar ao ambiente francês em que Llull tentava se inserir naquele momento.

O *LB* almejava caracterizar o rei leão e a raposa conselheira às suas escolhas e condutas como um padrão, os comportamentos que seriam corretos e os que deveriam ser evitados. Llull representava as suas posições e interesses, descrevendo uma corte pautada num arquétipo de comportamento cristão. Haja vista que os discursos não eram neutros, autores como ele, produzia suas próprias estratégias e práticas que tendiam a impor à autoridade a custa de outros, arriscando estabelecer suas escolhas e condutas.⁵⁵

Antes de analisarmos os ditos perfis construídos por Ramon Llull no *LB*, é preciso salientar que os personagens seguem determinadas leis do enredo do texto. Para verificarmos o processo de construção dos personagens e chegar ao fio condutor dos modelos estabelecidos pelo autor,⁵⁶ apresentando as similitudes e diferenças de seus perfis, faz-se necessário o uso da metodologia comparada.

Nossa abordagem metodológica caminha por dois vieses, a *Análise do Discurso* e a *História Comparada*. Sobre a primeira, compreendemos, assim como Maingueneau, que: “O *discurso* é concebido como a inclusão de um *texto* em seu *contexto*”,⁵⁷ estando relacionado com a condição de produção e a recepção do discurso. Em vista disso é fundamental refletir sobre quem escreveu a obra e para quem era direcionada – para qual grupo social, período e região.

Sobre o segundo viés: com o objetivo de comparar as *representações*, utilizamos a abordagem metodológica da *História Comparada*, a partir da perspectiva de Jürgen Kocka. Segundo o autor, comparar é: “[...] discutir dois ou mais fenômenos históricos sistematicamente com respeito a suas similaridades e diferenças de modo a alcançar certos objetivos intelectuais [...]”.⁵⁸

Adaptamos o pensamento do autor para atingirmos nosso objetivo nessa pesquisa, salientamos que não examinamos dois fenômenos sociais- históricos em si, mas dois perfis de modo a atingir determinados objetivos intelectuais. Destacamos

⁵⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural...* Op. Cit., p. 17.

⁵⁶ BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2004. p. 68.

⁵⁷ MAINGUENEAU, Dominique. Discurso. In: ____, CHARAUDEAU, Patrik. (Ed.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 168-72. p. 169.

⁵⁸ KOCKA, Jürgen. Para além da comparação. Tradução de Maurício Pereira Gomes. *Esboços*, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, 2014. p. 279.

aqui o *descritivo*,⁵⁹ isto é, comparamos os modelos para atingir suas singularidades. Ou seja, o fio condutor que guia a *representação* do rei leão e da raposa conselheira, de modo que apresente as qualificações em comuns ou díspares ao contrastar suas caracterizações.

Com a pretensão de construir essas *representações*, utilizamos duas técnicas de análise correlatadas: a primeira *Focar nos elementos narrativos*⁶⁰ e a segunda a *Análise Narrativa*,⁶¹ ambas dialogando. A primeira técnica, segundo Silva, consiste na:

[...] identificação dos diversos elementos que configuram uma narrativa: personagens; intervalos de tempo e espaços nos quais as ações se desenrolam; o enredo; a trama, e o narrador. [Personagens] há que observar como são qualificados, como agem e interagem entre si.⁶²

A segunda técnica, nas palavras de Gancho, corresponde ao entendimento que:

[...] toda narrativa tem elementos fundamentais, [...] tais elementos de certa forma responderiam as seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê? Em outras palavras, a narrativa é estruturada sobre cinco elementos principais: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.⁶³

Deste modo, ao construirmos os perfis, articulamos essas técnicas e nos atentamos ao enredo- eleição do rei e cotidiano da corte; os personagens- as bestas, como são qualificados, agem e interagem; intervalo de tempo; os ambientes; o narrador; o enredo;⁶⁴ clímax⁶⁵ e o desfecho,⁶⁶ percebendo suas características sociais e morais. Para estabelecer tais representações é necessário analisar o enredo em que

⁵⁹ “Descritivamente, as comparações históricas ajudam a esclarecer os perfis de casos singulares, frequentemente apenas de um caso, pelo(s) seu(s) contraste com outros.” Ibidem, p. 280.

⁶⁰ SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 131-153, 2015.

⁶¹ GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

⁶² SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta... Op. Cit., p. 149.

⁶³ GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar...* Op. Cit., p. 5.

⁶⁴ A exposição foi do prólogo a exclusão da raposa dos cargos cortesãos; a complicação iniciou com a sua exclusão e a declaração de traição frente ao rei.

⁶⁵ Quando o leão descobriu a traição da raposa com ajuda do Elefante.

⁶⁶ A morte da raposa pelo governante e o retorno da paz no reino. Elaboramos quatro tabelas de análise articulando as técnicas *Focar nos elementos narrativos* e *Análise narrativa*. Ver anexo IV, tabelas 1 à 4.

esses personagens fazem parte, essas técnicas nos dão subsídios para prosseguirmos com a averiguação.

Neste capítulo, apresentamos nossa problemática de pesquisa, tendo como desígnio analisar o *LB* com ênfase na *representação* do rei leão e da raposa conselheira, contudo, percebemos a necessidade de compreender o contexto de produção. Sendo assim, partimos do macro, dos ambientes aragonês e francês para o micro, os moldes estabelecidos na documentação.

Ramon Llull era um erudito do século XIII que desempenhou um papel de pregador, professor e conselheiro – estudou, dentre outros, árabe, teologia e filosofia em Maiorca –, atuava nas universidades de Montpellier e Paris, bem como na escola de Miramar e na corte maiorquina.

Para o Filipe IV da França escreveu o *LB* com o objetivo de alertá-lo sobre os falsos conselheiros e modelar o comportamento do rei e de seu conselho, sobretudo, se oferecer como conselheiro, nas figuras das bestas que analisamos. Esses dois personagens possuem características próprias em seus modelos que podem se aproximar ou distanciar entre eles e com os outros arquétipos bestiais.

Em vista disso, investigamos as *representações* do rei e da conselheira pensadas por Ramon Llull em sua estadia na França e, posteriormente, comparamos esses perfis para determinar as estratégias narrativas utilizadas pelo autor na documentação, visando estabelecer as similaridades e diferenças de suas *representações*.

CAPÍTULO 1- RAMON LLULL E SUA ATUAÇÃO NA FRANÇA

Antes de iniciarmos a análise sobre a viagem de Ramon Llull à França, precisamos atentar a respeito da bibliografia que aborda suas obras e trajetória. Ao examinarmos artigos, dissertações e teses,¹ percebemos que em sua maioria a vida do autor é apresentada em três momentos: vida na corte;² conversão e período de estudo;³ e, por fim, as viagens pelo Mediterrâneo em busca de apoio político e de pregação.⁴ Ou seja, estas análises reforçam uma perspectiva cristã de progresso, em geral, inicialmente o personagem tem uma vida mundana e incorreta, passando pelo processo de conversão e aprendizagem e finalizando com uma vida correta e mensageira da palavra.

Essa exposição coerente e linear de vida de Llull é amparada pela análise de duas obras, a *VC* e a *EPB*. A primeira é um relato autobiográfico de Ramon Llull aos

¹ ARNOU, Carme. Ramon Llull. In: RAMON LLULL. *Llibre de meravelles*. Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980. p. 5- 8.; AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra científico-matemática de Ramon Llull. In: ESPAÑOL GONZÁLEZ, Luis; ESCRIBANO BENITO, José Javier; MARTÍNEZ GARCÍA, María Angeles (Coord.). *CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIA DE LAS CIENCIAS Y DE LAS TÉCNICAS*, 7, 2002, Cádiz. *Actas congreso de la sociedad española de Historia de las ciencias y de las técnicas*. Cádiz: Universidad de la Rioja, 2004. p. 21-34.; RAMIS BARCELÓ, Rafael. Estudio Preliminar. In: _____. *Ramon Llull: arte de derecho*. Madrid: Universidade Carlos III de Madrid, 2011. p. 15-86.; GINARD BUJOSA, Antoni. *Ramon Llull, viatger universal*. Maiorca: Universitat de les Illes Balears, 2015. P. 3-30.; COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo (Siglos XIII-XIV). *Abacus*, Barcelona, n. 11, p. 1-142, 2013. 16-47.; LUZÓN DÍAZ, Rubén. Una aproximación a la noción de exemplum en la obra luliana, seguida de un breve comentario en los exempla del capítulo 62 del *Llibre de meravelles*. *Revista de lenguas y literaturas catalana, gallega y vasca*, Madrid, v. 12, p. 253-276, 2006.; JAULENT, Esteve. Introdução. In: RAMON LLULL. *O livro do gentio e dos três Sábios*. Tradução de Esteve Jaulent. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-40.; LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada: a conversão dos infiéis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316)*. Espírito Santo, 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações políticas) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo. 2010. p. 47- 75.; MARRONI, Paula Carolina Teixeira. *O livro da ordem de cavalaria, de Ramon Llull: uma proposta de educação social pautada no modelo de conduta virtuosa*. Paraná, 2015. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2015. p. 24- 64.; RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto de Ramon Llull. *Catalan Historical Review*, Barcelona, n. 1, p. 195-209, 2008.; SARANYANA, Josep Ignasi. *A filosofia medieval...* Op. Cit., p. 376-381.; VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull: obres i etapes essencials. *Revista Internacional d'Humanitats*, Barcelona, n. 40, p. 15- 46, 2017.; VEGA ESQUERRA, Amador. *Ramon Llull and the secret of life*. New York: The Crossroad, 2003. p. 1-30.; WYLLIE, Guilherme. Introdução. In: RAMON LLULL. *A nova lógica*. Tradução de Guilherme Wyllie. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2014. p. 9-17.; ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull. *Roda da Fortuna*, S. l., v. 2, n. 2, p. 128-154, 2013.

² *VC*. Cap. I, p. 5-6.

³ *VC*. Cap. I-III, p. 7-12.

⁴ *VC*. Cap. III-IX, p. 12- 36.

cartuxos,⁵ já o segundo uma releitura do primeiro, feito por seu discípulo Thomas Le Myésier (m. 1316). Por mais que as análises possam ser críticas, elas acabam presumindo uma certa linearidade e coerência dos fatos vividos por Llull, de tal modo, apresenta sua trajetória de vida de forma encadeada.

A respeito dessa documentação de perfil (auto)biográfico, Bourdieu nos alerta que:

O relato, seja ele biográfico ou autográfico, como o investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, se terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica, tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relatos inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia têm de certa forma o mesmo interesse em aceitar postulado do sentido da existência narrada.⁶ [...] Essa propensão a tornar-se o ideólogo tem de sua própria vida, selecionando, em função de uma intenção global, certos acontecimentos significativos e estabelecendo entre eles conexões para lhe dar coerência, como as que implicam a sua instituição como causas ou, com mais frequência, como fins, conta como a cumplicidade natural do biógrafo, que, a começar por suas disposições de profissional da interpretação, só pode ser levado a aceitar essa criação artificial de sentido.⁷

Assim, o que Bourdieu chama de “ilusão biográfica” é uma espécie de ficção criada de si e apoiada por instituições com objetivo de dar sentido e coerência aos acontecimentos narrados, segue uma cronologia⁸ e uma ordem lógica, que induzem a

⁵ “[...] [foi] fundada em 1084 por Bruno de Colônia no vale de La Chartreuse, norte de Grenoble. O modo cartuxo de vida proporcionava a oportunidade de viver como eremita no seio de uma comunidade religiosa.” LOYN, Henry Royston. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 76.

⁶ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.181-191. p. 184.

⁷ *Ibidem*, p. 185.

⁸ Disponibilizamos um quadro cronológico no anexo II. A vida de Ramon Llull foi descrita por vários pesquisadores, dos quais destacamos, para consulta, as suas seguintes obras: PEERS, Edgar Allison. *Ramon Llull: a biography*. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1929. p. XV-XVI.; LLINARES, Armand. *Ramon Llull*. Palma de Maiorca: Molí, 1990. p. 14-18.; VEGA, Amador. *Ramon Llull...* Op. Cit., p. 259- 261.; ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel. Obras e ideas: el sueño de la unidad. *La aventura de la Historia*, Madrid, ano. 18, n. 216, p. 60-65, 2016. p. 62-63.; JAULENT, Esteve. Introdução. In: RAMON LLULL. *Escritos antiaverroístas (1309-1311)*. Tradução de Brasília Bernardete Rosson; Sérgio Alcides; Ronald Polito. Porto Alegre: EduPUCRS, 2001. p. 7-28.; COSTA, Ricardo da. Apresentação. In: RAMON LLULL. *O Livro da ordem de cavalaria*. Edição bilíngue de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Llull, 2010. p. 13-40.; BADIA I PAMIÉS, Lola; BONNER, Anthony. *Cronologia de Ramon Llull*. Disponível em: <http://www.ramonllull.net/sw_studies/l_br/s_crono.htm>. Acesso em 28/10/2017.; QUINTANA, Jordi. *Cronologia de Ramon Llull*. Disponível em <<http://www.xtec.cat/~jquintan/llull98/cronocas.htm>>. Acesso em 28/10/2017. Nossa escolha, para a construção do anexo II, se pauta em dois pontos centrais: primeiro por ser uma cronologia fruto de uma reflexão mais atualizada e, depois, por trazer junto a vida de Llull diversas questões culturais e

acreditar que estava calcada desde o início de sua carreira erudita-cristã. Os pesquisadores acabam não levando em consideração que a autobiografia *VC* é de 1311, a *EPB* de 1325 e que ambas pretendiam estabelecer uma memória e coerência na trajetória de vida de Llull.

Desta forma, a nossa construção textual sobre a trajetória de Llull almeja desviar dessa tradicional linearidade e coerência apontada acima. Não aspiramos descrever sua vida desde seu nascimento até a sua morte, passando pela vida cortesã, conversão e estudos/pregação, tão comumente apresentada, mas compreender sua formação erudita e suas relações políticas, com particular interesse no contexto francês.

De tal modo, apresentamos a trajetória de Ramon Llull, atentando para questões que interessam a nossa investigação. Em vista disso, almejamos a seguir compreender a trajetória do autor, dando ênfase a sua formação erudita, atuação como *homem de saber* e a inserção, primeiramente, no reino de Maiorca e depois no da França.

1.1- REINOS DE ARAGÃO E DA FRANÇA NO PERÍODO DE RAMON LLULL

O início do século XIII foi marcado pela expansão do reino de Aragão em direção ao sul da Península Ibérica, o que levou à intervenção e domínio das regiões de Maiorca e Valência pelo rei Jaime I (1208-1276),⁹ respectivamente nos anos 1229 e 1238. Tais conquistas faziam parte do movimento de cruzada e expansão comercial desse reino,¹⁰ visando o intenso comércio dos reinos da península Ibérica com o norte da África, Sicília, Sardenha e parte da atual Itália.¹¹ Esse projeto expansionista

históricas. É importante salientar que utilizamos as várias cronologias citadas tomando, contudo, a liberdade de alterar, incluir ou excluir determinadas palavras ou eventos e datas importantes para nossa pesquisa.

⁹ Nasceu em 1208, foi tutelado por Simon de Montfort (1211-1214), depois pelos Templários (1214-1217) e, a partir de 1217, pelos seus súditos. No ano de 1214 tornou-se, em Lérida, o rei menino, aos seis anos. Desta forma, era tutelado e o reino governado pelo seu tio Sancho. Mais adiante, Jaime I, em seu governo, conquistou Maiorca, Burriana, Valência, Játiva, Biar, Múrcia e outras regiões. COSTA, Ricardo da; VIANNA, Luciano. Introdução. In: JAUME I DE ARAGÃO. *Livro dos Feitos*. Tradução de Luciano Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Llull, 2010. p. 11-15. p. 11-12.

¹⁰ SANCHEZ SANCHEZ, Esteban. Aragón y su intervención militar en el mediterráneo medieval. *Militaria, Revista de Cultura Militar*, Madrid, n. 12, p. 31-48. 1998. p. 34.

¹¹ HILLGARTH, Jocelyn Nigel. Vida i importància de Ramon Llull en context del segle XIII. *Anuario de Estudios Medievales*, Barcelona, v. 2, n. 26, p. 967-978, 1996. p. 967-968.

possibilitou dobrar o antigo território e legitimar seu poder monárquico frente a nobreza local.¹²

Nesse contexto expansionista nasceu Ramon Llull, na ilha de Maiorca, vinha de uma família nobre¹³ ou burguesa de Barcelona.¹⁴ Seu pai participou da conquista da ilha pelo rei Jaime I, que o recompensou com propriedades nessa região,¹⁵ fato demonstrado no documento *Llibre del Repartiment* (1230-1235).¹⁶ Atualmente, sabe-se que no ano 1232 sua família possuía aproximadamente 159 hectares na ilha,¹⁷ quantidade que reflete sua proeminência nessa região.

Inicialmente, a vida de Ramon Llull estava relacionada com a monarquia de Aragão, onde atuou como pajem e cavaleiro de Jaime I. Posteriormente, como senescal e mordomo de seu filho,¹⁸ o futuro rei Jaime II (1243-1311) de Maiorca, monarca com quem, a princípio, mantinha uma relação próxima como tutor e conselheiro e, depois, como *porta-voz*.¹⁹

A permanência de Llull em Maiorca foi afetada pela disputa monárquica entre os herdeiros de Jaime I. Em 1272 o rei fez seu testamento dividindo o reino de Aragão entre seus filhos: Jaime, que recebeu Montpellier, Ilhas Baleares, os condados de Rossilón, Cerdanã, Vallespir e Conflent; Pedro (1240-1285), o reino de Aragão, principado da Catalunha e Valência.²⁰

Após a morte do monarca de Aragão, Jaime II tornou-se rei de Maiorca e Pedro III de Aragão (1279). Esse último, com o objetivo de expandir seus domínios

¹² Ver Anexo I- Mapa 1.

¹³ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o Libro del Orden de Caballería. *Mediaevalia Textos e Estudos*, Porto, v. 11-12, p. 231-252, 1997. p. 231.

¹⁴ ZACARÍAS SANHUEZA, Yohad. Hacia los tres estados mentales: el contexto luliano en base a la noción de viaje durante el siglo XIII. *Revista Electrónica historias del Orbis Terrarum*, Santiago, n. 4, p. 175-197, 2010. p. 179.

¹⁵ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316)... Op. Cit., p. 231.

¹⁶ BUJOSA, Antoni Ginard. *Ramon Llull, viatger...* Op. Cit., p. 4.

¹⁷ SOTO I COMPANY, Ricard. Alguns casos de gestió colonial feudal a la Mallorca del segle XIII. *Catalanes amb accés obert*, Barcelona, n. 5-6, p. 345-369, 1985. p. 349.

¹⁸ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 18.; AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra... Op. Cit., p. 22.; NAVARRO ESPINACH, Germán. Consejeros influyentes y personas de confianza en entorno cortesano de los reyes de Aragón (siglos XIII-XV). In: MUÑOZ, Ángel Sesma (Coord.). *La corona de Aragón en el centro de su historia 1208-1458: la monarquía aragonesa y los reinos de la corona. Aragón: Gobierno de Aragón, Departamento de Educación, Cultura y Deporte*, 2008. p. 129-179. p. 135.

¹⁹ Llull era reconhecido, em determinados grupos – cortesão e intelectual –, como representante dos interesses régios, atuando como conselheiro e embaixador de Jaime II de Maiorca. Assim, o autor atuava em nome da coletividade e tinha legitimidade. BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EdUSP, 1996. p. 107.

²⁰ COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). *Mirabilia*, Barcelona, v. 1, p. 163-172, 2001. p. 166.

pelo Mediterrâneo, submeteu o rei Jaime II de Maiorca²¹ a reconhecer a soberania catalã-aragonesa sobre seus territórios²² e depois, no ano de 1285, dominou a ilha de Maiorca.

Em 1282 o rei de Aragão invadiu a Sicília e se proclamou rei, o papa Martinho IV (1210-1285) o excomungou e outorgou todos seus territórios a Carlos de Valois da França (1270-1325), segundo filho de rei francês Filipe III (1245-1285).²³ Nessa disputa entre Aragão e França, Jaime II ficou a favor dos franceses e contra seu irmão. Em 1285 o rei francês invadiu a Catalunha, mas foi derrotado e, pouco depois, morreu,²⁴ assumindo seu filho Filipe IV. Apenas no ano de 1298, Jaime II recuperou a Ilha, porém aceitando o Tratado de Perpignan (1279) e, assim, continuou subordinado à coroa de Aragão.

Vale lembrar que o rei Filipe III era casado com Isabel de Aragão (1243-1271), irmã de Jaime II e Pedro III. Deste modo, Jaime optou em apoiar o lado de sua irmã contra o irmão que o submetera. Nesse contexto, Ramon Llull empreendeu uma série de viagens, muitas delas a Perpignan e Montpellier locais da corte de Jaime II.²⁵ Também, não por acaso, buscou apoio no reino da França, então aliado do rei maiorquino.²⁶

Com a perda de Maiorca por Jaime II e a relação próxima desse monarca com Filipe IV, acarretou na tentativa de inserção de Llull nesse ambiente e na Universidade de Paris, onde buscava apoio nas construções das escolas de línguas, legitimar suas obras e obter reconhecimento da sua erudição. Para compreender a necessidade de inserção nesse espaço é preciso conhecer a formação de Ramon Llull e a sua atuação nas cortes.

²¹ Vale ressaltar que Maiorca era um ponto estratégico para controlar o comércio marítimo da região. Idem.

²² DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. Algunas reflexiones sobre el trasfondo geopolítico del pensamiento luliano. In: ROCHE ARNAS, Pedro. *El pensamiento político en la Edad Media*. Madrid: Centro de estudios Ramón Areces, 2010. p. 403-417. p. 411.

²³ Idem.

²⁴ COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão... Op. Cit., p. 166.

²⁵ Idem.

²⁶ Todas essas circunstâncias nos fazem concordar que a sua posição era a favor do rei de Maiorca, com quem tinha uma relação próxima desde a sua carreira cortesã. A relação de parentesco, entre os Reinos de Aragão, Maiorca e França, pode ser observada no Anexo I- Mapa 2.

1.2- FORMAÇÃO ERUDITA DE RAMON LLULL E SUA ATUAÇÃO NAS CORTES CRISTÃS

Ramon Llull, dito *homem de saber*, tinha uma grande carga de conhecimento e era detentor de uma cultura livresca que sustentava seu poder e autoridade, sua inserção, nos reinos mediterrâneos e nas universidades, estava relacionada à sua erudição e a ampla produção literária.

Contudo, não fica claro nas documentações os locais de ensino em que o autor frequentou e a sua formação educacional. Assim, em diálogo com a historiografia, discutimos os possíveis locais de ensino na trajetória de Llull e, neste âmbito, sua formação intelectual. Dividimos a análise em dois momentos: o primeiro vinculado à vida cortesã (1232-1264) e o segundo ligado aos centros de ensinamentos cristãos e universitários (1265-1273).

Sobre a primeira etapa de formação do autor, a maioria dos pesquisadores acredita que a sua trajetória educacional esteja relacionada ao ambiente cortesão.²⁷ Isto é, de uma nobreza instruída,²⁸ conhecedora do trovadorismo²⁹ e dos ensinamentos e ofícios da cavalaria.³⁰ Esses saberes faziam parte de sua atuação nas cortes de Jaime I de Aragão e Jaime II de Maiorca.³¹ Já sobre seu conhecimento de língua latina, também iniciado nesse período, parte dos pesquisadores afirma que Ramon Llull deveria conhecer um latim rudimentar, tanto na escrita quanto na leitura.³²

No que diz respeito à segunda etapa, há uma unanimidade sobre o começo de seus estudos: os pesquisadores acreditam que, aconselhado por Ramon de Penyafort

²⁷ HILLGARTH, Jocelyn Nigel. La biblioteca de La Real: fuentes posibles de Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 7, p. 5-18, 1963. p. 5.; BONILLO HOYOS, Xavier. *Ramon Llull a París: un recorregut històric i intel·lectual*. Alacant: Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives, 2008. p. 28.; ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria... Op. Cit., p. 132.; LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregaçao e Cruzada...* Op. Cit., p. 47.; COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 20.

²⁸ Ruiz Simon e Villalba I Varneda diferem da maioria, acredita que a o autor teria recebido uma educação burguesa. RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 196- 197.; VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 15-46, 2017, p. 16-17.

²⁹ HILLGARTH, Jocelyn Nigel. La biblioteca... Op. Cit., p. 5.; ROBLES CARCEDO, Laureano. Introdução. In: RAMON LLULL. *Libro de las bestias*. Trad. de Laureano Robles Carcedo. Madrid: Clásicos del pensamiento, 2006, p. 9- 32. p. 11.

³⁰ ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria... Op. Cit., p. 132.; AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra... Op. Cit., p. 23.

³¹ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 20.

³² HILLGARTH, Jocelyn Nigel. La biblioteca... Op. Cit., p. 6.; RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 196- 197.; VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 16-17.

(1175-1275), Llull teria estudado em Maiorca com um escravo árabe adquirido para esse fim.³³ Os investigadores diferem sobre o que o autor estudou e os outros, possíveis, locais de ensino frequentados, depois do período de estudo junto com o escravo árabe.

Llull adquiriu um conhecimento da língua árabe e latim,³⁴ além de filosofia e teologia³⁵ oriental e ocidental e, também, sobre os pais da Igreja.³⁶ Sobre os possíveis locais de ensino, destacam-se três possibilidades, a saber: o mosteiro cisterciense de La Real;³⁷ a escola, também cisterciense, de Valmagne, onde teria conhecido a filosofia, medicina árabe³⁸ e teologia;³⁹ por último, em Montpellier, no *studium* teológico fundado por Jaime I,⁴⁰ onde teria aprendido sobre medicina,⁴¹ latim e teologia.⁴²

A nosso ver, o primeiro momento de vida de Llull estava, de fato, vinculado com o ensino de corte, concordamos com Zierer e Messias,⁴³ Costa⁴⁴ e Ausejo Martínez.⁴⁵ Deste modo, concordamos que Llull recebeu uma educação de cavaleiro, trovador e o conhecimento de latim, do qual não conseguimos medir o grau de sapiência, mas discordamos que fosse um homem sem conhecimento ou rudimentar.

³³ RAMIS BARCELO, Rafael. Estudio Preliminar... Op. Cit., p. 17.; ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria... Op. Cit., p. 133.; LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada*... Op. Cit., p. 54.; COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 22.; HILLGARTH, Jocelyn Nigel. La biblioteca de La Real... Op. Cit., p. 6.; AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra... Op. Cit., p. 23.; RODRÍGUEZ TEJERINA, José Maria. El pensamiento médico de Ramon Llull em la época de Miramar. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 71-76, 1978. p. 74.; CARCEDO, Laureano Robles. Introdução... Op. Cit., p. 11.; SEGUÍ, Gabriel. La influencia cisterciense en el beato Ramón Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 2, p. 21-48, 1958. p. 248.

³⁴ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 22.

³⁵ ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria... Op. Cit., p. 133.

³⁶ Conhecia os textos de Aristóteles, Ptolomeu, Boécio, Agostinho, Gregório Magno e outros mais, além de escritos árabes e hebreus como o Alcorão, Algatzell, Averrois, Ibn Arabi e etc. Também tinha o conhecimento de Lei, Medicina, Geometria e Astronomia. VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 18.

³⁷ ROBLES CARCEDO, Laureano. Introdução... Op. Cit., p. 11.; COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 22.

³⁸ Idem.

³⁹ SEGUÍ, Gabriel. La influencia cisterciense... Op. Cit., p. 257.

⁴⁰ HILLGARTH, Jocelyn Nigel. La biblioteca de La Real... Op. Cit., p. 14-15.; RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 198.; SEGUÍ, Gabriel. La influencia cisterciense... Op. Cit., p. 257.

⁴¹ RODRÍGUEZ TEJERINA, José Maria. El pensamiento médico de Ramon Llull... Op. Cit., p. 74.

⁴² ROBLES CARCEDO, Laureano. Introdução... Op. Cit., p. 11. Elena Ausejo Martínez acredita que Llull tenha estudado a *trivium* e *quadrivium* nesse centro de formação, obtendo a formação universitária, posição que contraria todos os outros autores.; AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra... Op. Cit., p. 23.

⁴³ ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria... Op. Cit., p. 132.

⁴⁴ COSTA, Ricardo da. Ramon Llull y la Orden del Templo... Op. Cit., p. 20.

⁴⁵ AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra... Op. Cit., p. 23.

Para nós, essa afirmação, é uma das artimanhas da *ilusão biográfica*. Destacamos a seguinte passagem da VC:

[...] ele duvidou ser apto (livros) e disposto a tão alto ministério; porque considerando ser iletrado — como em sua juventude só havia aprendido um pouco de gramática — e considerando esta falta tão grande e defeito em tão alto ministério [...]. E pensando estas coisas com pensamento doloroso, confiou e pensou que ainda doravante ele faria livros, uns bons e outros melhores, sucessivamente, contra os erros dos infieis. Mas isto ele fez por inspiração divina; porque, como ele era em si mesmo, não podia pensar como ou de qual maneira ele ordenaria os ditos livros, porque não tinha ciência.⁴⁶

Tal passagem, a nosso ver, fazia parte do uso da retórica medieval, do qual destacamos o *topos* de modesta afetada.⁴⁷ De tal modo, ao afirmar que era um homem sem ciência e iletrado, pretendia enaltecer o período de vida pós-conversão e a inspiração divina de origem cristã, sendo assim, uma atitude de auto humilhação. Tendo em vista a sua atuação na corte de Aragão e a formação como cavaleiro, tais pertencimentos nos fazem presumir que Llull tivesse conhecimento- cavalaria, trovadorismo e latim-, e que fosse, de certa forma, conhecedor das letras, mesmo que ainda não a dominasse.

Já o segundo momento, concordamos que autor tivesse estudado língua árabe com um escravo muçulmano, além de filosofia, teologia e gramática latina em Maiorca. Sobre a sua formação universitária ou em centro de estudo, corroboramos com Costa que vê apenas como um possível estudo no mosteiro cisterciense de La Real ou em Valmagne: não descartamos tal possibilidade, mas falta-lhe embasamento documental. O que o autor fez, em nossa ótica, foi ampliar seus estudos e aprender a língua árabe, filosofia e teologia, além de outros temas

⁴⁶ “[...] dubtà ell ésser apte ne disposat a tan alt ministeri; car, considerant ésser illiterat (com en sa joventut neleix un poc de gramàtica no hagués après) e considerant aquest ten gran defalliment defectiu en ten alt ministerio [...]. E, pensant aquestes coses ab pensa dolorosa, confià e pensà que encara per avant ell faria libres, uns bons e altres millors, sucessivament, contra les errors dels infeels. Açò, però, hagué ell per inspiració divinal; car, com ell era en si mateix, no podia pensar com ni en quina manera ell ordinaria los dits libres, com no hagués ciència.” VC. Cap. I, p.7-8. Trad. de Ricardo da Costa.

⁴⁷ “Trata-se de *topoi* de modestia misturados com fórmulas de devoção, recorrendo a autoridades bíblicas, como forma de auto-humilhação, de submissão e protesto de incapacidade.” CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979. p. 87-88.

como astronomia, medicina e direito.⁴⁸ Ainda que não possamos afirmar se a sua qualificação como *homem de saber* se fez em Valmagne, La Real, Montpellier ou através de um possível autodidatismo realçamos, contudo, seu conhecimento nas ciências universitárias, bem como na cultura escrita e nas tradições literárias.

Detentor de um saber amplo, destacado pelo conhecimento em filosofia e teologia, criou um modelo de conversão por via do debate argumentativo, intitulado de “arte llulliana”,⁴⁹ desenvolvida entre os anos de 1274 a 1305-1308, que somaram dezoito⁵⁰ obras. Portanto, como professor instituiu uma metodologia de conversão. Ao que tudo indica a sua intenção era converter as outras religiões ao cristianismo através de um debate a partir da língua do outro, na tentativa de demonstrar o que Llull considerava o erro da religião do dito infiel.⁵¹

Com esse objetivo de conversão criou a escola de Miramar,⁵² influenciado, provavelmente, pelo dominicano Ramon de Penyafort,⁵³ conselheiro de Jaime II,⁵⁴

⁴⁸ FIDORA, Alexander. Ramon Llull y la justificación medieval de un error judicial. In: CRUZ CRUZ, Juan. *La justicia y los juicios en el pensamiento del siglo de oro*. Navarra: EUNSA, 2009. p. 121-130. p. 121.

⁴⁹ Era um sistema de pensamento aplicável a qualquer tema, uma tentativa de unificar todo o pensamento e instrumento para investigar a verdade das criaturas, tinha como pressuposto a verdade em Deus, foi criada com objetivo de converter os ditos infiéis. PRING-MILL, Robert. *El microcosmo lul.lià*. Palma de Maiorca: Moll, 1962. p. 31.

⁵⁰ “1. ca. 1274 Maiorca, 3. *Ars compendiosa inueniendi ueritatem* (set figures). 2. 1274 Maiorca, 4. *Lectura compendiosa super Artem inueniendi ueritatem*. 3. 1276 Maiorca, 12. *Ars uniuersalis o Lectura Artis compendiosae inueniendi Ueritatem*. 4. ca. 1283 Montpellier, 27. *Art demonstratiua / Ars demonstratiua* (set figures, més la figura elemental, la figura demostratiua, la figura de la Teologia, la figura de la Filosofia i la figura del Dret). 5. 1283-1285 Montpellier, 29. *Introductoria Artis demonstratiuae* (setze figures). 6. 6: ca. 1283 Montpellier. 301. *Regles introductòries a la pràctica de l'Art demonstratiua / 302. Regulae introductoriae in practicam Artis demonstratiuae*. 7. 1285-1287 Montpellier?, 361. *Lectura super figuras Artis demonstratiuae*. 8. 1285-1287 Montpellier?, 37. *Liber exponens figuram elementalem Artis demonstratiuae*. 9. 1288?-1289 Paris, 40. *Compendium seu commentum Artis demonstratiuae* (tretze figures). 10. 1290 Montpellier, 44. *Ars inuentiua ueritatis* (quatre figures i un alfabet). 11. 1293-1294 Tunis/Nàpols, 53. *Taula general / Tabula generalis*. 12. 1294 Nàpols, 54. *Lectura compendiosa Tabulae generalis*. 13, 1294-1296? Nàpols, 55. *Lectura super tertiam figuram Tabulae generalis*. 14, 1295-1296 Nàpols/ Roma, 64. *Art de fer i solre qüestions / Lectura super Artem inuentiuam et Tabulam generalem*. 15. 1299 Paris, 79. *Breuis practica Tabulae generalis seu Ars compendiosa*. 16. 1304 Gènova, 112. *Lectura artis, quae intitulata est Breuis practica Tabulae generalis*. 17. 1308 Pisa, 126. *Ars breuis*. 18. 1305-1308 Lió-Pisa, 128. *Ars generalis ultima*.” VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 19.

⁵¹ Essa ideia era originária de Pedro de Montboissier (1092-1156), abade de Cluny e incentivador da tradução do *Corão* ao latim. DE LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: 34, 1999. p. 111.

⁵² A escola se interessava pela doutrina muçulmana e judeu, partia da língua de seus respectivos livros sagrados. Não tinha interesse primordial de conceder grau acadêmico, mas visava a prática de pregação, aprofundava o estudo na própria doutrina cristã, para depois debater as controvérsias com finalidade apologética. PRAT BORRÀS, Jaume. *Les primeres escoles de llengües orientals a l'europa Medieval*. Barcelona, 2017. 30f. Monografia (Graduação em Árabe e Hebreu)- Faculdade de Filologia, Universidade de Barcelona, 2017. p. 17.

⁵³ Fundou a escola de língua árabe em Tunis (1245-1250) com o objetivo de ensinar as línguas orientais. Visava o estudo da Tora, Talmud, Alcorão e o *haddith*. RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. *Vida, pensament i contexto...* Op. Cit., p. 196.

que estudou e, depois, lecionou na Universidade de Bolonha. Llull e Penyafort se conheciam da corte de Jaime II, sendo esse o personagem, citado na VC, que o aconselhou a estudar na ilha de Maiorca, no segundo período de formação ou pós-conversão.

Pra construir a referida escola, Llull fez o pedido para Jaime II em 1275⁵⁵ e obteve a confirmação em 1276 através da promulgação da Bula *Laudanda tuorum*.⁵⁶ Além da construção, Jaime II cedia 5.000 soldos anuais para o seu funcionamento.⁵⁷ A escola preparava os missionários para converter os mouros, ensinando-os a língua árabe⁵⁸ e o método de convencer as outras religiões a partir da sua própria doutrina, a arte llulliana.⁵⁹ No ano de 1277, Llull foi a Roma na tentativa de convencer o papa na fundação de escolas como a de Miramar por toda a Cristandade, porém sem êxito.⁶⁰

É preciso reforçar que mesmo vindo de uma família influente e próxima dos reis de Aragão e Maiorca, foi por meio dos livros e do seu conhecimento que Ramon Llull se projetou no cenário ocidental cristão do século XIII.

Deste modo, em 1275 foi pra Montpellier com o objetivo de ter suas obras analisadas na corte de Jaime II, acredita-se que Bertrán Berenguer, frade franciscano e professor de teologia na faculdade de Montpellier, tenha sido o avaliador das obras e quem as aprovou. Nesse mesmo ano, Llull foi autorizado por esse governante a pregar nas sinagogas e nas mesquitas que estivessem em seu território:⁶¹ como Lemos observa, essa licença obrigava os judeus e muçulmanos a estarem presente, mas sem contestar o debate.⁶²

Em 1288 Llull foi considerado *Magister Artium honoris causa*, pela Universidade de Paris, reconhecimento de uma categoria acadêmica que lhe atribuí

⁵⁴ Ibidem, p. 197.

⁵⁵ COSTA, Ricardo da. Maiorca e Aragão... Op. Cit., p. 165.

⁵⁶ No período de funcionamento da escola, Llull escreveu as consequentes obras: *Ars Demonstrativa*, la *Doctrina pueril*, el *Libre de Contemplacio*, el *Liber principiorum medicinae*, el *Ars compendiosa medicinae*, *De regionibus sanitatis et infirmitatis*. *De los comensements et graus de medicina*. RODRÍGUEZ TEJERINA, José Maria. El pensamiento médico... Op. Cit., p. 75.

⁵⁷ GARCÍAS PALOU, Sebastian. *El miramar de Ramon Llull*. Palma de Maiorca: Instituto dos Estudios Balearicos, 1977. p. 250.

⁵⁸ PONTES, José. Maria da Cruz. Miramar en sus relaciones com Portugal y el lulismo medieval portugués. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 261-277, 1979. p. 261.

⁵⁹ VEGA ESQUERRA, Amador. Ramon Llull y el principio contemplativo de la acción predicativa. *Iberoamericana*, ano 10, n. 38, p. 103-112, 2010. p. 110.

⁶⁰ CRUZ HERNÁNDEZ, Miguel. La fundación de Miramar y el sentido de la sabiduría cristiana de Ramon Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 1-7, 1978. p. 3-4.

⁶¹ RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 204.

⁶² LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada*... Op. Cit., p. 65.

autoridade.⁶³ Posteriormente, em 1310, adquiriu o reconhecimento de seu pensamento na Universidade mais importante do período, Paris. Cerca de quarenta professores, além do chanceler e do rei Filipe IV, analisaram e aprovaram suas obras,⁶⁴ nesse mesmo ano foi autorizado a pregar em todos os territórios da Cristandade.⁶⁵ No ano seguinte teve suas obras avaliadas pelo chanceler da Universidade de Paris, Francisco de Nápoles, que concedeu a Llull o título de *Doctor honoris causa*, titulação que lhe atribuía, ainda mais, reconhecimento público, alçando-o cada vez mais na política mediterrânea como *homem de saber, porta-voz*, conselheiro e pregador.⁶⁶

No ano seguinte foi convidado a participar do Concílio de Vienne (1311-1312), convocado pelo papa Clemente V (1264-1314), lá apresentou diversas petições para serem analisadas,⁶⁷ porém sem sucesso. Três anos depois, o sultão de Tunis, com objetivo de estabelecer uma aliança militar, para defender seu território, teve o interesse em converter-se ao cristianismo e se aproximar do rei Jaime II de Maiorca. Em vista disso, Ramon Llull viajou em nome desse monarca para atuar nessa aproximação com a função de embaixador.⁶⁸ Ou seja, de *porta voz autorizado*, a atuar em nome do governante maiorquino, da instituição monárquica, nesse território em questão.

Consideramos que a formação de Llull tem uma lacuna,⁶⁹ a qual não podemos, ainda, suprimir. Porém, conseguimos, através da análise de sua trajetória, perceber parte do seu conhecimento. Concordamos que a erudição de Llull estava, a princípio, vinculada ao mundo da corte, onde aprendeu sobre cavalaria, trovadorismo e a língua latina, e, posteriormente, pós-conversão, estudou filosofia e teologia. Além

⁶³ VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 21.; RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 29.

⁶⁴ RAMIS BARCELÓ, Rafael. Estudio Preliminar... Op. Cit., p. 19.

⁶⁵ LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada...* Op. Cit., p. 70.

⁶⁶ VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull... Op. Cit., p. 35.

⁶⁷ “1) fundação de três colégios de línguas: em Roma, Paris e Toledo; 2) unificação das ordens militares; 3) estabelecimento de um décimo para financiar a conquista da Terra Santa e de todos os territórios ocupados pelos sarracenos; 4) regulação dos rendimentos recebidos pelos eclesiásticos; 5) regulação dos hábitos dos sacerdotes e religiosos; 6) suspensão da cátedra para os filósofos que atacam a teologia; 7) sanções extremas contra os usurários; 8) programação das pregações nas mesquitas e sinagogas, as sextas feiras e sábados, respectivamente; 9) reforma dos estudos de direito; 10) reforma dos estudos de medicina.” GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *Biografia de Ramon Llull: El concilio de Vienne*. Disponível em: <<http://www.jordigaya2.eu/biografia/vienne.html>>. Acesso em 02/01/2018. p. 1. (Tradução nossa).

⁶⁸ LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada...* Op. Cit., p. 72.

⁶⁹ Como vimos, não é possível afirmar em qual centro de ensino estudou, pois poderia ter sido em La Real, Valmagne, Montpellier, Paris ou se foi autodidata.

do latim e do árabe, ele também conhecia sobre lógica, astronomia, medicina e direito.

Por causa de seu conhecimento e atuação como professor, Llull desenvolveu uma metodologia para converter o outro a partir da sua doutrina e língua: para isso, fundou, com ajuda do rei de Maiorca, a escola de Miramar,⁷⁰ e tentou ainda construir outras escolas de língua na Itália⁷¹ e na França,⁷² entretanto, sem obter sucesso.

Como um *homem de saber*, sua produção erudita foi analisada e aprovada em Montpellier e Paris, o que acarretou com o reconhecimento e conseqüentemente, mais autoridade, o que permitiu que Llull pregasse em todas as sinagogas e mesquitas do reino maiorquino⁷³ e, posteriormente, da Cristandade⁷⁴ – sobretudo nos territórios dos reinos de Maiorca e da França. Além de atuar como diplomata na aliança do rei de Túnis com sua ilha natal,⁷⁵ Llull participou do Concílio de Vienne (1311-1312).⁷⁶ Deste modo, sendo *porta-voz* de Jaime e dos *homens de saber*, do qual destacam-se as ideias de Penyafort.

1.3- A PRIMEIRA VIAGEM DE LLULL À PARIS (1288-1289)

Posterior a perda da ilha de Maiorca pelo rei Jaime II, Llull fez uma série de viagens pelo Mediterrâneo em busca de apoio político, formação do seu saber erudito e pregação. Essas viagens foram divididas por Ginard Bujosa⁷⁷ em três grupos: a) viagens a locais de referência da Cristandade;⁷⁸ b) viagens da cultura e da política;⁷⁹ c) viagens missionais para conversão.⁸⁰ Destacamos nesse momento as três viagens da cultura e da política associadas ao contexto parisiense, a primeira em 1288-89,

⁷⁰ VEGA ESQUERRA, Amador. Ramon Llull y el principio contemplativo... Op. Cit., p. 110.

⁷¹ CRUZ HERNÁNDEZ, Miguel. La fundación de Miramar... Op. Cit., p. 3-4.

⁷² BONILLO HOYOS, Xavier. Apunts sobre la tradició manuscrita... Op. Cit., p. 23.

⁷³ RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 204.

⁷⁴ LEMOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada*... Op. Cit., p. 70.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 72.

⁷⁶ GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *Biografia de Ramon Llull*... Op. Cit., p. 1.

⁷⁷ GINARD BUJOSA, Antoni. *Ramon Llull, viatger universal*... Op. Cit., p. 14-27.

⁷⁸ Sant Jaume de Galícia (1263); Roma (1287-88; 1291-92; 1294-95; 1296); Jerusalém (1291). *Idem*.

⁷⁹ Montpellier (1271-1272; 1276-1283; 1285-1287; 1290; 1303; 1304; 1305; 1308;1309; 1312); Paris (1288-1289; 1297-1299; 1308-1311); Barcelona (1265; 1294; 1299; 1305); Genova (1293;1302); Pisa; Lion (1309; 1311-1312); Avignon (1309); Vienne (1311); Nápoles (1294); Messina (1313-1314). *Idem*.

⁸⁰ Tunís (1293; 1294; 1314); Chipre (1301); Ásia Menor (1302); Bugia (1308). *Idem*.

segunda em 1297-99⁸¹ e, por fim, em 1311.⁸² Damos maior relevância à primeira viagem, vinculada ao período e local de produção do *LB*.

A primeira ida de Llull à França envolveu três questões importantes: em primeiro lugar, com a perda da Ilha de Maiorca por Jaime II, a viagem buscava o apoio de Filipe IV (1268-1314), sobrinho e aliado do rei de Maiorca no conflito dos tronos de Aragão.⁸³ Além disso, tem-se a citada tentativa de inserção na Universidade de Paris, local dotado de enorme prestígio social e cultural,⁸⁴ de suma importância para consolidar suas obras e conseguir autoridade intelectual. O terceiro aspecto era o pedido para a construção das escolas de línguas na França com apoio régio.

Nessa ocasião também estabeleceu contato com Thomas Le Myésier, cônego, membro da Sorbonne e mestre em medicina, também *homem de saber*. Ele era discípulo e amigo de Llull, Myésier tornou-se o divulgador das obras e dos pensamentos lullianos em Paris.⁸⁵ Também autor da *EPB* e aliado na tentativa de inserir seus interesses na França.

Nesse contexto parisiense, Ramon Llull escreveu diversas obras.⁸⁶ Desse conjunto, quatro⁸⁷ se relacionavam com o monarca francês, porém apenas duas foram endereçadas a ele: a *Epistola Raymundi ad regem Franciae* com o objetivo de que

⁸¹ Foi encontrar-se com o Rei Filipe IV a quem dedicou a obra: *A árvore da filosofia do amor*. Também voltou a mostrar em público a sua *arte*, na companhia de Le Myésier. RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 203.

⁸² Recebeu o reconhecimento definitivo de *Doctor Honoris Causa*, dado por Francesc Caroccioli, Chanceler da Universidade de Paris. Idem.

⁸³ Ver item 1.1.

⁸⁴ BONILLO HOYOS, Xavier. Ramon Llull a París... Op. Cit., p. 17.

⁸⁵ LLINARES, Armand. La presencia de Ramon Llull en Francia. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 19, p. 107-115, 1975. p. 109.; BONILLO HOYOS, Xavier. *Apunts sobre la tradició manuscrita catalana del Llibre de meravelles de Ramon Llull i la traducció francesa medieval* (el manuscrit fr. 189 de la BNF). Alacant: Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives, 2008. p. 25.

⁸⁶ “*Compendium seu commentum Artis demonstrative (1288-89); Disputatio fidelis et infidelis (1288-89); Fèlix o el Libre de meravelles (1288-89); Tres cartes (1288-89): 1- Epistola Raymundi ad regem Franciae. 2- Epistola Raymundi ad quendam amicum. 3- Epistola Raymundi ad Universitatem parisiensem; Epistola dedicataria ad duces Venetorum (1289); Quaestiones per Artem demonstrativam seu inventivam solubiles (1289).*” HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Diplomatari lul·lià: documents relatius a Ramon Llull i a la seva família*. Barcelona e Palma de Maiorca: Universidade de Barcelona e Universidade das Ilhas Baleares, 2001..

⁸⁷ *Epistola Raymundi ad quendam amicum* foi dirigida a um prelado anônimo. Nesta, Llull pretendia reforçar o propósito manifestado na carta anterior – *Epistola Raymundi ad regem Franciae* – e pedia a esse anônimo que intermediasse os seus pedidos ao rei da França. Também fez uma análise da importância científica e religiosa de Paris. Para Llull, não havia local melhor para formar defensores da fé cristã. Já a *Epistola Raymundi ad Universitatem parisiensem* era endereçada a Universidade de Paris. Era dito, nessa carta, que essa instituição de saber deveria disseminar sua doutrina para salvar os incrédulos. Sendo assim, o autor desejava fundar um centro de estudo de árabe, tártaro e grego, e que a universidade atuasse como intermediária entre Llull e o rei, no pedido de construção e manutenção das escolas de língua. BONILLO HOYOS, Xavier. Ramon Llull a París... Op. Cit., p. 20.

Filipe IV construiu os centros de ensino para os pregadores cristãos aprenderem as línguas dos ditos infiéis,⁸⁸ assim como fez na escola de Miramar- erguida com apoio de Jaime II.⁸⁹

A segunda obra foi o *FLM*, uma novela de cunho filosófico, didática e moral, redigida para o próprio mundo cristão,⁹⁰ tinha o desígnio de modelar o comportamento dos cristãos.⁹¹ Essa obra era dividida em dez capítulos,⁹² da qual nos interessa o sétimo- *LB*, um capítulo que consideramos ser *espelho*⁹³ *de príncipe*⁹⁴ e, também, *bestiário*, onde cada personagem era uma besta com características humanas e que seu comportamento deveria ser seguido ou evitado pelos personagens, o monarca francês e seu conselho.

Deste modo, sua primeira estadia tinha o objetivo de buscar apoio do rei aos seus projetos, como a construção de escolas de língua, expor e defender sua arte em Paris⁹⁵ e conseguir a aprovação das suas obras, o que possibilitava investi-lhe de autoridade e reconhecimento.⁹⁶ O *LB* estava, portanto, inserido na tentativa de inserção do autor na França e de modelar determinadas condutas cortesãs, nesse caso o do rei e do conselheiro.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ Questão apresentada no item 1.2.

⁹⁰ COSTA, Ricardo da. Apresentação. In: RAMON LLULL. *Félix, O livro das maravilhas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2009. p. 9-22. p. 9-14.

⁹¹ Ibidem, p. 13.

⁹² 1- Deus, 2- Anjos, 3- Céu, 4- Elementos, 5- Plantas, 6- Metais, 7- Bestas, 8- Homem, 9- Paraíso; 10- Inferno.

⁹³ Llull escreveu várias obras propondo um modelo de príncipe: *Livro da Ordem de cavalaria* (1274-1276), *Doutrina para Criança* (1274-1276), *O Livro da Intenção* (1283), *Livro das Bestas* (1288-1289), *Árvore Imperial* (1295-1296) e *Do nascimento do menino Jesus* (1311). Contudo, apenas o texto em análise, utiliza o bestiário como meio de modelar o comportamento monárquico.

⁹⁴ JAULENT, Esteve. Apresentação. In: RAMON LLULL. *Livro das bestas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006. 9-13. p. 3.

⁹⁵ BONILLO HOYOS, Xavier. Apunts sobre la tradició manuscrita... Op. Cit., p. 23.

⁹⁶ RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto... Op. Cit., p. 203.

CAPÍTULO 2- LIVRO DAS BESTAS (1288-1289)

2.1- TRANSMISSÃO DE MANUSCRITO DO SÉCULO XIV AO XXI

O *LB* adquire sua autonomia em relação ao *FLM* na contemporaneidade, o que nos obriga a considerar ambos em nosso levantamento. Sendo assim, primeiro, apresentamos o levantamento¹ e transmissão do manuscrito, separando-os por língua: catalão, francês e latim ou italiano. Em seguida investigamos as edições modernas desde o século XVIII, do *FLM* e do *LB* respectivamente, separadas por onze regiões e organizadas pelo seu ano de produção.

Do século XIV ao XVIII são produzidos vinte e dois manuscritos,² indicando a circulação que esse documento atinge nas regiões da Catalunha e na península Itálica. Possivelmente, o *FLM*, apresenta-se como um texto modelar comportamental para o próprio mundo cristão, contudo, em destaque, ao sétimo capítulo, o *LB* e suas pretensões de enquadramento da corte. Pelo visto, teve grande importância à cúria cristã que, entre esses séculos, produzem e preservam sete manuscritos.³

Sobre a transmissão, duas questões chamam a atenção: a primeira é a quantidade de produções catalãs entre os séculos XX e XXI. Nesse momento, a Espanha é marcada pela Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e pelo Franquismo (1939-1976), quando se tenta impor uma identidade espanhola em oposição às identidades regionais.⁴ Essa ação desencadeia um movimento de esquerda e dos grupos de nacionalismos locais, como o caso da Catalunha.⁵

Ao que tudo indica, a grande quantidade de produção do *FLM* e *LB* esteja vinculada a identidade catalã e à tentativa de se afirmar frente à Espanha: assim, ocorre um aumento da produção das obras llullianas e apropriação da figura de

¹ Utilizamos as seguintes plataformas para elaborar a catalogação: *Google Acadêmico*, *Periódicos CAPES*, *Dialnet* e *Centre de documentació Ramon Llull*- Univesidade de Barcelona.

² Ver anexo III, tabela 1.

³ É importante lembrar que o custo de um livro era alto devido ao preço do suporte, da quantidade de pergaminho e do preço de um bom copista. VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: EdUSC, 1999. p. 112-113. Desta forma, tanto para a Catalunha quanto para a Península Itálica, não faria sentido produzir tal documento sem que ele tivesse um valor prático ou representativo de acordo com certos interesses locais, do qual ainda não conseguimos medir. Sobre a transmissão do textos moderno, do século XVIII ao século XXI, totalizam 116 obras que foram divididas em três tabelas. A tabela II nos apresenta a quantidade de obras do *FLM*, a tabela III diz a respeito do *LB* e, por fim, a tabela IV traz a soma da quantidade de obras do *FLM* e *LB*. Ver anexo III, tabelas 2, 3 e 4.

⁴ CARVALHO, Luís Fernando de. *O recrudescimento do nacionalismo Catalão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016. p. 14.

⁵ Idem.

Ramon Llull, por ser considerado o primeiro grande erudito a escrever suas obras em língua catalã.⁶

Outra questão que nos chama a atenção é a independência que o *LB* ganha do *FLM* na contemporaneidade. É importante perceber que ocorre a partir do século XX, desta forma, não pactuamos com parte dos pesquisadores⁷ que acredita que o *LB* tenha circulado fora do *FLM* na Idade Média e inserida posteriormente. Pelo contrário, independente se a obra foi escrita antes do *FLM* ou se apenas tem, em sua estrutura literária, características diferentes, não há vestígios documentais que reforcem essa conclusão. Vista disso, em nossa ótica, o *LB* é parte integral do *FLM*, circulava junto com essa obra e com o mesmo objetivo didático de ensinar e doutrinar os cristãos.

Ademais, tendo em vista a ampla variedade de traduções modernas, optamos em nossa pesquisa empregar três edições críticas com o objetivo de nos aproximarmos o quanto mais do manuscrito. A primeira é a edição crítica moderna do *Llibre de meravelles*, organizada pela filóloga Marina Gustà, de 1980, obra em língua catalã; a segunda, *Félix, o livro das maravilhas*, traduzida pelo historiador brasileiro Ricardo da Costa, obra em língua portuguesa; por fim, *Libro de las bestias*, traduzido pelo historiador espanhol Laureano Robles Carcedo, texto em língua espanhola.⁸

2.2- ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DO LIVRO DAS BESTAS

O *LB* é um documento amplamente traduzido, editorado e reeditorado ao longo dos séculos, atinge uma marca de, aproximadamente, 116 obras em 11 regiões distintas.⁹ Porém, os estudos pouco têm se debruçado sobre essa obra e o contexto do autor em Paris. Com isso, analisamos a seguir diversos escritos que abordam tal documentação.

⁶ AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra científico-matemática de Ramon Llull. In: ESPAÑOL GONZÁLEZ, Luis; ESCRIBANO BENITO, José Javier; MARTÍNEZ GARCÍA, María Angeles (Coord.). *CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIA DE LAS CIENCIAS Y DE LAS TÉCNICAS*, 7, 2002, Cádiz. *Actas congreso de la sociedad española de Historia de las ciencias y de las técnicas*. Cádiz: Universidad de la Rioja, 2004. p. 21-34. p. 31.

⁷ A questão é apresentada no item 2.2.

⁸ RAMON LLULL. *Félix, o livro das maravilhas*. Tradução de Ricardo da Costa. 2v. V.1. São Paulo: Escala, 2009. p. 181-235.; RAMON LLULL. *Libro de las bestias*. Tradução de Laureano Robles Carcedo. Madrid: Clásicos del pensamiento, 2006.; RAMON LLULL. *Llibre de meravelles*. Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980. p. 113-145.

⁹ Ver anexo III, tabela IV.

Procuramos atingir uma análise qualitativa e interdisciplinar, sendo assim, trouxemos para a discussão filólogos, filósofos, historiadores e literários. Nosso debate vincula-se a três aspectos; em primeiro lugar, qual é o objetivo do pesquisador; em segundo, qual o caminho percorrido e as questões apresentadas; por fim, as considerações parciais.

Desta forma, nesse capítulo, pretendemos compreender como as investigações têm abordado tal documentação e o qualificado. Assim como, no nosso estudo comparado do leão e da raposa, traçando, posteriormente, as aproximações ou distanciamentos desses autores e de suas reflexões entre si e em relação com a nossa pesquisa.

Em vista disso, utilizamos os seguintes investigadores para a discussão: Edward J. Neugaard, Pedro Ramis i Serra, Barry Taylor, Llúcia Martín Pascual, Carlos Durá Herrero, Esteve Jaulent, Julia Butiña Jiménez, Ricardo da Costa, Àngels Guillem Arener e Marco Maulu, cujos textos foram produzidos entre os anos de 1971-2017. A exposição foi construída pela ordem cronológica de publicação.

Os escritos desses autores foram divididos em dois grupos: o primeiro vinculado a uma análise do conteúdo, preocupados com as interpolações documentais, o gênero literário, as *exempla*¹⁰ e a possível independência do *LB* frente ao *FLM*; já o segundo grupo se preocupa com uma averiguação do documento em seu contexto produção, eles analisam as representações sociais como uma crítica do autor a sua conjuntura política e social.

Começamos com o primeiro grupo: provavelmente um dos trabalhos inaugurais sobre o *LB*, ao menos o mais antigo que conseguimos catalogar, é o artigo de Edward Neugaard. Ele é formado em literatura inglesa e em seu texto *The Sources of the Folk Tales in Ramon Llull's Llibre de les bèsties* propõe fazer uma análise do conteúdo, visando inquirir a respeito das *exempla* utilizadas no *LB* e na procura das interpolações textuais.¹¹

Barry Taylor, formado em literatura e curador da coleção de imagens hispânica da biblioteca britânica, também apresenta um tratado próximo ao de Neugaard. Em *Some complexities of the exemplum in Ramon Llull's Llibre de les*

¹⁰ “O *exemplum* medieval é uma história edificante, na maioria das vezes para uso dos pregadores, que gostam de introduzi-la nos seus discursos para que os ouvintes assimilem melhor uma lição. Trata-se, portanto, de um produto ideológico de largo consumo.” LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro: 70, 1990. p. 25.

¹¹ NEUGAARD, Edward J. The sources of the folk tales in Ramon Llull's llibre de les bèsties. *The journal of American folklore*, Champaign, v. 84, n. 333, p. 333-337, 1971. p. 333.

bèsties se propõe a analisar o conteúdo das *exempla*, entretanto a partir de um modelo de natureza clássica pré-estabelecido, que é denominado de norma de clareza.¹²

Os próximos autores também se preocupam com o conteúdo da obra, contudo com temáticas distintas do estudo das *exempla*. Este é o caso de Llúcia Martín Pascual, professora de literatura catalã, que em seu artigo intitulado *Algunes consideracions sobre la relació entre les faules del Llibre de les Bèsties de Ramon Lull i L'original Oriental*, ela apresenta e investiga a relação do *LB* com a obra oriental, do século VIII- *CD*, aponta para as possíveis influências do segundo sobre o primeiro.¹³

Em sua monografia, a filóloga Àngels Guillem Arener, assim como Pascual, pretende relacionar o *LB* com o *CD*, todavia tem o objetivo de estabelecer aproximações e distanciamentos do conteúdo de três *exempla*, relatados em três documentos e línguas diferentes:¹⁴ o *CD* versão oriental do século VIII, *CD* tradução castelhana do século XIII e o *LB* de Ramon Lull, que é do mesmo século que a versão castelhana.

Ainda nesse grupo, o filólogo Marco Maulu estabelece uma investigação acerca da relação entre o *LB* e *FLM*, ele traça as aproximações e distanciamentos entre o capítulo VII com o restante da obra, a fim de responder sobre uma possível independência do *LB* frente ao *FLM*, esse debate paira até a atualidade.¹⁵ Por mais que a estrutura do capítulo VII seja diferente do restante da obra, nunca circulou de forma independente antes da contemporaneidade. Podemos até pensar numa produção anterior ao *FLM*, mas não uma independência em relação a esta documentação.

O segundo grupo de autores se preocupa em relacionar o *LB* ao seu contexto de produção, começamos com Pere Ramis I Serra, filósofo, que em seu artigo denominado de *Llibre de les Bèsties: el príncipe y la sociedad* aborda sobre o papel

¹² TAYLOR, Barry. Some complexities of the exemplum in Ramon Lull's *Llibre de les bèsties*. *The Modern Language Review*, Reino Unido, v. 90, n. 3, p. 646-658, 1995. p. 647.

¹³ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. *Algunes consideracions sobre la relació entre les faules del Llibre de les bèsties de Ramon Lull i l'original oriental*. *Catalan Review*, Barcelona, v. 11, n. 1-2, p. 83-112, 1997. p. 84.

¹⁴ GUILLEM ARENER, Àngels. *El Calila e Dimna al Llibre de les Bèsties: breu estudi comparatiu dels contes La serp que atemoreix, La pedra preciosa i La rata transformada en dona*, en les versions àrab, catalana i castellana. Barcelona, 2012. 55 f. Monografia (Graduação em Filologia Catalã) - Estudis d'Arts i Humanitats, Universitat Oberta de Catalunya, Barcelona, 2012. p. 3.

¹⁵ MAULU, Marco. Fra autonomia e unitat: la colocazione del *Llibre de les besties* all' interno del *llibre de meravelles* di Ramon Lull. *eHumanista IVITRA*, Califórnia, v. 11, p. 100-117, 2017. p. 100.

do príncipe e de seu conselho na sociedade medieval. Segundo o autor, essa sociedade está em crise¹⁶ e, deste modo, compreende o *LB* como uma denúncia de Llull aos monarcas e suas cortes.

A filóloga Julia Butinã Jimènez, por sua vez, em *El libre de les bèsties de Llull y el comportamiento político*, está interessada no que chama de fenômeno político da Idade Média. Do mesmo modo, afirma que o *FLM* é uma obra enciclopédica que ressalta um interesse político, sob influência do processo de secularização. Dessa forma, o sétimo capítulo, o *LB*, seria um modelo naturalista da conduta ideal do homem.¹⁷

Já para Jaulent, filósofo, na apresentação da primeira tradução brasileira do *LB*, faz uma exposição da obra com o objetivo de contextualizá-la para seu leitor,¹⁸ além de uma análise conteudista. De tal modo, o autor caracteriza o documento, apresenta o possível destinatário e, no fim, faz uma abordagem filosófica sobre a informação que a obra pretende passar.

O historiador Ricardo da Costa, em seu texto *A novela na Idade Média: O Livro das maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull*, analisa o *FLM* e dá um grande destaque ao sétimo capítulo- *LB*. Nessa parte o autor faz uma investigação do ambiente de produção, o reino parisiense, e do conteúdo da obra e estabelece uma relação entre ambos.¹⁹

Por fim, Carlos Durá Herrero, filólogo, propõe uma análise comparada do *LB* e do filme da Disney, *O Rei leão*. O autor procura estabelecer aproximações e distanciamentos entre essas obras- objetivando a investigação dos contextos e dos personagens centrais.²⁰

¹⁶ RAMIS I SERRA, Pedro. *Llibre de les bèsties: el príncipe y la sociedad*. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 31, p. 149-165, 1991. p. 149.

¹⁷ BUTIÑA JIMENEZ, Julia. *El Libre de les bèsties de Llull y el comportamiento político*. In: ARNAS, Pedro Roche (Coord.). *El pensamiento político en la Edad Media*, Madri, 2010. p. 321-417. p. 321-322.

¹⁸ JAULENT, Esteve. Apresentação. In: RAMON LLULL. *Livro das bestas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006. 9-13. p. 9.

¹⁹ COSTA, Ricardo da. *A novela na Idade Média: o Livro das maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/novela-na-idade-media-o-livro-das-maravilhas-1288-1289-de-ramon-llull>>. Acesso em 02/01/2018. p. 1.

²⁰ Isto é, almejava apresentar os pontos de contato, as similaridades dos textos em questão, com a intenção de analisar os modelos políticos e sociais, partindo do documento para o contexto. DURÁ HERRERO, Carlos. *El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties: dues fàbules sobre la lluita pel poder*. *Edetania*, València, n. 21, p. 41-62, 2000. p. 41-42.

Ao desenvolver a análise, os diversos autores apresentam determinados aspectos do *LB*, que com o tempo tornaram-se consenso ou, ao contrário, continuaram em pleno debate.

O primeiro aspecto refere-se a uma possível independência do *LB* em relação ao *FLM*. Alguns autores²¹ acreditam que o *LB* poderia ter sido produzido antes do *FLM*. Alegam, em primeiro lugar, que, diferente dos outros capítulos, o narrador sai de cena e não é mais mencionado ao longo do enredo do *LB*,²² ele passa de personagem do ambiente para observador,²³ o que reconfigura a estrutura narrativa do enredo.

Outro aspecto remete às possíveis interpolações. Assim, diversos autores atentam à influência de *CD*²⁴ e, quiçá, outros documentos na concepção do *LB*.²⁵ O exame intertextual demonstra a importância da leitura de textos orientais e ocidentais para os *homens de saber* desse período, além do conhecimento dos gêneros narrativos de tradição clássica-cristã.

Quanto aos possíveis gêneros da obra, Martín Pascual,²⁶ Jaulent,²⁷ Maulu²⁸ e Durá Herrero²⁹ concordam que o *LB* é parte da tradição fabulista. Estes asseguram que não existe referência à tradição dos bestiários ou das enciclopédias naturalistas medievais, uma vez que os animais não são descritos fisiologicamente – como nas

²¹ NEUGAARD, Edward J. The Sources of the Folk Tales... Op. Cit., p. 333.; TAYLOR, Barry. Some complexities... Op. Cit., p. 647-648.; MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 103.; JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.; COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 2.

²² NEUGAARD, Edward J. The Sources of the Folk Tales... Op. Cit., p. 333.

²³ Por mais que haja diferenças nas estruturas textuais, é preciso lembrar que o *LB* não circulou de forma independente antes da contemporaneidade. TAYLOR, Barry. Some complexities... Op. Cit., p. 647-648.; MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 103.

²⁴ NEUGAARD, Edward J. The Sources of the Folk Tales... Op. Cit., p. 334.; TAYLOR, Barry. Some complexities... Op. Cit., p. 647- 648. MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Algunes consideracions... Op. Cit., p. 85-86. MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 103.; GUILLEM ARENER, Àngels. El *Calila e Dimna*... Op. Cit., p. 33.; JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 10.; COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 3.

²⁵ Essas outras obras são: Sendebâr, Barlaam e Josafat, Mille e una notte e Secondo Dagenais, Rasâ' il Ikwân al Şafâ e a Epistole dei fratelli della Purità. MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 103. Costa acrescenta que a obra *Roman de Renart* (século XIII) também influenciou consideravelmente na construção do perfil da raposa. COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 3. Neste sentido, Taylor aponta ainda uma possível influência dos textos de Esopo. NEUGAARD, Edward J. The Sources of the Folk Tales... Op. Cit., p. 334; TAYLOR, Barry. Some complexities... Op. Cit., p. 647-648.

²⁶ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Algunes consideracions... Op. Cit., p. 85-86.

²⁷ JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.

²⁸ MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 100.

²⁹ DURÁ HERRERO, Carlos. El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 43.

enciclopédias – e nem comportamental, como os bestiários.³⁰ Para esses, tratasse de uma fábula de caráter político e moral.³¹

No que tange os personagens, a raposa é considerada a principal do enredo,³² o que parece em debate refere-se ao seu gênero, feminino. Para alguns autores³³ trata-se apenas de uma questão linguística e da nomenclatura catalã. Em contraposto, para Costa³⁴ e Durá Herrero,³⁵ esse personagem é colocado no feminino por Lull para associar esse gênero ao demoníaco e subversivo.³⁶ Com isso, para eles, seria uma crítica direta às mulheres e a sua possível atuação na corte, em especial como conselheira.

A seguir, considerando a preocupação desses autores com o contexto de produção, Ramis I Serra³⁷ e Jaulent³⁸ presumem que o *LB* denuncia os problemas de sua época.³⁹ Para estes autores, trata-se de uma descrição crítica da sociedade feudal e de sua prática política,⁴⁰ especialmente ao episódio relatado do rompimento do laço vassalo do boi e do cavalo por causa da traição do rei – evento de grande desonra.⁴¹ Outro momento destacado em suas argumentações é, precisamente, a eleição do leão como rei que, para ambos, seria “democrática” entre os nobres e defendida por Lull.⁴²

Tal argumentação é refutada por Butiña Jimènez⁴³ que, ao indicar que a eleição do rei enfatiza o processo de legitimação da autoridade, afirma não ser necessário que a vejamos como precursor do sistema eleitoral contemporâneo.⁴⁴ Em outra perspectiva, Durá Herrero⁴⁵ também critica os argumentos de Jaulent⁴⁶ e Ramis

³⁰ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Algunes consideracions... Op. Cit., p. 85-86.

³¹ MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 100. Entretanto, Costa discorda e afirma que esse documento é um bestiário, visto como os animais agem de acordo com as suas características morais, sendo, então, o mundo animal uma simbologia do mundo dos homens. COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 3.

³² NEUGAARD, Edward J. The Sources of the Folk Tales... Op. Cit., p. 334.

³³ Idem.; TAYLOR, Barry. Some complexities of the exemplum... Op. Cit., p. 647-648.

³⁴ COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 3.

³⁵ DURÁ HERRERO, Carlos. El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 56.

³⁶ Idem.; COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 3.

³⁷ RAMIS I SERRA, Pere. Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 149.

³⁸ JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.

³⁹ RAMIS I SERRA, Pedro. Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 149.

⁴⁰ JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.

⁴¹ RAMIS I SERRA, Pere. Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 153.

⁴² Ibidem, p. 151.

⁴³ BUTIÑA JIMÉNEZ, Julia. El libre de les bèsties de Lull... Op. Cit., p. 328.

⁴⁴ A autora observa essa questão no *LB* como um “avanço” para a época devido as possíveis preocupações sociais e morais de Lull. Idem.

⁴⁵ DURÁ HERRERO, Carlos. Durá. El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 46.

⁴⁶ JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.

I Serra,⁴⁷ ao considerar que nessa escolha real o poder não é de soberania popular, mas um recurso narrativo que justifica a seleção do rei: deste modo, a monarquia seria de origem divina, representação típica da Idade Média, e o rei representante de Deus.⁴⁸

A respeito do objetivo e da recepção do texto, Costa⁴⁹ e Martín Pascual⁵⁰ concordam que o *LB* tem a função de moralizar o ambiente monárquico do tempo do autor. Igualmente, instruindo os reis sobre como se comportar e o cuidado que necessitam ter sobre os maus conselheiros,⁵¹ sendo, assim, um documento de moralização política.⁵² Em contraposição, Butiña Jimènez⁵³ supõe que o destinatário é a Ordem dos Apóstolos - grupo citado no prólogo, e que poderia ser uma repreensão a esse grupo.⁵⁴

A relação do *LB* ao contexto de produção tem sido alvo da atenção de diversos pesquisadores. A luz dessa questão, Llull teria uma preocupação “antropológica”. Sendo assim, Ramis I Serra⁵⁵ afirma que a influência dos conselheiros sobre a atuação do rei tem sido a “raiz de certos acontecimentos na França”,⁵⁶ sem, contudo, desenvolver ou esclarecer essa afirmação.

Por sua vez, como supracitado, Butiña Jimènez⁵⁷ considera que a obra de Llull é dirigida aos religiosos com finalidade apostólica, tem como foco o comportamento da eleição do rei e seu modo de governar.⁵⁸ Dessa maneira, o autor concorda com Maulu⁵⁹ e Martín Pascual⁶⁰ ao considerar o *LB* como um manual político sobre a má conduta dos reis, porém acrescenta que a obra é um manual crítico redigido com ironia.⁶¹

⁴⁷ RAMIS I SERRA, Pere. *Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 149.

⁴⁸ DURÁ HERRERO, Carlos. *El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 46.

⁴⁹ COSTA, Ricardo. *A novela na Idade Média...* Op. Cit., p. 3.

⁵⁰ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. *Algunes consideracions...* Op. Cit., p. 85-86.

⁵¹ COSTA, Ricardo. *A novela na Idade Média...* Op. Cit., p. 3.

⁵² MARTÍN PASCUAL, Llúcia. *Algunes consideracions...* Op. Cit., p. 85-86.

⁵³ BUTIÑA JIMÈNEZ, Julia. *El libre de les bèsties de Llull...* Op. Cit., p. 324.

⁵⁴ Haja visto que a Ordem era, então, dissidente do papado. *Idem*.

⁵⁵ RAMIS I SERRA, Pedro. *Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 162.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 163.

⁵⁷ BUTIÑA JIMÈNEZ, Julia. *El libre de les bèsties de Llull...* Op. Cit., p. 329.

⁵⁸ *Idem*.

⁵⁹ MAULU, Marco. *Fra autonomia e unità...* Op. Cit., p. 100.

⁶⁰ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. *Algunes consideracions...* Op. Cit., p. 90.

⁶¹ BUTIÑA JIMÈNEZ, Julia. *El libre de les bèsties de Llull...* Op. Cit., p. 330.

Jaulent,⁶² em perspectiva filosófica, conclui que o *LB* é um tratado sobre as paixões humanas⁶³ e, sobretudo, um manual de príncipe, onde são indicadas as preocupações que o monarca deve tomar para exercer, com sucesso, o seu reinado.⁶⁴

Como dito, Costa⁶⁵ considera o *LB* um manual político destinado à educação régia, direcionado ao rei Filipe IV da França. Entretanto, o autor não consegue indicar a que personagem histórico corresponderia a raposa, pois a fama de maus conselheiros da corte de Filipe só surge, posteriormente, dez anos depois dessa obra.⁶⁶

A nossa análise, nessa dissertação, está voltada para a relação do documento com seu contexto de produção, aproximamo-nos dos últimos autores citados. Portanto, nossa preocupação é perceber o ambiente no qual Ramon Llull está inserido ao redigir a obra em questão, a saber, a França do século XIII sobre o reinado de Filipe IV.⁶⁷ Nesse momento, é um poderoso reino cristão e importante centro de saber devido a Universidade de Paris. Não por acaso, aonde Llull procura se inserir na busca de apoio para construção das escolas de língua e o reconhecimento público de suas obras na dita universidade.

Neste ambiente parisiense, podemos apontar que o *LB* poderia ser uma crítica direta à corte francesa relativa ao mau aconselhamento sobre o rei, como Ramis I Serra⁶⁸ afirma. Todavia, também poderia ser direcionada ao comportamento dos reis em geral, sem uma especificidade, como acreditam Maulu,⁶⁹ Martín Pascual,⁷⁰ Butiña Jimènez⁷¹ e Jaulent.⁷² Assim, deveria ser um meio de demonstrar a importância de se ter um bom conselheiro e, desta forma, Ramon Llull se apresentar como tal.

Alguns pontos elencados nesse debate já são amplamente aceitos por pesquisadores, que o torna unanimidade, como no que tange às interpolações documentais no *LB*. O intenso estudo de filólogos e literários acarreta com a

⁶² JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 12.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ COSTA, Ricardo. A novela na Idade Média... Op. Cit., p. 4.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Ver capítulo 1.3.

⁶⁸ RAMIS I SERRA, Pedro. Llibre de les Bèsties... Op. Cit., p. 149.

⁶⁹ MAULU, Marco. Fra autonomia e unità... Op. Cit., p. 114.

⁷⁰ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Algunes consideracions... Op. Cit., p. 85-86.

⁷¹ BUTIÑA JIMÈNEZ, Julia. El libre de les bèsties de Llull... Op. Cit., p. 329.

⁷² JAULENT, Esteve. Apresentação... Op. Cit., p. 9.

percepção da influência de determinados documentos no pensamento e na obra de Ramon Llull.

Sobre o gênero literário do texto, divergimos de Martín Pascual,⁷³ Maulu,⁷⁴ Jaulent⁷⁵ e Durá Herrero,⁷⁶ eles acreditam que o *LB* é uma fábula de caráter político e com o objetivo de criticar os que são considerados desviantes da sociedade. A nosso ver, os personagens apresentam características comportamentais específicas, do qual destacamos aqui o do leão e da raposa.⁷⁷ Entretanto, concordamos com Costa⁷⁸ ao afirmar que o *LB* é um bestiário, no qual o mundo animal é símbolo do mundo dos homens, e, sobretudo, do ambiente cortês. Desta forma, tem o objetivo didático e a intenção de modelar determinados comportamentos.

Por fim, cabe indicar nossa posição em relação à mencionada eleição desse personagem como rei dos animais. Tal episódio alimenta a imaginação de diversos investigadores sobre o suposto caráter “democrático” na escolha do monarca.⁷⁹ Para nós, a dita eleição não justifica tal premissa: essa besta é aclamada entre seus pares e vem originariamente da nobreza e de linhagem real.⁸⁰ Além disso, tem a sua figura simbólica associada a Jesus, o leão da tribo de Judá. Ao mesmo tempo, o governante é o representante na terra do rei celeste, por conseguinte, é bastante distante da ideia de eleição democrática.

Nesse capítulo, conseguimos perceber como o *LB* tem sido investigado ao longo das últimas décadas e as diversas contribuições geradas por esses pesquisadores. O *LB* tem provocado o interesse de filósofos, filólogos, literários e, ainda, bem pouco, de historiadores: em nosso levantamento, encontramos apenas um artigo.

Esse debate mobiliza aproximações e distanciamentos em relação aos autores e suas argumentações entre si e, também, ao nosso trabalho. Concordamos com estes ao considerarmos necessária a análise do texto em sua conjuntura de produção – o

⁷³ PASCUAL, Llúcia Martín. *Algunes consideracions...* Op. Cit., p. 85-86.

⁷⁴ MAULU, Marco. *Fra autonomia e unitat...* Op. Cit., p. 100.

⁷⁵ JAULENT, Esteve. *Apresentação...* Op. Cit., p. 9.

⁷⁶ HERRERO, Carlos Durá. *El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 43.

⁷⁷ Como desenvolvemos em nosso capítulo 3, ambos possuem características marcantes e de maior destaque frente ao conjunto, associados à linhagem régia e à baixa nobreza, respectivamente.

⁷⁸ COSTA, Ricardo. *A novela na Idade Média...* Op. Cit., p. 3.

⁷⁹ RAMIS I SERRA, Pere. *Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 151.; JIMÉNEZ, Julia Butiña. *El libre de les bèsties de Llull...* Op. Cit., p. 328.

⁸⁰ Essa questão é apresentada e analisada no item 3.1.

reino da França; sobre as interpolações documentais levantadas por esses pesquisadores; igualmente, em como o escrito é visto como um *espelho de príncipe*; por fim, que o *LB* pode ter sido uma crítica à corte francesa, no contexto de tutela política e moral de Llull perante Filipe IV.

Distanciamos-nos daqueles que conceituam o gênero literário desse documento como fabulário e dos que afirmam que o *LB* tenha circulado de forma independente na Idade Média; além da caracterização da raposa como feminina para criticar esse gênero, uma vez que considerava-o demoníaco e subversivo; por fim, sobre a consideração a respeito da eleição do leão como algo revolucionário ou democrático.

2.3- O LIVRO DAS BESTAS EM DEBATE

Consideramos o *LB* como um gênero épico,⁸¹ tal qualificação se dá pelo fato de ser um texto de animais com características humanas, denominado de bestiário. Trata-se de uma narrativa de caráter didático com o objetivo moral-cristão de enquadramento de diversos personagens da corte, esses últimos representados como bestas.

Sendo assim, no epílogo da *LB*, Félix, o narrador, encerrou a narrativa reforçando a finalidade do enredo: “Está terminado o *Livro das Bestas* que Félix levou a um rei a fim de que ele, olhando o que fazem as bestas, visse a maneira segundo a qual deve reinar e como deve se proteger dos maus conselhos e dos homens falsos.”⁸² De tal modo, foi apresentado o objetivo do documento que, através da narrativa animalésca, tentava modelar o comportamento do rei, do conselheiro e de outros personagens do ambiente cortesão. Essa obra, além de um bestiário, é um *espelho de príncipe*: ambos os gêneros eram marcados pela intencionalidade didática e moralizante no relato.

O enredo⁸³ da obra foi dividido em quatro partes: primeira a exposição, que iniciou no prólogo, onde Félix disse ter sido avisado pelos homens da Ordem dos

⁸¹ “Gênero é um tipo de texto literário, definido de acordo com a estrutura, o estilo e a recepção junto ao público leitor e ouvinte. Gêneros literários: 1. Épico: é o gênero narrativo ou de ficção que se estrutura sobre uma história [...]” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991. p. 6.

⁸² “Finit es lo Llibre de les Besties, lo qual Felix aportà a un rei, per tal que vegés la manera segons la qual en çò que fan les besties es significat com rei dega regnar i s dega guardar de malvat consell i de falsos homens.” *LB*. Cap. 43, p. 235.

⁸³ “O conjunto dos fatos de uma história é conhecido por muitos nomes: fábula, intriga, ação, trama, história. No âmbito deste livro adotamos o termo mais largamente difundido: enredo. Duas são as

Apóstolos, que ali próximo estava ocorrendo a escolha de um rei para o reino dos animais e depois com a eleição do rei. Inicialmente, a raposa ficou de fora dos cargos reais, fato que gerou seu sentimento de traição ao rei e a tentativa de destronamento.⁸⁴ A segunda refere-se ao desenvolvimento iniciado com a exclusão da protagonista da corte e os conflitos,⁸⁵ até à descoberta de sua traição pelo leão.⁸⁶ A terceira parte, o clímax, iniciou quando, como consequência da traição, o rei matou a traidora na frente de todos.⁸⁷ Por fim, o desfecho da narrativa foi o retorno da paz ao reino e do bom governo, o que reforçava o objetivo da obra em alertar a respeito do mau conselheiro.⁸⁸

O tempo cronológico⁸⁹ seguia um padrão na obra de Ramon Llull. O autor utilizava alguns estilos de frases para marcar a passagem de cena no enredo, esses eram: “um dia [...]” e “um dia aconteceu [...]”.⁹⁰ Desta forma, marcava a passagem de cena entre os personagens, apresentando novos fatos ao ambiente: tal balizamento facilitou na percepção de sua mudança no enredo, sinalizando para os leitores ou ouvintes um novo episódio e ensinamento.

Já sobre o ambiente⁹¹ da obra, entendemos que estivesse relacionado pela derivação da Idade Média Central, especificadamente, no século XIII; o espaço em questão seguia determinada situação *econômica/política*,⁹² *moral*,⁹³ *religiosa*⁹⁴ e *geográfica*.⁹⁵ Era nesse espaço que se encontravam os personagens animais e o

questões fundamentais a se observar no enredo: sua estrutura (vale dizer, as partes que o compõem) e sua natureza ficcional.” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas...* Op. Cit., p. 9-10.

⁸⁴ *LB*. Cap. 37-38, p. 181-191.

⁸⁵ Leão x boi (p. 227); leão x leopardo (p. 222); leopardo x onça (p. 222); elefante x raposa (p. 234); raposa x serpente (p. 223); raposa x galo (p. 230); leão x cavalo (p. 187); raposa x cão (p. 213); raposa x urso (p. 223); raposa x lobo (p. 223); raposa x galo (p. 212).

⁸⁶ *LB*. Cap. 39-43, p. 191-234.

⁸⁷ *LB*. Cap. 43, p. 235.

⁸⁸ *LB*. Cap. 43, p. 235

⁸⁹ “É o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem em que os fatos ocorreram); chama-se **cronológico porque e mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos.**” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas...* Op. Cit., p. 23. (Grifos nossos).

⁹⁰ *LB*. Cap. 37- 43, p. 187, 188, 202, 210, 213, 224, 227, 231.

⁹¹ “É o espaço carregado de **características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens.** Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um *clima.*” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas...* Op. Cit, p. 23. (Grifos nossos).

⁹² O ambiente era de corte com a interação entre os que comiam carne, os nobres, e os que comiam ervas, os camponeses. O primeiro, nos cargos cortesãos, predominava sobre o segundo.

⁹³ Nobreza/cristã: características positivas e negativas que deveriam ser seguidas ou evitadas pelas bestas/homens.

⁹⁴ Cristã: era a que guiava o comportamento ideal dos personagens e dava autoridade ao discurso dos atores em determinados momentos.

⁹⁵ Espaço urbano, especificadamente da corte.

narrador, Félix, que era um entidade ficcional, criação do autor, e que só existia no texto.⁹⁶

A atuação do narrador no *LB* ficou exposta logo no prólogo, como vemos em suas palavras:

– Ah, Senhor Deus Jesus Cristo! Onde estão o santo fervor e a devoção que costumava existir nos apóstolos, os quais, por amá-lo e conhecê-lo, não duvidavam de sustentar trabalhos e a morte? Belo Senhor Deus, que seja de Vosso agrado que, em breve, venha um tempo no qual se complete a santa vida significada na vida desses homens. [...] Félix recomendou os santos homens a Deus, e foi àquele lugar onde as bestas desejavam eleger um rei.⁹⁷

Félix, depois de um episódio de lamentação, se despediu dos homens com quem conversava desde o início desse capítulo e se direcionou ao reino dos animais. Ele deixou de participar do enredo e se tornou observador,⁹⁸ o que configurou como narrador em terceira pessoa.⁹⁹ Isto é, ele sabia de toda a história e estava em todos os lugares, contudo não fazia parte dos fatos narrados, o que diferia da sua caracterização nos outros capítulos do *FLM*.

Os personagens¹⁰⁰ foram divididos, inicialmente, em três grupos. Destacamos primeiro a protagonista: a raposa,¹⁰¹ a anti-heroína da história. Ela foi citada na obra 199 vezes, era a que apresentava mais da metade das *exempla*,¹⁰² estava presente em toda a trama e na maioria dos conflitos. Além disso, entrou em cena no primeiro capítulo e permaneceu até o último parágrafo.

⁹⁶ Ibidem, p. 29.

⁹⁷ “A senyor Deus Jesucrist! On es la santa fervor e devoció que esser solia en los apostols, qui en vos amar e conexer no duptaven a sostenir treballs et morts? Bell senyor Deus, placia a vos que en breu vejam temps en que-s complezca santa vida qui es significada en la figura de la vida de aquests homens. [...] Aprés aquestes paraules, Felix comana a Deus los sants homens e ana en aquell loch on les besties.” *LB*. Cap. 36, p. 183-184.

⁹⁸ MARTÍN PASCUAL, Lúcia. *La tradició animalística en la literatura catalana medieval i els seus antecedents*. Maiorca, 1994. 954 f. Tese (Doutorado em Filologia Catalã) - Departamento de Filologia Catalana, Universitat D'alacant, Maiorca, 1994. p. 592.

⁹⁹ “[...] é o narrador que está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial. O narrador em terceira pessoa é conhecido também pelo nome de narrador observador, e suas **características principais são**: a) **onisciência**: o narrador sabe tudo sobre a história; b) **onipresença**: o narrador está presente em todos os lugares da história.” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas...* Op. Cit., p. 27. (Grifos nossos).

¹⁰⁰ “A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. [...] Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem no enredo pelo que fazem ou dizem, e pelo julgamento que fazem dele, o narrador e os outros personagens.” Ibidem, p. 14.

¹⁰¹ NEUGAARD, Edward J. *The Sources of the Folk Tales...* Op. Cit., p. 334.

¹⁰² RAMIS I SERRA, Pedro. *Llibre de les Bèsties...* Op. Cit., p. 154.

O antagonista do enredo era o rei leão, citado 104 vezes e presente do início ao fim da obra, todavia não se apresentou em todos os conflitos. Enquanto a protagonista era a má conselheira, o leão representava o forte governante mal influenciado e que precisava livrar-se dos maus conselhos para ter um bom governo. Ambos os personagens são considerados redondos, eles tinham uma variedade de características, das quais destacamos as morais e sociais.¹⁰³

O último grupo foi formado pelos personagens considerados planos,¹⁰⁴ esses eram aqueles animais que tinham as características facilmente identificáveis, tais como o boi, o leopardo, o elefante, a serpente, o galo, o pavão, o javali, o cavalo, a onça, o cão, o urso, o coelho, o lobo, o gato, o corvo, o carneiro, o bode, o cervo e o cabrito.¹⁰⁵

Além dessa divisão supracitada, no *LB* os animais/personagens foram, ainda, separados em outros dois grupos: o primeiro era formado pelas bestas que comem carne e o segundo por aqueles animais que comem ervas.¹⁰⁶ Tais qualificações foram compreendidas como a *representação* da imagem social desses animais em referência aos homens do contexto do autor: assim, aqueles que estavam relacionados a carne eram os configurados como nobres; já os camponeses relativos às ervas.¹⁰⁷

Os personagens em análise, a anti-heroína raposa e o antagonista leão, faziam parte do grupo dos nobres, sendo essa a primeira qualificação de ambos. A seguir examinamos os perfis desses personagens atentando para as seguintes linhas de análise: com quem interagem, como agem e as suas qualificações. Isto é, as características sociais e morais.¹⁰⁸

¹⁰³ “São mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em: - **físicas**: incluem corpo, voz, gestos, roupas; - **psicológicas**: referem-se a personalidade e aos estados de espírito; - **sociais**: indicam classe social, profissão, atividades sociais; - **ideológicas**: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião; - **morais**: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.” GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas...* Op. Cit., p. 18. (Grifos nossos).

¹⁰⁴ “[...] **Personagens planos**: São personagens **caracterizados com um número pequeno de atributos**, que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos. Há **dois tipos de personagens planos** mais conhecidos: **tipo** é um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem; **caricatura**: é um personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é um personagem presente em histórias de humor.” Ibidem, p. 16-17. (Grifos nossos).

¹⁰⁵ Sobre as suas qualificações, ver anexo IV, tabela 3.

¹⁰⁶ *LB*. Cap. 37, p. 184.

¹⁰⁷ Para melhor compreensão sobre o tema, ver nota 205. RAMON LLULL. *Félix...* Op. Cit., p. 184.

¹⁰⁸ Ver item 2.3, nota 103.

CAPÍTULO 3- A REPRESENTAÇÃO DO REI LEÃO E DA RAPOSA CONSELHEIRA NO BESTIÁRIO DE RAMON LLULL

3.1- A REPRESENTAÇÃO DO REI LEÃO

O perfil do leão no *LB* seguia determinadas qualificações sociais e morais que instituíam seu perfil e, assim, diferenciava-o dos outros personagens. Esses elementos configuravam o personagem redondo ao ponto de conseguirmos identificá-lo antes mesmo de ser apresentado pelo nome. Deste modo, analisamos, no primeiro momento, o perfil social e, depois, o moral, com o objetivo de compreender sua *representação*.

O primeiro ponto de destaque em seu perfil estava relacionado diretamente com sua qualificação social, sobre essa, vimos, que ele fazia parte do conjunto dos animais que comiam carne, portanto pertencia ao grupo social da nobreza.¹ Não apenas, ao longo da trama, ele desempenhou o cargo de maior importância na corte, o de rei dos animais. Vale salientar que esse aspecto fazia parte da tradição dos textos sobre animais,² como as fábulas e os bestiários. Em ambos os casos, o leão era considerado o rei das criaturas, tal premissa foi justificada através do uso da etimologia de seu nome *leo*, que significava rei.³ Esse personagem era, geralmente, o primeiro animal a ser descrito nos bestiários,⁴ como exibido aqui por Llull e em nossa análise.

Contudo, o que diferia esse escrito dos outros documentos sobre animais é o fato de que Llull apresentou um tipo de eleição, segundo o autor: “Em uma bela planície por onde passava uma bela água estavam muitas bestas que desejavam eleger um rei. A maior parte fez um acordo: que o Leão fosse rei [...]”⁵ Eleição que, para diversos historiadores, aparentou um aspecto relativamente “aberto” ou

¹ Ver item 2.3.

² Em diversos textos, tanto da Antiguidade quanto na Idade Média, o leão simbolizava o rei, essa tradição se configurou nos seguintes textos: Esopo- *Fabulas Esopo* (VII-VI a. C.), Aristóteles- *De anima* (IV a. C.), Babrio- *Fabulas Babrio* (I-II), Plínio- *História Natural* (I), Eliano- *Historia de los animales* (II-III), *Bíblia*- Antigo e Novo Testamentos, destaque aos livros de Gênesis, Salmos, Provérbios e Apocalipse, Anônimo- *Fisiólogo* (I-III); Isidoro de Sevilha- *Etimologias*. (VI-VII). Oriental: Ibn Al-Mukafa- *Calila e Dimna*. (VIII). Anônimo- *Mil e uma noites* (XIII-XVI).

³ VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista online*, Lisboa, n. 2, p. 1- 52, 2006. p. 4. WHITE, T. H. *The book of beasts*: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century. New York: G. P. Putnam's Sons, 1984. p. 54.

⁴ VARANDAS, Angélica. A Idade Média... Op. Cit., p. 4.

⁵ “En una bella plana per on passava una bella aigua estaven gran res de besties selvatges qui volien eleger rei. Acord fo pres per la major part que l lleó fos rei [...]” *LB*. Cap. 37, p. 184.

“democrático”: entretanto, a nosso ver, trata-se apenas de anacronismo dos investigadores.

Por conseguinte, a respeito dessa dita eleição,⁶ dois trechos nos chamaram a atenção, em primeiro lugar vejamos as palavras de Félix: “Pela força do Urso e das outras bestas que comiam carne – e malgrado as bestas que comiam erva – o Leão foi escolhido para ser rei e deu licença a todas as bestas que viviam de carne para que comessem e vivessem das bestas que comiam erva.”⁷ Consequentemente, a sua escolha como rei foi finalizada com a aceitação entre seus pares, os que comiam carne. Ou seja, os nobres que, através de sua força, impuseram a nomeação dessa besta como rei das outras.

O segundo ponto, que reforça a nossa argumentação, é um *exemplum* dito pelo próprio leão:

– Ouvi de meu pai que meu avô, que era rei de uma grande terra, desejou rebaixar os barões, aos quais pertencem as honras, e desejou exaltar as vis bestas, às quais não convêm honraria, entre as quais estava o Símio, que foi muito honrado. Aquele Símio, por ser semelhante ao homem, teve desejo de ser rei, e concebeu, no lugar da honraria, uma traição contra meu avô.⁸

Assim, o rei, além de ser nobre, afirmava descender de uma linhagem real: não fica claro o papel social de seu pai, contudo seu avô teria sido um governante que foi traído por um símio. Este último episódio reforça o objetivo do enredo de Llull, ou seja, a necessidade de ter bons conselheiros e honrados nobres.

Inicialmente, foi escolhido por sua nobreza e linhagem, todavia existia também uma justificativa que baseava-se na concepção de que o divino teria dado o ofício e a descendência nobre, como nas palavras do elefante, ditas ao monarca: “[...] tenhais bom Conselho, sejais livre em vosso senhorio e não submetais a nobreza que

⁶ Alguns pesquisadores acreditam que Llull estava propondo um modo de votação democrática. Discordamos e vemos essa afirmação como reflexo dos tempos atuais desses autores. Ver item 2.2.

⁷ “Per la força de l'ors i de les altres besties qui mengen carn, malgrat de les besties qui mengen herba, fo elet lo lleó a esser rei; lo qual lleó donà llicencia a totes les besties qui mengen i viuen de carn, que menjassen i visquessen de les besties qui mengen herba.” *LB*. Cap. 37, p. 187.

⁸ “- A mon pare oí una vegada recontar que mon avi, qui era rei d'una gran terra, volgué abaixar los barons a qui s tanyia honor i volgué exalçar les vils besties a les quals no s convenia honrament, entre les quals besties fou lo simi, al qual féu molt d'honrament. I aquell simi, per çò car era semblant a hom, hagué desig que fos rei, i concebé, en lloc d'honrament, traició contra mon avi.” *LB*. Cap. 43, p. 234.

Deus vos deu por linhagem e ofício a uma má pessoa [...].”⁹ Além do mais, que “[...] O rei está estabelecido nesse mundo para significar Deus, isto é, o rei deve ter justiça na terra e governar o povo que Deus lhe deu para comandar.”¹⁰

Sendo assim, a descendência do rei era conferida por Deus e sua escolha veio da aceitação de sua linhagem e nobreza. Portanto, não havia disputa, mas um consentimento entre os personagens nobres, que o aceitaram como rei, o que careceria de governar com justiça e ter um bom governo, sendo imagem de Deus na Terra, a figura de Jesus.¹¹

Ainda, Pascual observou nos bestiários que o leão era considerado uma besta nobre e senhor de outras bestas.¹² Do mesmo modo, percebemos aqui, foi apresentado, no *LB*, essas configurações simbólicas. Logo, ele era o rei das bestas e senhor de todos os outros animais do enredo, a quem deveriam servir mesmo que levassem a morte.

Podemos encerrar essa primeira parte dizendo que as suas qualificações sociais eram relacionadas ao grupo da nobreza e que tinha linhagem real e divina, características necessárias para ter o ofício de rei dos animais e que foi aceito entre seus pares.

As qualificações morais foram estabelecidas em diálogo com os outros personagens: ao desempenhar determinada ação, o personagem apresentava sua qualificação. A primeira designação do leão foi apresentada pelo boi, caso ocorrido quando interagiu com os animais da corte ao o escolherem como rei, esse disse:

– Senhores, à nobreza do rei convém beleza de pessoa: que seja grande, humilde e que não dê danação às suas gentes. O Leão não é uma grande besta, nem é besta que vive de ervas, pelo contrário, ele come as bestas. O Leão possui uma palavra e uma voz que, quando grita, faz estremecer todos nós de pavor. Pelo meu conselho, deveis eleger o Cavalo como rei, porque o Cavalo é uma besta grande, bela e humilde, e é também uma besta ligeira, não tem orgulho semelhante ao Leão e nem come carne.¹³

⁹ “[...] que hajau bon consell: sieu franc en vostre senyoratge, i sotsmeteu a malvada persona la noblesa que Déu vos ha donada per llinatge i per ofici [...]” *LB*. Cap. 43, p. 234.

¹⁰ “[...] rei en est món; i el rei digué que rei es establert en aquest món a significança de Déu, çò es a saber, que rei tinga en terra justícia, i que governi l poble que Déu li ha comanat.” *LB*. Cap. 40, p. 203.

¹¹ MALAXECHEVERRIA, Ignacio. *Bestiário Medieval*. Madrid: Siruela, 1986. p. 14.

¹² MARTÍN PASCUAL, Llúcia. *La tradició animalística...* Op. Cit., p. 284.

¹³ “— Senyors, a noblesa de rei se convé bellesa de persona, i que sia gran i humil, i que no dó damnatge a ses gents. Lo lleó no es gran bestia, ni es bestia que visca d’herba, ans menja les besties. Lo lleó ha paraula i veu que fa estremir de por tots nosaltres con crida, més per mon consell vosaltres elegireu lo cavall a rei; car lo cavall es gran bestia i bella i humil; lo cavall es bestia lleugera, i no ha semblant ergullós i no menja carn.” *LB*. Cap. 37, p. 184.

Nesse trecho, o antagonista foi apresentado como orgulhoso, com uma voz e palavra que faziam os outros animais estremecerem e devorador das próprias bestas. Na verdade, os camponeses e nobres deveriam se submeter ao rei, fato que Llull queria expressar, mesmo que levassem a morte, mas apenas daqueles que comiam ervas. O boi, ao anunciar esse pensamento, desejava alçar ao poder uma besta de seu grupo social, o cavalo. No entanto, como já vimos, foi o leão que tornou-se rei e assim continuou até o fim da narrativa.

Na primeira ação como rei, depois de tratar a respeito da ordenação da corte, perguntou ao lobo e a raposa onde poderiam obter comida, esses personagens disseram:

[...] eles responderam que era tarde para procurar carne, mas que perto daquele lugar havia um vitelo, filho do Boi, e um potro, filho do Cavalo, que poderiam ser comidos abundantemente. O Leão enviou-os àquele lugar e fez vir o vitelo e o potro, e todos os comeram. O Boi e o Cavalo ficaram muito irados com a morte de seus filhos, e foram juntos a um homem para se colocar a seu serviço e para que ele os vingasse da falta que seu soberano havia cometido contra eles.¹⁴

Essas duas bestas aconselharam o rei e seus barões a se alimentarem dos filhotes do cavalo e do boi, é preciso salientar que a simbologia desses dois personagens era vinculada ao maligno ou ao próprio diabo.¹⁵ Todos se alimentaram dos animais mortos: tal atitude gerou um incomodo entre o rei, o cavalo e o boi. Estes últimos consideraram uma falta grave do leão, uma traição, e saíram do reino¹⁶ com desejo de vingança.

No capítulo seguinte o monarca institui sua corte, no qual o urso, o leopardo, a onça, a serpente, o lobo¹⁷ e o galo¹⁸ seriam seus conselheiros. O cão e o gato

¹⁴ “[...] ells respongueren i digueren que tart era com poguessen percassar vianda; mas que pres d'aquell lloc havia un vedell fill del bou i um pollí fill del cavall, de que podrien menjar abundosament. Lo lleó tramès em aquell lloc, i féu venir lo vedell i lo pollí, i menjaren-los. Molt fo irat lo bou de la mort de son fill, i sí s fo lo cavall, i ensems vingueren- sen a l'hom, per tal que l servissen i que ls venjas del falliment que llur senyor havia fet contra ells.” *LB*. Cap. 37, p. 187.

¹⁵ MORALES MUÑIZ, Dolores Carmen. El simbolismo animal en la cultura medieval. *Espacio, tempo y forma*, Madrid, n. 9, p. 229-255, 1996. p. 244.

¹⁶ Rompimento senhorial, comumente conhecido como felonía: posterior a morte do filho do cavalo e do boi, esses personagens fugiram do reino dos animais para o do homem. Essa atitude foi considerada traição.

¹⁷ *LB*. Cap. 38, p. 189.

¹⁸ *LB*. Cap. 38, p. 191.

atuariam nos ofícios de porteiro da casa real e camareiro do rei, respectivamente.¹⁹ De todos os animais com ofício real, o galo era o único animal que não comia carne a integrar esse ambiente: entretanto, sua figura era associada ao bom pregador,²⁰ o que demonstra que, para Llull, a corte deveria ser formada predominantemente por nobres.

Excluída dos cargos reais, a raposa prometeu e desejou a traição:²¹ a partir desse momento, as atitudes que qualificaram o moralmente tem a interferência direta dela.

Primeiramente, com a aliança entre ela e o boi, que planejaram enganar o leão, esse último disse: “– Raposa, disse o rei, como podes não ter pavor dessa voz tão grande e tão estranha? Tu vês que eu, que sou tão poderoso, e o Urso, e o Leopardo, e muitas outras bestas que são mais fortes que tu, temos pavor dessa voz.”²² O monarca, sem saber da armação desses personagens, ficou assustado com o mugido do boi, tal atitude o classificou como medroso e covarde, o que gerava oposição à sua característica tradicional, nos bestiários e na figura de rei, de corajoso.²³

Depois de conseguir se inserir na corte,²⁴ a protagonista o aconselhou em diversos momentos, qualificando-o negativamente frente ao seu povo:

[...] Raposa, que agora era porteiro do rei, disse a ele que o Leopardo tinha como mulher a mais bela besta que existe em todo o mundo. Dona Raposa louvou tanto Dona Leoparda que o rei se enamorou da Leoparda e a tomou como mulher, malgrado a rainha e todo seu Conselho, que tiveram grande pavor de Dona Raposa,

¹⁹ *LB*. Cap. 40, p. 196.

²⁰ Nesse aspecto do galo, Llull fez referência a importância do bom pregador. Essa figura era importante em sua perspectiva de conversão e enquadramento do cristão. Assim, ele deveria ser um homem sábio para conseguir convencer o dito infiel através do debate religioso e na língua do outro. *LB*. Cap. 38, p. 190.

²¹ É importante lembrar que o seu perfil foi analisado no subitem 3.2. Aqui, seu nome apenas aparece quando interage com o leão.

²² “—Renart, —digué l rei—, com pot esser que tu no has por d'esta veu tant gran i tant extranya? Ja veus que jo, qui só tant poderós, i l'ós i el lleopart i moltes d'altres besties qui són pus forts que tu, havem por d'aquesta veu.” *LB*. Cap. 40, p. 200.

²³ Dito, posteriormente, na continuação dessa cena. *LB*. Cap. 40, p. 204. Essa representação era tipicamente relacionada ao leão. SÁNCHEZ SANTIAGO, Urda M. Animalidad y moralidad: el león como rey y señor todo poderoso en tres exempla de la literatura española medieval: Calila e Dimna, Sendabar y Libro de Buen Amor. *Jornadas Internacionales de Literatura Española Medieval*, Buenos Aires, v. 11, n. 20-22, p. 1-10, 2014. p. 3.

²⁴ O processo de inserção desse personagem na corte foi debatido no subitem 3.2.

ao verem que havia induzido o rei a uma falta tão grande contra sua boa mulher e contra o Leopardo, que era seu leal servidor.²⁵

Nos bestiários, a leoa era comumente caracterizada como um animal luxurioso que poderia se relacionar com o leopardo, o que poderia gerar uma besta híbrida.²⁶ No *LB* ocorreu o contrário: o leão se relacionou com a “leoparda”, porém não foi dito se gerou algum animal. Entretanto, ele foi qualificado negativamente como traidor, luxurioso e desonroso, tanto com o seu leal servidor, o leopardo, quanto com a rainha.²⁷

A traição do rei gerou o confronto entre dois personagens da corte: a onça e o leopardo- o primeiro defendeu a honra do governante e o segundo tentou provar que o rei era falso e traidor.²⁸ O confronto entre esses personagens induziu a uma nova ação negativa do monarca:

[...] a Onça foi vencida, e ela teve que dizer, diante de toda a corte, que o rei, seu senhor, era falso e traidor. O rei ficou muito confuso e envergonhado com aquela batalha. O Leopardo matou a Onça e todo o povo teve vergonha da desonra de seu senhor. Por sua vez, o rei esteve em tamanha vergonha e abatimento diante de seu povo e ficou tão irado com o Leopardo, que lhe havia feito tão grande desonra, que não se conteve e matou o Leopardo diante de todos, que não pôde se defender porque estava cansado. Todos que estavam na praça do rei sentiram-se descontentes com a falta que o rei havia cometido, e cada um desejou estar na senhoria de outro rei, porque a sujeição do povo a um rei injurioso, irado e traidor é coisa muito perigosa.²⁹

A derrota da onça confirmou que o rei havia sido traidor e desonroso, esse fato colocava-o contra seu povo, objetivo explícito da raposa. Em seguida, como consequência da morte do leopardo, através da desonra do leão ao matá-lo cansado,

²⁵ “[...] Renart, qui era porter del rei, digué al rei que l lleopard havia la pus bella bestia a muller que fos en tot lo món. Tant lloà na Renart la lleoparda, que l rei s'enamorà de la lleoparda, i pres aquella per muller, malgrat de la regina i de tot son consell, lo qual consell hagué gran por de na Renart, con vegeren que hagué empetrat ab lo rei tant gran cosa com era l falliment que l rei havia fet contra sa bona muller, i contra l lleopard, qui era son lleial servidor.” *LB*. Cap. 41, p. 219.

²⁶ MARTÍN PASCUAL, Lúcia. La tradició animalística... Op. Cit., p. 283.

²⁷ *LB*. Cap. 41, p. 219.

²⁸ *LB*. Cap. 42, p. 222.

²⁹ “[...] a la fi ell vencé l'onça, i fêu-li dir davant tota la cort que l rei llur senyor era fals i traidor. Molt fo lo rei confós i envergonyit d'aquella batalla, i lo lleopard occí l'onça, i tot lo poble hagué vergonya de la deshonor de llur senyor. En tant gran vergonya i confusió estigué l rei davant son poble, i tant fo irat contra l lleopard, qui a tant gran deshonor l'hagué fet venir, que no s pogué tenir de sa ira, i davant tots anà l lleopard occiure; lo qual lleopard no s pogué defendre del lleó, per çò car era hutjat. Tots quants foren en la plaça foren despagats del falliment que l rei havia fet, i cascun desitjà esser en senyoria d'altre rei, per çò car molt es perillosa cosa subjugació de poble qui sia sotsmès a rei injuriós, irós i traidor.” *LB*. Cap. 42, p. 222.

ficaram todos do reino insatisfeitos. Essa ação o fez ser *representado* como um governante injurioso, irado e traído, qualificações impensáveis para um monarca e um bom governo.

Esse mau aconselhamento da raposa rendeu frutos negativos para o rei e, por conseguinte, deixou seu povo insatisfeito pelo mau governo. Além disso, tal ação do leão causou confusão em seu juízo, mostrando o perigo das atitudes incorretas para sua sapiência. Isto é, para Llull, as ações consideradas erradas levavam o rei a um duplo perigo: o mau governo e a debilidade de seu conhecimento.

Por fim, o último mau aconselhamento dela ao governante gerou o conflito com o boi:

Dona Raposa ordenou todas essas coisas, foi até o Leão com o Boi e o Corvo, e o Corvo se aproximou do Leão e lhe disse que sabia de sua fome e pediu que o comesse. Dona Raposa respondeu e defendeu o Corvo, dizendo que não era carne conveniente para ser comida de rei. Depois dessas palavras, Dona Raposa disse ao rei que a comesse, porque não tinha outra coisa para dar-lhe para comer, mas somente a si mesma, e o Corvo disse ao Leão que a carne de Dona Raposa não era saudável para comer. Naquele momento, com palavras semelhantes o Boi se ofereceu ao Leão, e disse ao Leão que o comesse, porque ele era grande e gordo e tinha uma boa carne para ser comida. Então o Leão matou o Boi, e Dona Raposa, o Corvo e o rei comeram dele à vontade.³⁰

Assim, com a ajuda do corvo e, ela³¹ conseguiu enganar o boi e o leão, fez com que o segundo matasse o primeiro. Com essa ação, o governante agiu como traidor e desonrado.³²

Todas essas atitudes errôneas o qualificaram negativamente e só terminaram quando sua relação com a raposa foi encerrada. Esse fato decorreu com a intervenção

³⁰ “Con na Renart hagué totes aquestes coses ordonades, ell vingué davant lo lleó ab lo bou i lo corb, i el corb se presentà al lleó i digué-li que ell coneixia que l lleó havia fam, i proferias a ell que l menjas. Na Renart respongué i escusà l corb, i digué que no havia carn que s convingués a menjar de rei. Aprés estes paraules, na Renart digué al rei que la menjas, car no havia alre que li donas a menjar mas sí mateix, i lo corb digué al lleó que la carn de na Renart era malsana a menjar. Adoncs lo bou, per semblants paraules, se proferí al lleó i digué que l menjas, car ell era gran i gras, i havia bona carn a menjar.” *LB*. Cap. 42, p. 226- 227.

³¹ *LB*. Cap. 42, p. 226- 227.

³² Este episódio aproximou-se da obra *CD*, onde a Dimna enganou o leão e que, também, acabou matando o boi. Contudo, no *LB* ocorreram conflitos diretos com o boi e o leopardo, além de outros episódios que geraram a saída de diversos personagens da corte e leais ao rei. *CD*. Cap. 1, p. 40.

de um importante animal do bestiário, o elefante.³³ No *LB* esse personagem não só deixou de se aliar a ela, como ainda contou e mostrou a sua traição ao rei.³⁴

Em vista disso, descoberto o plano de traição, o rei convocou seus barões e, nas palavras do narrador Félix, disse:

[...] o rei olhou horriavelmente para o Coelho e o Pavão, e gritou um urro muito grande a fim de que a natureza de seu alto senhorio tivesse maior virtude na consciência do Coelho e do Pavão do que a natureza por força da qual o Coelho e o Pavão têm pavor de Dona Raposa. Quando o Leão deu o grande urro, disse furiosamente ao Coelho e ao Pavão que dissessem a verdade, e o Coelho e o Pavão não puderam conter-se e disseram a verdade ao rei. E naquele mesmo instante o rei pessoalmente matou Dona Raposa.³⁵

Para ouvir todo o plano das testemunhas, o leão utilizou seu rugido,³⁶ símbolo da natureza de seu alto senhorio e que era relacionado com a justiça e a verdade.³⁷ Dito a traição pelos confidentes, ele matou a raposa, a responsável pelas suas atribuições negativas e mau governo.

O desfecho da narrativa trouxe a seguinte consequência: “[...] a corte do rei desfrutou de um bom estamento. O rei fez o Elefante, o Javali e outros honrados barões de seu Conselho, e expulsou o Coelho e o Pavão.”³⁸ Do mesmo modo, o rei voltou a ter um bom governo, os personagens que foram fiéis e honrados entraram para a corte, como foi o caso do javali e do elefante, porém os traidores, o coelho e o pavão, foram expulsos.

³³ SÁNCHEZ SANTIAGO, Urda M. *Animalidad y moralidad...* Op. Cit., p. 7.

³⁴ O plano era colocar o javali contra rei para depois o elefante matá-lo, o pavão e o coelho foram as testemunhas de toda essa maquinação. *LB*. Cap. 43, p. 231-234.

³⁵ “[...] lo rei féu un esguard molt horrible al conill i al paó, i gità molt gran bram, per çò que la natura de son alt senyoratge hagués major virtut en la consciencia del conill i del paó, que la natura perquè l conill i el paó han por de na Renart. Con lo lleó hagué gitat lo gran bram, fellonament ell digué al conill i al paó que li diguessen veritat; i el conill i el paó no s pogueren tenir, i digueren veritat al rei. I adoncs lo rei, ell son cors, occís na Renart.” *LB*. Cap. 43, p. 235.

³⁶ O rugido do rei leão remetia à Bíblia: “Eles caminharão atrás de Iahweh. Ele rugirá como um leão, e quando ele rugir, os filhos virão tremendo do Ocidente [...]” Oséias, 11-10, BJ, 1599. Nos dois textos o rugido estava vinculado com a verdade, na obra de Ramon Llull, impondo ao coelho e ao pavão a confissão, no bíblico a verdade de Deus e o fim dos pecados dos filhos de Israel. Em ambos os casos, o seu rugido simbolizava a verdade e a vitória do bem contra o mal, a raposa que era a invejosa e traidora e o outro contra os pecados dos povos israelitas.

³⁷ VARANDAS, Angélica. *A Idade Média...* Op. Cit., p. 3.

³⁸ “[...] i després que na Renart fò morta, fò as cort en bon estament. Lo rei féu de son consell l'orifany i el senglar i d'altres honrats barons, i gità-n lo conill i el paó.” *LB*. Cap. 43, p. 235.

Vale ressaltar que nos textos bíblicos a figura do leão exaltava tanto o bem³⁹ quanto o mal:⁴⁰ poderia simbolizar, assim, a ferocidade que era aplicada ao poder do rei e a sua ira, bem como o diabo. Destarte, ele tinha a capacidade de representar três figuras: o rei, diabo e Deus.⁴¹

A *representação* do leão, apresentada por Ramon Llull, tem aproximações e distanciamentos da tradição que se refere a esse animal, comumente nos bestiários medievais.⁴² Em ambos os casos *representava* o rei, contudo, para Llull, essa besta era qualificada socialmente como nobre, de linhagem real, e com características positivas - como bom governante-, mas que, em alguns casos, era desviado pela raposa. Deste modo, adota uma perspectiva moral de bom comportamento, apresentando as qualificações necessárias para governar e as que deveriam ser evitadas pelo monarca e sua corte.

Estas qualificações morais foram divididas em dois grupos: as que eram símbolos dessa besta e aquelas que ocorreram por interferência do mau

³⁹ Tinha conotação positiva como, também, no Antigo Testamento, lá ele era visto como um animal forte, valente e símbolo da linhagem de Judá. GARCIA GARCIA, Francisco de Asis. El León. *Revista digital de iconografía medieval*, Madrid, v. 1, n. 2, p. 33-46. 2009. p. 35.; BIEDERMANN, Hans. *Dictionary of symbolism: cultural, icons and the meanings behind them*. New York: Facts on file, 1992. p. 209-211.

⁴⁰ Poderia ser a criatura hostil e perigosa como no Antigo Testamento- Castigo de Daniel, uma imagem temida, violenta e que encarnava a força do mal, era a imagem do Diabo. GARCIA GARCIA, Francisco de Asis. El León... Op. Cit., p. 34-35.; OLAÑETA MOLINA, Juan Antonio. Cristo o Diabolo? la contradictoria dualidad simbólica del león en el episodio de Daniel en el foso en la escultura románica. *Brocar*, La Rioja, n. 38, p. 65-81, 2014. p. 66.; BIEDERMANN, Hans. *Dictionary of Symbolism...* Op. Cit., p. 209-211.

⁴¹ DEYERMOND, Alan. Leones y tigres en la literatura medieval castellana. In: LÓPEZ CASTRO, Armando; CUESTA TORRE, María Luzdivina (Coord). *CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL*, 11, 2005, León. *Actas del congreso internacional de la asociación Hispánica de Literatura Medieval*. León: Universidad de León, 2v. V.1, 2007. p. 41-63. p. 44.; OLAÑETA MOLINA, Juan Antonio. Cristo o Diabolo... Op. Cit., p. 67.

⁴² As características do leão no *LB* eram diferentes do apresentado pelo bestiário. Esse último costumava apresentá-lo a partir de três características associadas à interpretação escriturística: a primeira era que ele passeava pelo topo da montanha e quando percebia o perigo de algum caçador, apagava seus rastros com a cauda, fazendo com que os caçadores não o encontrassem. Essa característica era associada a Jesus, que ocultou o rasto de seu amor nos altos lugares e foi enviado por seu pai para salvar a humanidade, e escondeu seu rasto, fazendo com que o demônio o atentasse como um mero homem e os anjos que não o reconheceram quando subiu aos céus. A segunda era que quando ele dormia seus olhos ficavam abertos, da mesma forma que quando Jesus dormindo no corpo foi sepultado e crucificado, contudo sua cabeça divina estava acordada. Por fim, quando a leoa dava cria, os filhotes nasciam mortos, até que, no terceiro dia, o pai respirava em suas faces e os fazia viver – assim como Jesus ressuscitou no terceiro dia. SÁNCHEZ SANTIAGO, Urda M. *Animalidad y moralidad...* Op. Cit., p. 4-5.; BIEDERMANN, Hans. *Dictionary of Symbolism...* Op. Cit., p. 209-211.; WHITE, T. H. *The book of beasts...* Op. Cit., p. 119.; GONÇALVES, Rafael Afonso. *Animais e homens de um oriente distante (séculos XII-XIV)*. São Paulo, 2016. 259 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2016. p. 55-56.; FONSECA, Pedro Carlos Louzada. A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio. *Mirabilia*, Barcelona, n. 9, p. 108-132, 2009. p. 120.

aconselhamento da protagonista, as ditas ações incorretas do rei. Sobre o primeiro, ele foi qualificado pelo boi como orgulhoso e com uma palavra que fazia os outros animais estremecerem, simbolizava sua força e coragem. Outras características que estavam em seu urro, era a justiça e a verdade, era a palavra divina.

O segundo conjunto de qualificação, eram aqueles que decorriam do mau aconselhamento, iniciado com a traição feita ao boi e ao cavalo sobre influência do lobo e da raposa. Em determinado momento, foi qualificado como medroso e covarde, ao ser enganado pela anti-heroína e pelo boi. Depois, ludibriado novamente por ela, acabou como desonroso, traidor e luxurioso contra a rainha e o seu leal conselheiro, o leopardo. Posteriormente, ao matar esse último de forma desleal, foi qualificado como injurioso, irado e traidor. Por fim, apresentado como desleal e traidor ao matar o boi, em todos os casos por influência, predominantemente, da protagonista da obra.

O leão, na perspectiva de Lull, tinha diversas características positivas, já as negativas eram obras do mau aconselhamento. Tendo em vista que essa obra era, também, um *espelho de príncipe*, a intencionalidade do autor era modelar a conduta dessa figura: deste modo, a culpa das ações errôneas foi dada a um personagem conselheiro, que poderia ser alguma figura histórica ou não, haja vista o esforço de inserção de Lull como conselheiro na França.

Em outras palavras, o rei estava nessa posição por escolha dos seus pares nobres, grupo do qual fazia parte, e, por sua linhagem real, apresentou, ao longo do enredo, características morais positivas como a força, a coragem, o orgulho e o urro da justiça e da verdade. Eram essas suas características simbólicas que o configuravam no enredo como monarca: as outras equivocadas ou errôneas, eram artimanhas dos maus aconselhamentos.

3.2- A REPRESENTAÇÃO DA RAPOSA CONSELHEIRA

Do mesmo modo como o leão, a raposa apresentava características sociais e morais que a qualificavam e diferenciavam dos outros personagens. Tais propriedades eram imprescindíveis para compreender a personagem e seu ensinamento moral.

Iniciamos pelos atributos sociais e depois os morais. Por certos, em determinados momentos ambos estão em diálogo, visto que as atitudes dela

acarretavam com a sua ascensão e inserção na corte, fato que possibilitava sua chegada ao cargo de conselheira.

Sobre a sua característica social, como já vimos,⁴³ ela estava no grupo dos animais que comiam carne, sendo assim, classificada como nobre. No entanto, com um atributo que a diferenciava dos outros animais desse grupo social. Nas palavras do boi:

[...] o Boi, com seus companheiros, colocou-se contra as palavras de Dona Raposa, e disse que o Cavalo, que come ervas, deveria ser rei porque ele e seus companheiros tinham uma intenção verdadeira para a eleição do rei, porque se tivessem uma falsa intenção, não diriam que o Cavalo, que come a mesma erva que eles comem, deveria ser rei. E disse também que eles não deviam crer na opinião de Dona Raposa, que preferia que o Leão fosse rei porque vivia dos restos deixados pelo Leão quando ele comia a caça que havia apreendido, não por sua nobreza.⁴⁴

Deste modo, a raposa diferia dos outros animais pertencentes a nobreza. Isto é, a sua *representação social*, a nosso ver, estava relacionada com a baixa nobreza, pois não vivia da carne e nem matava sua presa, mas se alimentava da carniça deixada por outro animal: ou seja, era um nobre que dependia de seus pares para viver. Para nós, essa característica social a fez ficar fora, pelo menos a princípio, do conselho e da corte real. Portanto, não foi nomeada pelo rei a exercer algum ofício real. Entretanto, ao longo da trama, através das suas artimanhas, conseguiu se inserir nesse ambiente e – primeiro como porteira da casa real, depois, como conselheira do rei.

No primeiro capítulo, ela apoiou na escolha do leão como rei,⁴⁵ tentou convencer a todos que esse animal era o mais habilitado para exercer tal cargo, em oposição aos outros personagens.⁴⁶ Contudo, no fim, ele foi aceito como rei e, ao

⁴³ Ver o subitem 2.3.

⁴⁴ “[...] De l'altra part allegà l bou ab sos companyons contra les paraules de na Renart, i digué que per çò com ell deia que l cavall fos rei, car lo cavall menja herba, apar que ell i sos companyons haguessen vera intenció a l'elecció de rei; car si falsa intenció hi havien, no dirien que l cavall, qui menja l'herba que ells mengen, fos rei, ni ells no devien creure na Renart de l'elecció del rei; car na Renart més vol i ama que l lleó sia rei, per çò com viu de les romanalles que romanen al lleó con ha menjat en la caça que ha presa, que no fa per la noblesa del lleó.” *LB*. Cap. 37, p. 186.

⁴⁵ Ver o subitem 3.1.

⁴⁶ Segundo o boi, a raposa apoiava o leão porque vivia de suas sobras, era um personagem interesseiro. *LB*. Cap. 37, p. 185-186.

nomear sua a corte, não escolheu a raposa como conselheira ou para qualquer outro cargo real.⁴⁷

Após a nomeação do leão como monarca, ela tentou convencer os animais que comiam ervas da necessidade de terem um representante no conselho, além disso, disputou esse cargo com o galo. O primeiro a qualificá-la foi o elefante, que disse: “[...] Dona Raposa também era boa para ser conselheiro do rei porque era uma besta sábia e conhecedora de muitas coisas.”⁴⁸ O elefante e todas as outras bestas que comiam ervas acrescentaram: “[...] que Dona Raposa, que era bem falante e tinha grande sabedoria, fosse do Conselho do rei.”⁴⁹ Inicialmente, a sua qualificação era positiva, sendo vista como sábia, conhecedora e bem falante, ela conseguia, através das palavras, convencer os outros animais.

Entretanto, outras qualificações assustavam os personagens que comiam carne, como diz o urso, leopardo e a onça:

[...] quando ouviram que Dona Raposa seria do Conselho do rei, porque tiveram grande pavor que Dona Raposa, com sua eloquência e astúcia, fizesse a ira do rei ir contra eles, e principalmente porque Dona Raposa aconselhou mais que todas as outras bestas a eleição do rei.⁵⁰

Esses animais ficaram com grande medo da anti-heroína por causa das seguintes características: a eloquência e a astúcia, qualificação comum à sua figura no *bestiário medieval*.⁵¹ O seu simbolismo era associado a astúcia, sendo que essa alcunha era o motor para toda a enganação e traição dessa personagem nos bestiários.⁵² Além dessas qualidades, outra questão que chamou a atenção foi o fato de ter sido a besta que mais apoiou a escolha do leão, uma vez que buscava poder na corte desse monarca – não por meio da sua nobreza, mas por adulação.

⁴⁷ Ver o subitem 3.1.

⁴⁸ “[...] Renart era bona a esser conseller del rei, per çò car es savia bestia i sab moltes coses.” *LB*. Cap. 38, p. 190.

⁴⁹ “[...] Renart, que era ben parlant i havia gran saviesa, fos del consell del rei.” *LB*. Cap. 38, p. 190.

⁵⁰ “[...] quan oiren que na Renart fos del consell del rei, car gran por hagneren que na Renart, ab sa parleria i maestia, no ls fes venir en ira del rei, i majorment com na Renart hagués més aconsellada l'elecció del rei que neguna altra bestia.” *LB*. Cap. 38, p. 190.

⁵¹ AMER, Sahar. A fox is not always a fox! or how not to be a Renart in Marie de France's Fables. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, Washington, v. 51, n. 1, p. 9-20, 1997. p. 10.

⁵² Tal associação ocorreu desde os textos de Esopo, passando pelos bestiários e chegou aos dias atuais, de forma que as denominações raposa e astúcia tornaram-se sinônimos. CHADWICK, Joan V. The fox: a medieval view, and its legacy in modern children's literature. *Winter & Spring*, S.l., p. 71- 75, 1994. p. 71.

No fim dessa cena, o leopardo conseguiu convencer o leão em escolher o galo para o cargo de conselheiro. A partir daquele momento, ela realizou uma série de ações contra o rei e a corte. Segundo o narrador: “[...] Dona Raposa concebeu a traição em seu coração e desejou a morte do rei.”⁵³ Esse acontecimento apresentou outra qualificação moral: a traição.

Com o objetivo de matar o governante, a traiçoeira tentou convencer o elefante a ajudá-la: este, munido da dúvida sobre como a protagonista poderia matar o rei, contestou: “[...] Dona Raposa, como poderia fazer o rei morrer e ser eleito rei, pois o rei era tão forte e tinha um Conselho tão sábio e Dona Raposa era uma besta tão pequena e com um poder tão fraco.”⁵⁴ Ela respondeu com o *exemplum* do leão e a lebre, onde o primeiro foi derrotado e morreu afogado no rio enganado pela astúcia da lebre.⁵⁵ Ainda completou: “[...] bem pode acontecer que eu, com meus sentidos e minha astúcia, possa fazer que o rei caia na ira de seu povo.”⁵⁶ Segundo ela, igualmente como o coelho fez, derrotaria o rei pela sua astúcia e, através do mau aconselhamento, jogaria o monarca contra seu povo.

A primeira ação da raposa contra o antagonista foi por meio do acordo estabelecido com o boi, ela prometeu ajudá-lo a retornar à corte dos animais para que pudesse ajudar o rei a ter um bom governo.⁵⁷ Vale lembrar que o boi havia fugido do reino dos animais depois do monarca se alimentar de seu filho.⁵⁸ O acordo, proposto pela protagonista, era que o boi deveria mugir em determinados momentos do dia e da noite, para que, assim, ela conseguisse operar na corte a enganação contra o governante e se inserir nesse ambiente.⁵⁹

Desta forma, o boi mugiu de uma forma que:

[...] gritou e mugiu tão fortemente que todo aquele lugar estremeceu novamente, e o Leão e todos os outros tiveram grande pavor. Assim, Dona Raposa disse ao rei que, se ele quisesse, ela iria até a besta da qual saía essa voz tão estranha e veria se aquela besta que poderia ameaçar o rei poderia vir para estar em sua

⁵³ “[...] Renart concebé en son coratge traició, i desitjà la mort del rei.” *LB*. Cap. 39, p. 191.

⁵⁴ “[...] i diguera volenters al senglar que fos rei, en així com ho havia dit a l'orifany. Mas per tal que molts no sabessen son coratge, volgué tractar a totes passades que l'orifany fos rei [...]” *LB*. Cap. 39, p. 194.

⁵⁵ *LB*. Cap. 39, p. 194- 195.

⁵⁶ “[...] bé s pot esdevenir que jo ab mon seny i ab ma certesa puga tractar que l rei vinga en ira de son poble.” *LB*. Cap. 39, p. 194.

⁵⁷ *LB*. Cap. 40, p. 198-199.

⁵⁸ Ver subitem 3.1.

⁵⁹ *LB*. Cap. 40, p. 198-199.

companhia. Agradou ao rei Leão e a todos os outros que Dona Raposa fosse ver a besta que gritava. Dona Raposa pediu ao rei que, se fosse verdade que aquela besta com a qual ia se encontrar poderia ameaçar a sua corte, que ficasse então salvo e seguro na corte, e que ninguém fizesse mal à sua pessoa ou lhe fizesse alguma vilania. E o Leão, diante de todo seu Conselho, concedeu à Dona Raposa tudo o que havia lhe pedido.⁶⁰

Combinada com o boi e enganando toda a corte, conseguiu amedrontar a todos com o mugido de seu aliado e transparecer a esses personagens um caráter de coragem. De tal modo, através da astúcia, enganou todos os membros desse espaço e, assim, se inserir no ambiente cortesão junto com o boi, contudo, inicialmente, sem cargo efetivo.

Ao chegar à corte, o boi contou ao rei sobre o reino dos homens, lugar onde ficou submetido após fugir do reino dos animais, e o quão ruim esse reino era.⁶¹ Depois de ouvir essas palavras, a raposa aconselhou enviar mensageiros e joias para os homens, a fim de estabelecer uma relação próxima e positiva entre esses dois reinos.⁶²

O leão concordou e foi aconselhado pelo boi a enviar os seguintes personagens:

[...] é natureza do rei dos homens, quando envia seus mensageiros, escolhê-los entre os de seu Conselho, e dos mais nobres que há ali. Parece-me que entre os mais nobres conselheiros que tendes estão a Onça e o Leopardo. Por outro lado, o Gato é semelhante à vossa imagem, e o rei o terá em grande graça se enviardes joias através do Gato e do Cão. O Gato porque lhe é semelhante, e o Cão porque caça, e os homens gostam muito da caça.⁶³

E deste modo, o fez: ao enviar a comitiva retirou dois personagens da corte, o gato e o cão, ambos foram presenteados juntos com as joias. Novamente, essa besta

⁶⁰ “[...] lo bou cridà i bruelà tant fortment, que tot aquell lloc féu estremir, i el lleó i tots los altres hagueren gran por: si que na Renart digué al rei que si ell ho volia, que iria a la bestia de qui la veu tant extranya eixia i veuria si aquella bestia podria amenar al rei que fos de sa companyia. Al lleó i a tots los altres plagué que na Renart anas a veure aquella bestia que cridava. Na Renart pregà l rei que si tant era que s'esdevengués que aquella bestia a qui anava pogués amenar a sa cort, que fos salva i segura en sa cort, que negú no li donas damnatge a sa persona no li fes vilania. I el lleó, davant tot son consell, autrejà a na Renart tot çò que demanat li havia.” *LB*. Cap. 40, p. 203.

⁶¹ *LB*. Cap. 40, p. 204.

⁶² *LB*. Cap. 40, p. 206.

⁶³ “[...] natura es dels reis dels homens que con trameten llurs missatgers, que ls trameten de llur consell i dels més nobles qui sien en son consell. Los pus nobles consellers que vós haveu m'es semblant que sien l'onça i lo lleopart. De l'altra part lo gat es en semblança de vostra imatge, i lo rei tindrà-s'ho a gran gracia si vós li trameteu per joies lo gat i lo ca: lo gat, per çò com es a vós semblant, i lo ca per çò que n caç, car los homens s'asauten molt de caça.” *LB*. Cap. 40, p. 207-208.

fez uso de sua astúcia e das boas palavras para planejar e convencer o rei a adotar determinada ação. Como consequência, o leão fez: “[...] do Boi camareiro de sua cama e Dona Raposa passou a ter o ofício que o Cão costumava ter.”⁶⁴ Isto é, o governante nomeou a protagonista com o seu primeiro cargo na corte, o de porteiro da casa real, tal ofício era de extrema confiança e possibilitava uma aproximação maior junto a ele.

A ação seguinte da raposa foi contra o leopardo,⁶⁵ animal fiel e conselheiro do rei, que havia convencido a corte a não nomeá-la como conselheira, em cenas anteriores, e sim o galo. A protagonista, por via do mau aconselhamento, colocou-o contra o leopardo e todo o povo, induzindo-o à traição e desonra. Ela tinha o desejo de vingança contra o leopardo e o interesse de ganhar mais espaço na corte.

Essa ação gerou duas consequências positivas para ela, a primeira, depois de dizer ao monarca que tinha caído na ira do leopardo, ele: “[...] colocou Dona Raposa em seu Conselho e a fez estar perto de si para que o Leopardo não ousasse feri-la nem matá-la. E pelo conselho de Dona Raposa, fez o Pavão de porteiro, por seu olfato apurado [...]”⁶⁶

Desta forma, conseguiu, novamente pela astúcia e as boas palavras, convencer o monarca a seguir seus conselhos – nesse caso, a protegê-la – e, como consequência, foi nomeada ao cargo de conselheira real. Além disso, ela colocou o pavão como porteiro, esse último tinha medo da primeira por ser a sua presa natural, fato que o fazia ser facilmente coagido e amedrontado pela traiçoeira personagem conselheira.

A segunda consequência foi o conflito gerado entre o leopardo e a onça, duas bestas que eram conselheiras reais e mais fortes que a protagonista. Portanto, acusado de traição pelo leopardo, o rei solicitou que um de seus barões o defendesse, a onça que tinha inveja do acusador aceitou proteger a honra do governante.⁶⁷ Assim, ocorreu o combate entre esses personagens, que foi caracterizado pela oposição binária entre a verdade e a falsidade.

⁶⁴ “[...] lo Bou cambrer de sa cambra et na Renart tench lo offiçi que l ca solia tenir.” *LB*. Cap. 40, p. 207-208.

⁶⁵ Citação apresentada no item 3.1, nota 25. *LB*. Cap. 41, p. 219.

⁶⁶ “[...] lleó feu na Renart de son consell, i feu-la estar prop de sí, per çò que l lleopart no la gosas ferir ni occiure; i per consell de na Renart feu porter lo paó, per çò com sent fortment [...]” *LB*. Cap. 42, p. 220.

⁶⁷ *LB*. Cap. 42, p. 220-221.

O desafiante venceu a onça, porém foi morto pelo leão, num ato de desonra desse último.⁶⁸ A astuta atingiu seu objetivo: através do mau conselho, retirou dois fortes conselheiros fieis e que poderiam lhe matar. Como prometido por ela, colocou o povo contra o rei, que além de ser considerado falso e traidor pela derrota da onça, ao matar o leopardo cansado, também foi visto como um governante desonrado.

Em seguida, há um segundo contato com o reino dos homens, a raposa fez o seguinte aconselhamento ao rei:

[...] que o rei dos homens é o mais nobre e o mais poderoso rei que existe em todo o mundo: – Por isso, é necessário que envieis, senhor, os mais sábios e mais fortes ursos e lobos que tiverdes, porque se não o fizerdes, poderás ser blasfemado e estar em perigo.⁶⁹

Ela mudou o discurso sobre o reino dos homens, diferente do que o boi havia dito - que era um rei desonroso e ruim, vale lembrar que esse personagem passou um tempo nesse reino como escravo, e solicitou que uma comitiva fosse enviada com o objetivo de estabelecer a relação entre os reinos.

Assim, fazendo uso da astúcia, convenceu o rei a enviar uma segunda comitiva formada pelos seguintes animais: “[...] o Urso e o Lobo de seu Conselho [...]”⁷⁰ e “[...] o mais sábio mensageiro de sua corte para guiar o Urso e o Lobo com seus presentes. O rei achou isso bom, e disse à Serpente que ela seria sua mensageira [...]”⁷¹ O rei enviou nessa missão três personagens importantes da corte: o urso, o lobo e a serpente. Nessa ação ela conseguiu retirar do conselho três bestas que poderiam ameaçar seu poder e proteger o rei de seus aconselhamentos. Também diminuiu o número de conselheiros e, em decorrência disso, aumentou seu poder no ambiente cortesão.

Já o conflito seguinte sucedeu entre a raposa e o boi: ao se defender das acusações da serpente, o boi acabou expondo a artimanha utilizada por ela para

⁶⁸ Ver item 3.1, nota 29. *LB*. Cap. 42, p. 222.

⁶⁹ “[...] lo rei dels homens es lo pus noble i lo pus poderós rei que sia en tot lo món, i per açò es cosa necessaria que vós, senyor, trametau lo pus savi i lo pus fort ors i llop que hajau, car si no ho fesheu, podria-us esser blasme i perill.” *LB*. Cap. 42, p. 223.

⁷⁰ “[...] que l'ors i el llop eren de son consell [...]” *LB*. Cap. 42, p. 223.

⁷¹ “[...] en així era raó que li trametés lo pus savi missatger de sa cort, qui menas l'ors i el llop per presentalles. Lo rei ho tengué per bo i digué a la serpent que ella fes la missatgeria [...]” *LB*. Cap. 42, p. 223.

conseguir enganar o rei na cena do mugido.⁷² Por esse motivo, insatisfeita, decidiu matá-lo.

A princípio, o monarca não quis comer o boi, pois confiava e honrava sua lealdade. Entretanto, a protagonista, com ajuda do corvo, convenceu o rei. Ela conseguiu enganar o boi, fazendo-o acreditar que caso oferecesse sua vida não seria morto pelo rei.⁷³ Através da astúcia e do convencimento, a anti-heroína levou à morte outro animal importante, a quem o leão honrava e confiava.

Com a morte do boi, a raposa recomendou o leão em nomear o coelho para o ofício de camareiro real. Sua recomendação se impôs ao galo, que tinha medo dela por ser sua predadora natural. Com a nomeação do coelho, a “[...] Dona Raposa teve grande poder na Corte, porque o Galo, o Pavão e o Coelho a temiam, e o Leão acreditava em tudo que Dona Raposa lhe dizia.”⁷⁴

Por fim, na cena seguinte, insatisfeita com o aconselhamento do galo sobre a necessidade da nomeação de mais personagens para o conselho, a protagonista o matou.⁷⁵ Deste modo, tornou-se a única conselheira do rei e virou a voz ativa desse ambiente cortesão. A partir desse momento, ela fazia com que o governante agisse de acordo com o seu desejo.⁷⁶

Com força plena no conselho, a anti-heroína partiu para concluir o seu desígnio que era matar o rei e colocar o elefante em seu lugar. Contudo, nem a sua astúcia e as boas palavras conseguiram convencer ou enganar o elefante. Assim, enquanto a protagonista era qualificada com as palavras traição, astúcia e habilidade, o elefante era associado à lealdade, sabedoria e habilidade.⁷⁷ Esse último personagem, simbolizava, no bestiário, uma besta bondosa, protetora, companheira e fraterna.⁷⁸ Ele era, em ambos os casos, um animal que não trairia outro, mantendo-se leal e companheiro.

De tal modo, essa personagem era a má conselheira, essa *representação* se apresentava em, pelo menos, dois textos que estavam em circulação: a fábula

⁷² LB. Cap. 42, p. 224.

⁷³ LB. Cap. 42, p. 226-227.

⁷⁴ “[...] Renart hagué gran poder en la cort, car lo gall i el paó i el conill lo temien, i lo lleó creia tot quan na Renart li deia.” LB. Cap. 42, p. 227.

⁷⁵ LB. Cap. 42, p. 229-230.

⁷⁶ LB. Cap. 42, p. 230.

⁷⁷ LB. Cap. 43, p. 231.

⁷⁸ MALAXECHEVERRIA, Ignacio. Bestiário Medieval... Op. Cit., p. 3-4.

dezessete de Esopo e o livro primeiro de *CD*.⁷⁹ Nos diversos casos o mau conselho não prosperou⁸⁰ e, no fim, em todos os acontecimentos, a moral elencada era o perigo das más recomendações.

Das várias características da raposa no *LB*, a astúcia foi a mais marcante,⁸¹ através dela, essa personagem fingiu ser fiel e boa conselheira para conseguir enganar o leão e consolidar a traição. Todavia não atingiu seu objetivo e acabou morta pelo monarca.

Portanto, sua *representação social* era da baixa nobreza e, mais tarde, foi nomeada para os seguintes ofícios: porteira da casa real e conselheira. Em ambos, ela foi colocada por causa das suas qualificações morais, dentre as quais, destaca-se a astúcia, pela qual conseguia enganar e convencer o governante, além de esconder suas verdadeiras intenções.

Sobre as qualidades morais: primeiramente, foi apresentada como sábia, conhecedora e traidora. Apesar disso, o urso, o leopardo e a onça destacaram sua eloquência e astúcia, que eram comuns a sua figura nos bestiários medievais. Ela era a traidora que tentava, pela astúcia, matar o rei: assim, com as boas palavras, conseguiu manipular o monarca e matar ou retirar do enredo a onça, o leopardo, o cão, o gato, a serpente, o urso, o lobo e o boi. Vitimando oito personagens, esse plano trouxe como consequência a inserção na corte e o fortalecimento de seu poder no conselho, além de possibilitar a manipulação do governante de acordo com o seu interesse.

Deste modo, todas as suas qualificações foram consideradas negativas, tendo em vista que eram utilizadas para o mal. Já que tentava empregar a traição ao rei com sua astúcia e habilidade de convencimento, o que acarretou com a insatisfação de seu povo e com a sua quase morte.

⁷⁹ Em ambos os casos, a raposa, através de sua astúcia, tentava enganar as outras bestas com seu aconselhamento: no *LB* e *CD* procurava ludibriar o rei leão. Já em Esopo, as outras raposas. IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna*. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Gibran, 1975. p. 4-70.; ESOPPO. *Aesopica a fábula esópica e a tradição fabular grega estudo*. Tradução de Nelson Henrique da Silva Ferreira. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. p. 113-114.

⁸⁰ Nos bestiários, os maus aconselhamentos, levaram a morte da raposa. No *LB* pelo próprio leão enganado e, no *CD*, de fome na prisão. Já na fábula esópica, ela terminou sem conseguir convencer as demais raposas. IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna...* Op. Cit., p. 70; ESOPPO. *Aesopica a fábula esópica...* Op. Cit., p. 113-114.

⁸¹ No Fisiólogo ela representava um animal astuto e arceiro que, para enganar suas presas, se deitava no solo avermelhado e fingia estar morta para conseguir pegá-las, simbolizava o engano e a malícia. Do mesmo modo que o diabo age com os vivos ao se fingir de morto até que possa levá-los a boca e devorá-los. GÓNEZ CHACÓN, Diana Lucía. El roman de Renard. *Revista Digital de Iconografía Medieval*, Madrid, v. 6, n. 12, p. 43-62, 2014. p. 52.; BIEDERMANN, Hans. *Dictionary of Symbolism...* Op. Cit., p. 143-144.

Filipe IV foi coroado em 1285, pouco tempo antes de Ramon Llull chegar à sua corte em 1288-89. Representante de Jaime II, o maiorquino tentou se inserir na França de Filipe IV na busca de apoio para construir as escolas de línguas nessa região, do reconhecimento de suas obras no âmbito universitário – e, conseqüentemente, sua erudição –, além de tentar estreitar a relação entre esses reinos.

Considerando sua atuação como *porta-voz* do rei de Maiorca e de *homem de saber*, Ramon Llull, ao chegar nesse novo reino, tentou se inserir como conselheiro desse novo monarca, fato apresentado através de suas obras. Além disso, mais especificadamente, por meio do documento *LB*, o autor propôs modelar o comportamento do monarca, de sua corte e, também, com o objetivo de alerta o rei sobre os maus conselheiros.

Esse *bestiário* exposto por Llull tinha um caráter modelar de *espelho de príncipe*. O leão tinha características exemplares, e outras não, e a raposa era o exemplo a ser, explicitamente, evitado, pois, assim como no *bestiário catalão*, era relacionada com o falso cortesão e enganoso.⁸² Isto é, se tratava do mau conselheiro que poderia dar um aconselhamento equivocado ao rei Filipe IV ou mesmo traí-lo – tanto mais quando vinculado à baixa nobreza.

A nosso ver, ao passo que a sua *representação* poderia simbolizar o rei da França⁸³ e a *representação* da raposa talvez remetesse à situação cortesã de Filipe IV – embora não se possa confirmar se era especificamente dirigida a alguém de sua corte – então recentemente constituída.

De tal modo, o *LB* era uma obra de cunho didático cristão que visava modelar o comportamento do rei – nobre e de linhagem real, e, também, forte, corajoso, honroso e justo; no entanto, não poderia ser desonroso, covarde, luxurioso, injurioso e traidor. Igualmente, a obra servia como advertência aos conselheiros e cortesãos parisienses, sobretudo os da baixa nobreza, que poderia ter como consequência dos maus atos a própria morte: a julgar pelo destino da protagonista na trama, estes não deveriam ter inveja do rei, traí-lo e nem usar a astúcia e a eloquência para o mal.

⁸² MARTÍN PASCUAL, Llúcia. La tradició animalística... Op. Cit., p. 400.

⁸³ Embora a transmissão do manuscrito dê a entender que o perfil se estendeu a outras monarquias, ver anexo III- tabela 1.

Embora contasse com o apoio de outro monarca, do qual Filipe IV era aparentado, Llull precisou mobilizar diversas frentes políticas e intelectuais em sua “improvisada” missão na França. No caso específico do *LB*, ao recuperar um tema tradicional dos *bestiários* e *espelho de príncipe* – então em plena circulação no Ocidente –, Llull buscava, a um só tempo, tutelar a corte e o monarca francês e, fundamentalmente, se apresentar como legítimo *homem de saber* em uma “arena” recentemente constituída.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa analisou a produção documental inserida nos gêneros literários dos *bestiários* e *espelhos de príncipes*, por meio da investigação do modelo ideal de rei, na figura do leão, e conselheira, na imagem da raposa. O *LB* estava inserido no contexto da França do século XIII, no reinado de Filipe IV. Neste momento, Ramon Llull tentava se inserir nesse ambiente como conselheiro, deste modo pretendia operar com o objetivo de conseguir apoio do rei para as construções das escolas de língua e a aprovação, reconhecimento, de suas obras na Universidade de Paris.

Ponderando, a partir do debate bibliográfico, corroboramos com as seguintes reflexões: que o *LB* não circulou de modo autônomo do *FLM* até a época contemporânea; que há interpolações de diversos textos – dos quais destaca-se o *CD*; que se trata de um *bestiário*, não de um fabulário, cuja protagonista era a raposa; por fim, que a obra era um *espelho de príncipe* e foi direcionada ao monarca francês, provavelmente, a toda corte.

O *LB* decorria de duas tradições clássicas, o *bestiário* e o *espelho de príncipe*, ambas em perspectiva cristã. Portanto, os animais eram símbolos de conduta na tentativa de uma construção social e moral, ou seja, do enquadramento de grupos ou funções através da perspectiva cristã e de forma didática. Nesse documento se destacavam os perfis do rei e do conselheiro; esses eram os ofícios a serem modelados na perspectiva do autor em voga.

Por meio dos conceitos teóricos de *representação*, pensado por Roger Chartier, e *poder e porta-voz*, constituídos por Pierre Bourdieu, compreendemos a trajetória e atuação de Llull e os modelos estabelecidos em seu escrito. Esse *homem de saber* circulou pelo Mediterrâneo em busca de aprovação das suas obras e reconhecimento: conseguiu primeiro em Maiorca e, em seguida, na Universidade de Paris, nesse último caso, os importantes títulos de mestre e doutor *honoris causa*. Tais aprovações e titulações investiram o autor de autoridade, fazia com que acumulasse poder e, conseqüentemente, voz para atuar em diversos locais e discutisse temas diversos.

Já o conceito de *representação* foi de suma importância para construção dos perfis, onde observamos as qualificações sociais e morais. O leão era representado socialmente como nobre, de linhagem real e rei, foi posto nesse cargo para ser

imagem de Deus. Assim, ele tinha que estabelecer a justiça e governar corretamente o povo, horando o ofício que foi instituído pela divindade cristã. Suas qualificações morais poderiam ser divididas em dois grupos: as que simbolizavam sua nobreza; por outro lado, as atitudes que, sobre orientação da má conselheira, eram consideradas erradas.

No primeiro conjunto foi descrito como uma besta orgulhosa, com um forte urro da justiça e verdade, mas que fazia os outros animais estremecerem de medo, também simbolizava sua força. No segundo, foi qualificado como medroso e covarde, ao ser enganado pela raposa e o boi. Ludibriado novamente pela protagonista, foi desonroso e traidor contra a rainha e seu conselheiro, o leopardo, além de luxurioso. Posteriormente, ao matar esse último de forma desleal, acabou caracterizado como injurioso e traidor. Por fim, foi novamente trajado como desleal e traidor ao matar o boi, igualmente por influência da traiçoeira. Portanto, o antagonista, na perspectiva de Llull, tinha características positivas e negativas: as últimas eram frutos do mau aconselhamento e recebia maior destaque, tendo em vista que o documento visava, dentre outros, alertar o governante sobre o mau conselheiro e a possibilidade de golpe.

Essa obra era um *espelho de príncipe* e a intencionalidade do autor, a nosso ver, era modelar a conduta desse personagem real e de sua corte, desta forma, a culpa dos atos negativos do leão foi atribuída a uma personagem conselheira, que poderia representar alguma figura histórica ou não. O *LB* fazia parte do contexto de tentativa de inserção de Llull na corte francesa de Filipe IV, monarca que estava a pouco tempo no poder, aproximadamente entre três e quatro anos.

A tentativa de inserção do autor maiorquino como conselheiro, oferecendo-lhe um livro modelar, estava relacionada com a sua função de *porta-voz autorizado* de Jaime II, esse último era tio e aliado do rei francês, a quem, provavelmente, queria aconselhar com o propósito de reafirmar as relações entre esses reinos.

A raposa era *representada* principalmente pela astúcia. Através dessa qualidade, usada para o mal, ela fingiu ser fiel e boa conselheira para enganar o rei e consolidar a sua traição. Socialmente, era uma figura que representava a baixa nobreza, pois dependia dos outros nobres- daquelas bestas que comiam carne, no entanto conseguiu, ao longo do enredo, ser porteira da casa real e conselheira. Em ambos os cargos foi colocada após enganar o governante e esconder suas verdadeiras características.

Sobre as qualificações morais, a anti-heroína era considerada sábia e conhecedora segunda as palavras do elefante, além de eloquente e astuta, a partir das falas ditas pelo o urso, o leopardo e a onça. Ao longo da trama, ela se colocou como traidora e planejou a morte do monarca, afirmava que por meio da astúcia venceria a sua força: com essa qualificação e com as boas palavras, de forma traiçoeira, conseguiu manipular o leão e matar ou retirar do enredo a onça, o leopardo, o cão, o gato, a serpente, o urso, o lobo e o boi. A partir disso, alcançou e consolidou sua inserção na corte e manipulou o governante de acordo com seus interesses.

Sobre a perspectiva comparada de seus perfis, percebemos que as qualificações se opõem na maioria das vezes. O leão foi posto como o nobre, de linhagem real e rei, era visto como imagem de Deus, enquanto a raposa também nobre, entretanto vivia dos restos daqueles que comiam carne, considerada como parte da baixa nobreza e dependente de outro nobre. Atuou em dois ofícios, como porteira da casa real e conselheira, em ambos foi posta pela sua astúcia e não por suas virtudes. Por fim, ela era a má conselheira ou “falso homem”, sua *representação* foi estabelecida como oposta a figura do rei.

Neste sentido, o antagonista era visto como orgulhoso, leal, poder da justiça e forte, em contraposto à protagonista, essa estava ligada à traição, astúcia e habilidade. A sua figura foi construída para ser contraposta a do rei- antagonista, de tal modo, suas qualificações sociais poderiam se aproximar em torno do grupo pertencente a nobreza, mas suas qualificações se contrapuseram, esse fato nos possibilitou conhecer os fios condutores que guiavam seus personagens e suas funções no enredo. Deste modo, nas seguintes antíteses: leal-traidora; forte-astuta; e justa-hábil, elas faziam com que os aspectos se distanciassem e o rei não pudesse atuar de forma correta, estabelecia, outra vez, as *representações* positivas, ditas corretas, e as que deveriam ser evitadas.

A *representação* do leão caracterizava o modelo ideal a ser seguido por Filipe IV e, posteriormente, por outros monarcas, tornava-se uma crítica sutil ao comportamento do monarca. Já a da raposa remetia ao mau conselheiro que, talvez, estivesse na corte do rei da França – ou era um meio de Ramon Llull demonstrar o perigo desse ofício real e assim se colocar a disposição desse monarca como conselheiro da corte. Logo, o *LB* tinha o objetivo de modelar o comportamento da corte, dando destaque as *representações* do monarca e do conselheiro. Ao mesmo

tempo, de apresentar-se como um alertar ao governante sobre o perigo dos maus conselheiros.

Isto é, o *LB* estava inserido na tentativa do autor de conseguir apoio do monarca francês em seus projetos intelectuais: na construção de escolas de línguas e aprovação das suas obras em Paris. Além de, na condição de *porta-voz* de Jaime II, tentar reafirmar a aliança entre esses reinos. Portanto, ao estabelecer as *representações* analisadas, Ramon Llull indicava o perigo que poderia representar o mau conselheiro ou falso homem e, igualmente, como deveria governar um bom monarca. Tais apontamentos faziam parte de seu interesse em se apresentar como conselheiro nesse reino, instituindo-se como um *homem de saber* das cortes – Maiorca e França.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Documentos Antigos e Medievais impressos

ANÔNIMO. *Livro das mil e uma noites*. Tradução de Mamede Mustafa Jarouche. 2v. V. 2. São Paulo: Globo, 2006.

Bíblia de Jerusalém. Coordenação de Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulus, 2002.

ESOPO. *Aesopica a fábula esópica e a tradição fabular grega estudo*. Tradução de Nelson Henrique da Silva Ferreira. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014.

IBN AL-MUKAFA. *Calila e Dimna*. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: Gibran, 1975.

ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologias*. Edição bilíngue de José Oroz Reta; Manuel Antonio Marcos Casquero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009.

RAMON LLULL. *Félix, o livro das maravilhas*. Tradução de Ricardo da Costa. 2v. V.1. São Paulo: Escala, 2009.

_____. *Libro de las bestias*. Tradução de Laureano Robles Carcedo. Madrid: Clásicos del pensamiento, 2006.

_____. *Livro das bestas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006.

_____. *Llibre de meravelles*. Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980.

_____. *Vida coetânea*. Tradução de Ricardo da Costa. Disponível em <<http://www.ricardocosta.com/sites/default/files/pdfs/vidacoetania.pdf>>. Acesso em 10/10/2017.

THOMAS LE MYÉSIER. *Electorium parvum, de breviculum*. Disponível em: <<http://lullianarts.narpan.net/miniatures/index.HTM>>. Acesso em 29/10/2017.

Referências teórico-metodológicas

AURELL, Jaume. *A escrita da História*. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2010.

BARROS, José D'Assunção. A nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-62, 2011.

- _____. *História Comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- _____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.181-191.
- _____. *Coisas ditas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2004.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: _____; _____. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 534-548.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Miraflores: DIFEL, 2002.
- _____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.
- KOCKA, Jürgen. Para além da comparação. Tradução de Maurício Pereira Gomes. *Esboços*, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 279-286, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso. In: _____; CHARAUDEAU, Patrik. (Ed.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-46.
- _____. Discurso. In: _____, CHARAUDEAU, Patrik. (Ed.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 168-72.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos*, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.
- _____. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 131-153, 2015.

VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru: EdUSC, 1999.

Bibliografia Específica

ÁLVAREZ PALENZUELA, Vicente Ángel. Obras e ideas: el sueño de la unidad. *La aventura de la Historia*, Madrid, ano. 18, n. 216, p. 60-65, 2016.

AMER, Sahar. A fox is not always a fox! or how not to be a Renart in Marie de France's Fables. *Rocky Mountain Review of Language and Literature*, Washington, v. 51, n. 1, p. 9-20, 1997.

ARNOU, Carme. Ramon Llull. In: RAMON LLULL. *Llibre de meravelles*. Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980. p. 5- 8.

AUSEJO MARTÍNEZ, Elena. La cuestión de la obra científico-matemática de Ramon Llull. In: ESPAÑOL GONZÁLEZ, Luis; ESCRIBANO BENITO, José Javier; MARTÍNEZ GARCÍA, María Angeles (Coord.). *CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE HISTORIA DE LAS CIENCIAS Y DE LAS TÉCNICAS*, 7, 2002, Cádiz. *Actas congreso de la sociedad española de Historia de las ciencias y de las técnicas*. Cádiz: Universidad de la Rioja, 2004. p. 21-34.

BADIA I PAMIÉS, Lola; BONNER, Anthony. *Cronologia de Ramon Llull*. Disponível em: <http://www.ramonllull.net/sw_studies/l_br/s_crono.htm>. Acesso em 28/10/2017.

BIEDERMANN, Hans. *Dictionary of symbolism: cultural, icons and the meanings behind them*. New York: Facts on file, 1992.

BONILLO HOYOS, Xavier. *Apunts sobre la tradició manuscrita catalana del Llibre de meravelles de Ramon Llull i la traducció francesa medieval* (el manuscrit fr. 189 de la BNF). Alacant: Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives, 2008.

_____. *Ramon Llull a París: un recorregut històric i intel·lectual*. Alacant: Biblioteca Virtual Joan Lluís Vives, 2008.

BONNER, Anthony. *The art and logic of Ramon Llull: a user's guide*. Boston: BRILL, 2007.

BORDOY FERNÁNDEZ, Antoni. Ramón Llull y la crítica al aristotelismo parisino de finales del siglo XIII: en torno a la cuestión de la pluralidad. *Hispanismo filosófico*, Barcelona, n. 14, p. 25-41, 2009.

_____. Ramón Llull y la filosofía antigua: precisiones sobre la obra parisina de 1297 a 1299. *Anuário filosófico*, Navarra, v. 49, n.1, p. 51-72, 2016.

BOSCH, Marc; NAGEL, Klaus Jurgen. Independencia de Cataluña: só, sí/no, o no? Sobre la campaña que no podía ser (pero há sido). *Iberoamericana*, Madrid, ano. 15, n. 59, p. 201-230, 2015.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 2004.

BUTIÑA JIMENEZ, Julia. El Libre de les bèsties de Llull y el comportamiento político. In: ARNAS, Pedro Roche (Coord.). *El pensamiento político en la Edad Media*, Madri, 2010. p. 321-417.

_____. Sobre el escandaloso Llibre de les bèsties de Ramón Llull y su audiència. *Espacio, tempo y forma*, Madrid, n. 17, p. 79-94, 2004.

CAFÉ, Anderson Luis da Paixão; RIBEIRO, Núbia Moura; PONCZEK, Roberto Leon. Construindo uma cartografia do poder sob as óticas de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. *Saberes*, Natal, v. 1, n. 14, p. 238-262, 2016.

CAMPOS, Glícia Silva. *Simbolismo animal: os sermões de Santo Antônio de Lisboa e o bestiário medieval*. Rio de Janeiro, 2010. 89 f. Dissertação (Mestrado em Literatura portuguesa)- Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CARVALHO, Luís Fernando de. *O recrudescimento do nacionalismo Catalão*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2016.

CHADWICK, Joan V. The fox: a medieval view, and its legacy in modern children's literature. *Winter & Spring*, S.l., p. 71- 75, 1994.

CHAMBEL, Pedro. Apresentação do projeto de investigação Dicionário de simbologias animais. In: _____; MIRANDA, Adelaide (Coord.). *Bestiário*

Medieval em perspectivas de abordagens. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014. p. 9-19.

CHEBEL, Malek. *Dictionnaire des symboles musulmans rites, mystique et civilisation*. Paris: Albin Michel, 1995.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CLARK, Willene B.; MCMUNN, Meradith T. *Beasts and birds of the middle ages: the bestiary and its legacy*. Pensilvânia: Universidade da Pensilvânia, 1989.

COSTA, Ricardo da. *A novela na Idade Média: o Livro das maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull*. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/novela-na-idade-media-o-livro-das-maravilhas-1288-1289-de-ramon-llull>>. Acesso em 02/01/2018.

_____. Apresentação. In: RAMON LLULL. *Félix, O livro das maravilhas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2009. p. 9-22.

_____. Apresentação. In: RAMON LLULL. *O Livro da ordem de cavalaria*. Edição bilíngue de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Llull, 2010. p. 13-40.

_____. Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300). *Mirabilia*, Barcelona, v. 1, p. 163-172, 2001.

_____. Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o Libro del Orden de Caballería. *Mediaevalia Textos e Estudos*, Porto, v. 11-12, p. 231-252, 1997.

_____. Ramon Llull y la Orden del Templo (Siglos XIII-XIV). *Abacus*, Barcelona, n. 11, p. 1-142, 2013.

_____; VIANNA, Luciano. Introdução. In: JAUME I DE ARAGÃO. *Livro dos Feitos*. Tradução de Luciano Vianna e Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Llull, 2010. p. 11-15.

COUTO, Aires do. Panegíricos de D. João III de dois humanistas de quinhentos: João de Barros e Inácio de Moraes. *Máthesis*, Viseu, n. 9, p. 37-67, 2000.

CRUZ HERNÁNDEZ, Miguel. La fundación de Miramar y el sentido de la sabiduría cristiana de Ramon Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 1-7, 1978.

CRUZ, Marcus. O ser cristão e o triunfo da Igreja: um estudo acerca das transformações da identidade do homem ocidental. In: ELMIR, Cláudio Pereira; MARTINS, Maria Cristina Bohn; CÉSAR, Temístocles (Coord). SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Atas do simpósio Nacional de História*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007, p. 1-10.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DE LIBERA, Alain. *Pensar na Idade Média*. São Paulo: 34, 1999.

DEYERMOND, Alan. Leones y tigres en la literatura medieval castellana. In: LÓPEZ CASTRO, Armando; CUESTA TORRE, María Luzdivina (Coord). CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, 11, 2005, León. *Actas del congreso internacional de la asociación Hispánica de Literatura Medieval*. León: Universidad de León, 2v. V.1, 2007. p. 41-63.

DÍAZ MARCILLA, Francisco José. El poder régio en los textos de Ramon Llull y su recepción posterior. *Ámbitos*, Córdoba, n. 31, p. 69-80, 2014.

DITTMAR, Pierre Olivier. Performances symboliques et non symboliques des images animales. In: BARTHOLEYNS, Gil; GOLSENNE, Thomas. (dir.). *La performance des images, dans problèmes d'histoire des religions*. Bruxelles, n. 19, 2009. p. 59-70.

DOMÍNGUEZ REBOIRAS, Fernando. Algunas reflexiones sobre el trasfondo geopolítico del pensamiento luliano. In: ROCHE ARNAS, Pedro (Coord). *El pensamiento político en la Edad Media*. Madrid: Centro de estudios Ramón Areces, 2010. p. 403-417.

DURÁ HERRERO, Carlos. El Rei Lleó i el Llibre de les Bèsties: dues fàbules sobre la lluita pel poder. *Edetania*, València, n. 21, p. 41-62, 2000.

FIDORA, Alexander. Ramon Llull y la justificación medieval de un error judicial. In: CRUZ CRUZ, Juan. *La justicia y los juicios en el pensamiento del siglo de oro*. Navarra: EUNSA, 2009. p. 121-130.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. A nobreza cristológica de animais no bestiário medieval: o exemplo do Leão e do Unicórnio. *Mirabilia*, Barcelona, n. 9, p. 108-132, 2009.

GARCIA GARCIA, Francisco de Asis. El León. *Revista digital de iconografía medieval*, Madrid, v. 1, n. 2, p. 33-46. 2009.

GARCIA PALOU, Sebastian. *El miramar de Ramon Llull*. Palma de Maiorca: Instituto dos Estudios Balearicos, 1977.

GAYÀ ESTELRICH, Jordi. *Biografia de Ramon Llull: El concilio de Vienne*. Disponível em: <<http://www.jordigaya2.eu/biografia/vienne.html>>. Acesso em 02/01/2018.

GINARD BUJOSA, Antoni. *Ramon Llull, viatger universal*. Maiorca: Universitat de les Illes Balears, 2015.

GONÇALVES, Rafael Afonso. *Animais e homens de um oriente distante (séculos XII-XIV)*. São Paulo, 2016. 259 f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2016.

GÓNEZ CHACÓN, Diana Lucía. El roman de Renard. *Revista Digital de Iconografía Medieval*, Madrid, v. 6, n. 12, p. 43-62, 2014.

GUILLEM ARENER, Àngels. *El Calila e Dimna al Llibre de les Bèsties: breu estudi comparatiu dels contes La serp que atemoreix, La pedra preciosa i La rata transformada en dona, en les versions àrab, catalana i castellana*. Barcelona, 2012. 55 f. Monografia (Graduação em Filologia Catalã) - Estudis d'Arts i Humanitats, Universitat Oberta de Catalunya, Barcelona, 2012.

HASSIG, Debra. *Medieval bestiaries: text, image, ideology*. Cambridge: Universidade de Cambridge, 1995.

HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Diplomatari lul.lià: documents relatius a Ramon Llull i a la seva família*. Barcelona e Palma de Maiorca: Universidade de Barcelona e Universidade das Ilhas Baleares, 2001.

_____. La biblioteca de La Real: fuentes posibles de Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 7, p. 5-18, 1963.

_____. Vida i importància de Ramon Llull en context del segle XIII. *Anuario de Estudios Medievales*, Barcelona, v. 2, n. 26, p. 967-978, 1996.

JAULENT, Esteve. Apresentação. In: RAMON LLULL. *Livro das bestas*. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006. 9-13.

_____. Introdução. In: RAMON LLULL. *Escritos antiaverroístas (1309-1311)*. Tradução de Brasília Bernardete Rosson; Sérgio Alcides; Ronald Polito. Porto Alegre: EduPUCRS, 2001. p. 7-28.

_____. Introdução. In: RAMON LLULL. *Livro das bestas*. Tradução de Cláudio Giordano. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000. p. 6-9.

_____. Introdução. In: RAMON LLULL. *O livro do gentio e dos três Sábios*. Tradução de Esteve Jaulent. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 7-40.

JÚNIOR, Hilário Franco. *A Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. Rio de Janeiro: 70, 1990.

LE MOS, Tatyana Nunes. *Pregação e Cruzada: a conversão dos infiéis nos poemas de Ramon Llull (1232-1316)*. Espírito Santo, 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações políticas) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo. 2010.

LLINARES, Armand. La presencia de Ramon Llull en Francia. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 19, p. 107-115, 1975.

_____. *Ramon Llull*. Palma de Maiorca: Molí, 1990.

LOMAS, Francisco Javier. Teodosio, paradigma de príncipe cristiano: consideraciones de Ambrosio, Rufino de Aquileya y Agustín sobre la imperial persona. *Studia historica Historia antigua*, Salamanca, n. 8, p. 149-165, 1990.

LOYN, Henry Royston. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LUZÓN DÍAZ, Rubén. Una aproximación a la noción de exemplum en la obra lulliana, seguida de un breve comentario en los exempla del capítulo 62 del Llibre de

meravelles. *Revista de lengüas y literaturas catalana, gallega y vasca*, Madrid, v. 12, p. 253-276, 2006.

MACHADO, Jefferson Eduardo dos Santos. O uso simbólico dos animais na obra Antoniana. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da. (Org.) SEMANA DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 6, 2005, Rio de Janeiro. Atas da semana de estudos medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. p. 188-195.

MALAXECHEVERRIA, Ignacio. *Bestiário Medieval*. Madrid: Siruela, 1986.

MARRONI, Paula Carolina Teixeira. *O livro da ordem de cavalaria, de Ramon Llull: uma proposta de educação social pautada no modelo de conduta virtuosa*. Paraná, 2015. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2015.

MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Algunes consideracions sobre la relació entre les faules del Llibre de les bèsties de Ramon Llull i l'original oriental. *Catalan Review*, Barcelona, v. 11, n. 1-2, p. 83-112, 1997.

_____. *La tradició animalística en la literatura catalana medieval i els seus antecedents*. Maiorca, 1994. 954 f. Tese (Doutorado em Filologia Catalã) - Departamento de Filologia Catalana, Universitat D'alacant, Maiorca, 1994.

MATA, Santiago. *El hombre que demostró el cristianismo: Ramon Llull*. Madrid: Rialp, 2006.

MAULU, Marco. Fra autonomia e unitat: la colocazione del Llibre de les besties all' interno del llibre de meravelles di Ramon Llull. *eHumanista IVITRA*, Califórnia, v. 11, p. 100-117, 2017.

MIRANDA, Adelaide; CHAMBEL, Pedro. *Bestiário Medieval em perspectivas de abordagens*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014.

MÍTRE FERNANDEZ, Emílio. Historia Eclesiástica e Historia de la Iglesia. In: SAN PEDRO, María Desamparados Martínez; DEL PINO, María Dolores Segura (Coord). *La iglesia en el mundo medieval y moderno*. Almería: Instituto de Estudios Almerienses, 2004. p. 13-28.

MOLAS, Joaquin. Prólogo. In: RAMON LLULL. *Llibre de meravelles*. Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980. p. 9-15.

MONSALVO ANTÓN, José María. *Atlas Histórico de la España Medieval*. Madrid: Síntesis, 2014.

MORALES MUÑIZ, Dolores Carmen. El simbolismo animal en la cultura medieval. *Espacio, tempo y forma*, Madrid, n. 9, p. 229-255, 1996.

MUNIZ, Márcio Ricardo Coelho. O leal conselheiro e a tradição do espelho de príncipe: considerações sobre o gênero. In: PAMPÍN BARRAL, Mercedes; PARRILLA GARCÍA, Carmen (Coord.). ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL, 9, 2001, Murcia. *Actas del Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Múrcia: Universidade da Coruña, 3v, v.2, 2005. p. 89-104.

_____. Um espelho real: o leal conselheiro na perspectiva dos espelhos de príncipes medievais. In: LEÃO, Angeral Vaz; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira (Coord.). ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4, 2001, Belo Horizonte. *Atas do Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas, 2004. p. 540-549.

NAVARRO ESPINACH, Germán. Consejeros influyentes y personas de confianza en entorno cortesano de los reyes de Aragón (siglos XIII-XV). In: MUÑOZ, Ángel Sesma (Coord.). *La corona de Aragón en el centro de su historia 1208-1458: la monarquía aragonesa y los reinos de la corona*. Aragón: Gobierno de Aragón, Departamento de Educación, Cultura y Deporte, 2008. p. 129-179.

NEUGAARD, Edward J. The sources of the folk tales in Ramon Llull's *llibre de les bèsties*. *The journal of American folklore*, Champaign, v. 84, n. 333, p. 333-337, 1971.

OLAÑETA MOLINA, Juan Antonio. Cristo o Diablo? la contradictoria dualidad simbólica del león en el episodio de Daniel en el foso en la escultura románica. *Brocar*, La Rioja, n. 38, p. 65-81, 2014.

PASTOUREAU, Michel. *Bestiari del Medioevo*. Torino: Einaudi, 2012.

_____. *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

PEERS, Edgar Allison. *Ramon Llull: a biography*. Londres: Society for Promoting Christian Knowledge, 1929.

- PIÑERO MORAL, Ricardo Isidro. De fábulas y bestiarios: la estética de los animales en la edad media. *Estudios Humanísticos*, León, n. 35, p. 85-96, 2013.
- PONTES, José Maria da Cruz. Miramar en sus relaciones com Portugal y el lulismo medieval portugués. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 261-277, 1979.
- PRAT BORRÀS, Jaume. *Les primeres escoles de llengües orientals a l'europa Medieval*. Barcelona, 2017. 30f. Monografia (Graduação em Árabe e Hebreu)-Faculdade de Filologia, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2017.
- PRING-MILL, Robert. *El microcosmo lul.lià*. Palma de Maiorca: Moll, 1962.
- QUINTANA, Jordi. *Cronologia de Ramon Llull*. Disponível em <<http://www.xtec.cat/~jquintan/llull98/cronocas.htm>>. Acesso em 28/10/2017.
- _____. Um esbozo cartográfico del lulismo universitário y escolar em los reinos hispánicos. *Cuadernos del Instituto Antonio de Nebrija*, Madrid, v. 15, n. 1, p. 61-103, 2012.
- RAMIS BARCELÓ, Rafael. Estudio Preliminar. In: _____. *Ramon Llull: arte de derecho*. Madrid: Universidade Carlos III de Madrid, 2011. p. 15-86.
- RAMIS I SERRA, Pedro. Llibre de les bèsties: el príncipe y la sociedad. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 31, p. 149-165, 1991.
- RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Entre saberes e crenças: o mundo animal de la Idade Média. *História Revista*, Goiás, v. 18. n.1, p. 135-150, 2013.
- ROBLES CARCEDO, Laureano. Introdução. In: RAMON LLULL. *Libro de las bestias*. Tradução de Laureano Robles Carcedo. Madrid: Clásicos del pensamiento, 2006. p. 9- 32.
- RODILLA, Maria José. De fábulas y bestiários: la interpretación simbólica de los animales en la edad media. *Medievalia*, Ciudad de México, n. 27, p. 38-43, 1998.
- RODRÍGUEZ TEJERINA, José Maria. El pensamiento médico de Ramon Llull em la época de Miramar. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 22, p. 71-76, 1978.
- RUIZ SIMON, Josep Maria; SOLER I SICÍLIA, Albert. Vida, pensament i contexto de Ramon Llull. *Catalan Historical Review*, Barcelona, n. 1, p. 195-209, 2008.
- SÁNCHEZ SANTIAGO, Urda M. Animalidad y moralidad: el león como rey y señor todo podesroso em tres exempla de la literatura española medieval: Calila e

Dimna, Sendeban y Libro de Buen Amor. *Jornadas Internacionales de Literatura Española Medieval*, Buenos Aires, v. 11, n. 20-22, p. 1-10, 2014.

SANCHEZ SANCHEZ, Esteban. Aragón y su intervención militar en el Mediterráneo medieval. *Militaria, Revista de Cultura Militar*, Madrid, n. 12, p. 31-48. 1998.

SARANYANA, Josep Ignasi. *A filosofia medieval: das origens patrísticas à escolástica barroca*. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2006.

SEGUÍ, Gabriel. La influencia cisterciense en el beato Ramón Llull. *Studia Lulliana*, Maiorca, v. 2, p. 21-48, 1958.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Coord.). *Hagiografia e História: banco de dados dos Santos Ibéricos (XI- XIII)*. 2v. V. 2. Rio de Janeiro: PEM, 2012.

SILVA, Gilvan Ventura. *Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos místicos da Basílica (337-361)*. Vitória: EdUFES, 2003.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Os efeitos dos discursos: saber e poder para Michel Foucault e Pierre Bourdieu. *Plural*, São Paulo, n. 6, p. 103-117, 1999.

SOARES, Nair de Castro. A Virtuosa benfeitoria, primeiro tratado de educação de príncipes escrito em português. *Biblos*, Coimbra, v. 69, p. 290-314, 1993.

SOTO I COMPANY, Ricard. Alguns casos de gestió colonial feudal a la Mallorca del segle XIII. *Catalanes amb accés obert*, Barcelona, n. 5-6, p. 345-369, 1985.

TAYLOR, Barry. Some complexities of the exemplum in Ramon Llull's *Llibre de les bèsties*. *The Modern Language Review*, Reino Unido, v. 90, n. 3, p. 646-658, 1995.

TEIXEIRA, Igor Salomão. O intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 7, p. 155-173, 2014.

THRALL, William Flint. *A handbook to literature*. New York: The Odissey Press, 1960.

TRÍAS MERCANT, Sebastian. La ideologia luliana de Miramar. *Studia Lulliana*, Maiorca, n. 22, p. 9-29, 1978.

- VARANDAS, Angélica. A Idade Média e o Bestiário. *Medievalista online*, Lisboa, n. 2, p. 1- 52, 2006.
- VEGA ESQUERRA, Amador. *Ramon Llull and the secret of life*. New York: The Crossroad, 2003.
- _____. Ramon Llull y el principio contemplativo de la acción predicativa. *Iberoamericana*, Berlim, ano 10, n. 38, p. 103-112, 2010.
- VILLA PRIETO, Josué. La enseñanza en la universidad medieval: centros, métodos, lecturas. *Tiempo y sociedad*, S. l., n. 26, p. 59- 131, 2017.
- VILLALBA I VARNEDA, Pere. Ramon Llull: obres i etapes essencials. *Revista Internacional d'Humanitats*, Barcelona, n. 40, p. 15- 46, 2017.
- WARD, Renée. Bestiaries, aviaries, physiologus. In: CLASSEN, Albrecht (Ed.). *Handbook of medieval studies, terms-methods-trends*. 3v. V. 1. Arizona: De Gruyter, 2010. p. 1634-1642.
- WHITE, T. H. *The book of beasts: being a translation from a latin bestiary of the twelfth century*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1984.
- WOENSEL, Maurice Van. *Simbolismo animal medieval: os bestiários*. João Pessoa: UFPB, 2001.
- WYLLIE, Guilherme. Introdução. In: RAMON LLULL. *A nova lógica*. Tradução de Guilherme Wyllie. São Paulo: Instituto brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2014. p. 9-17.
- ZACARÍAS SANHUEZA, Yohad. Hacia los tres estados mentales: el contexto luliano en base a la noción de viaje durante el siglo XIII. *Revista Electrónica historias del Orbis Terrarum*, Santiago, n. 4, p. 175-197, 2010.
- ZIERER, Adriana; MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull. *Roda da Fortuna*, S. l., v. 2, n. 2, p. 128-154, 2013.

ANEXO I- Mapas

Mapa 1

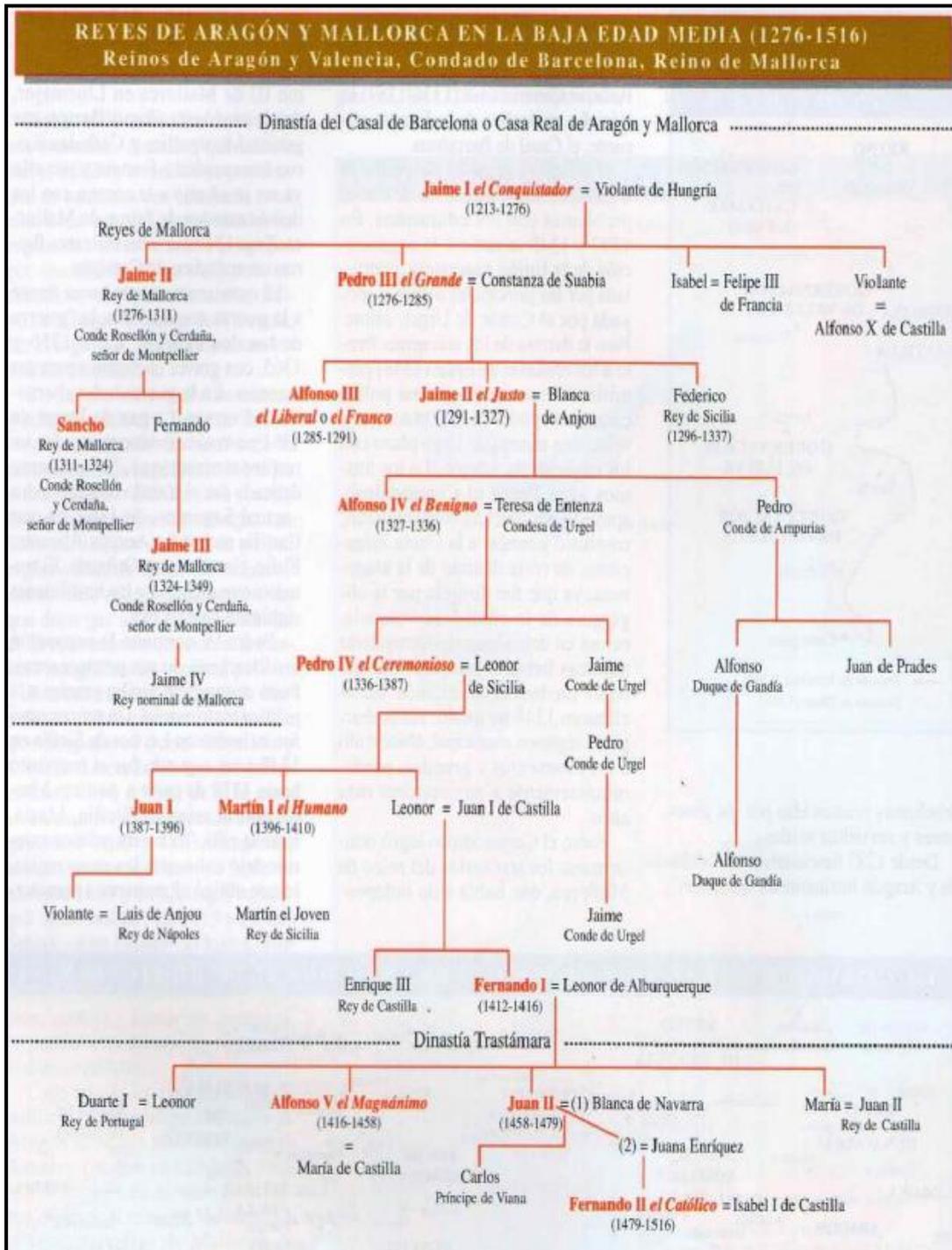
Região de Aragão no reinado de Jaime I, século XIII.



ANTÓN, José María M. *Atlas Histórico de la España Medieval*. Madrid: Síntesis, 2014, p. 203.

Mapa 2

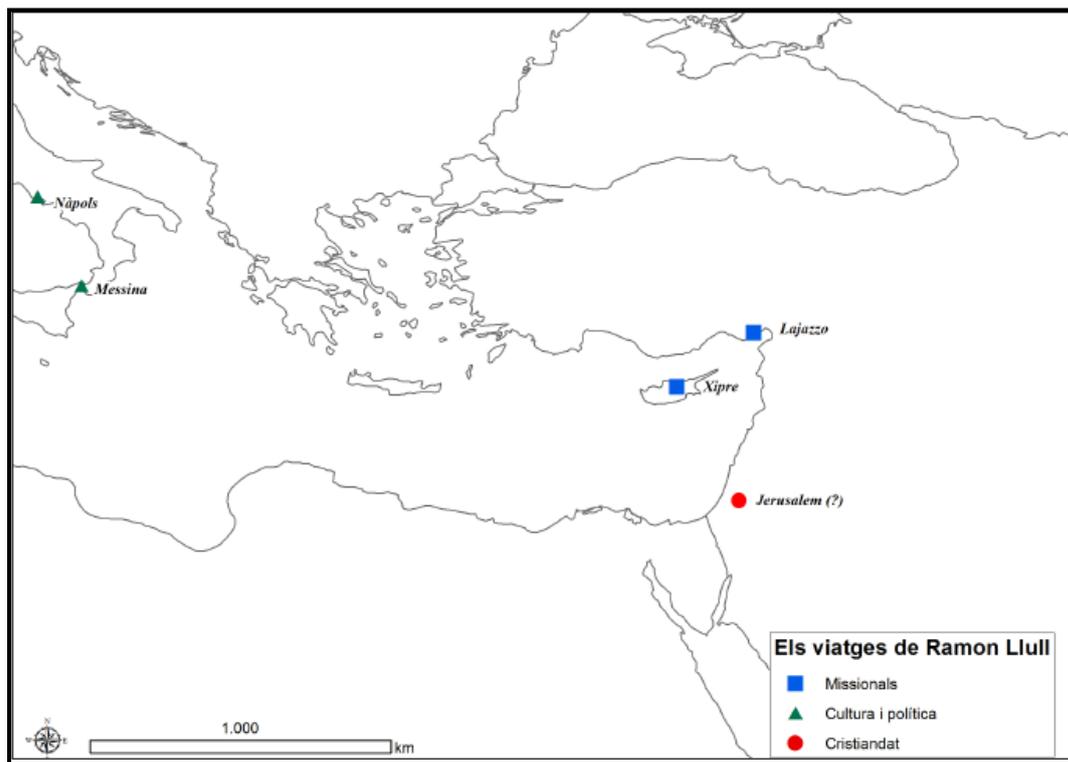
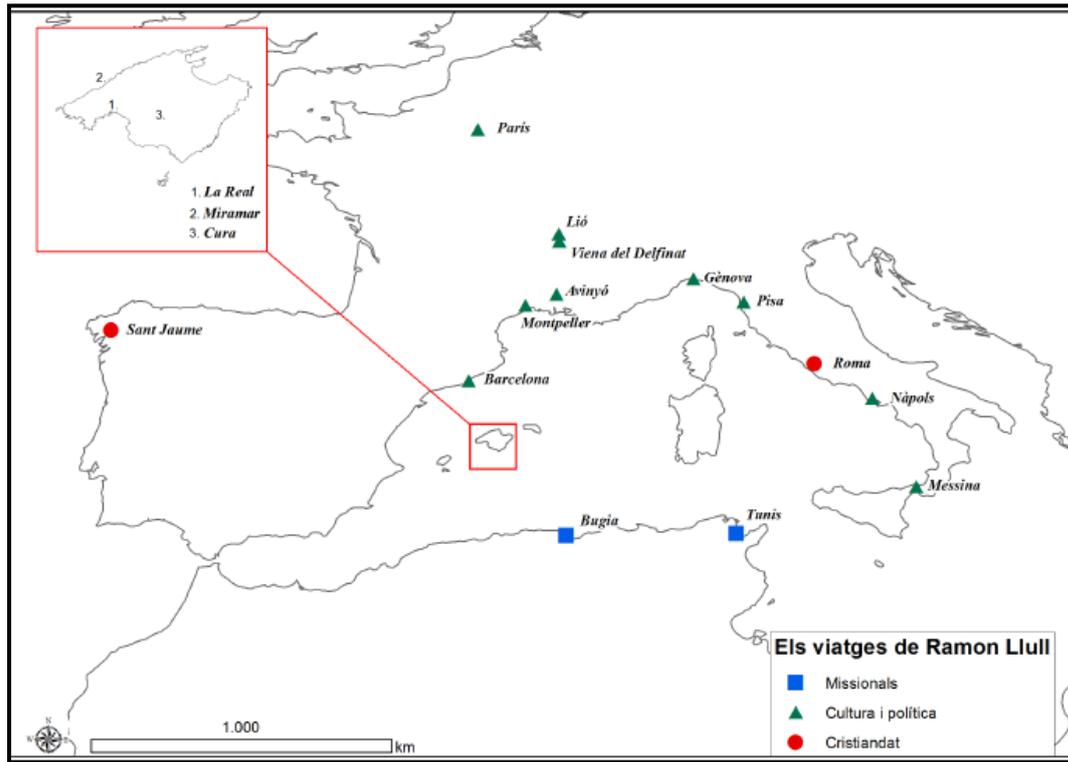
Cronologia dos reis de Aragão e Maiorca entre os séculos XIII ao XVI.



ANTÓN, José María M. *Atlas Histórico de la España Medieval*. Madrid: Síntesis, 2014, p. 244.

Mapa 3

Viatges missionaris; culturals e polítics; e aos lugares de referència da Cristandade, Ramon Llull.



BUJOSA, Antoni Ginard. *Ramon Llull, viatger universal*. Universitat de les illes Balears. Maiorca, Esp. 2015, p. 15-25.

ANEXO II- Cronologia

Vida e contexto de Ramon Llull.

Ano	Vida e Viagem	Principais obras	Cultura	História
1232/ 35	Nasceu em Maiorca.	---	---	Iniciou a conquista de Valência.
1256	Foi pajem do príncipe Jaime, futuro Jaime II de Maiorca.	---	---	---
1257	Casou-se com Blanca Picany.	---	Criação do Colégio de Sorbona, Paris, por Roberto de Sorbón.	---
1263	Epifania de conversão: ditas visões de Jesus crucificado.	---	---	---
1264	Início dos estudos, mudança de vida dita mundana para erudita.	---	---	---
1265	Peregrinou à Terra Santa. Estudou em Maiorca, aprendeu árabe e latim com um escravo muçulmano (1265- 1274).	---	Nasceu Dante Alighieri e Ramón Muntaner.	Criação do Conselho dos cem.
1272	---	<i>Llibre de contemplació en Déu.</i>	---	Jaime I fez seu testamento e dividiu o reino entre Jaime e Pedro.
1274	Início de elaboração da “arte llulliana”, seu método de conversão.	<i>Ars compendiosa inueniendi ueritatem; Lectura compendiosa super Artem inueniendi ueritatem.</i>	---	---
1275	Jaime II convocou Llull a Montpellier e submeteu suas obras a análise de um franciscano. Aprovadas, foi autorizado a pregar nas sinagogas e mesquitas desse reino.	<i>Llibre de l'ordre de la caballería.</i>	---	---
1276	Fundação do Colégio de Miramar, confirmada através da bula do papa João XXI.	---	---	Morreu Jaime I. O reino de Aragão foi dividido entre Jaime II de Maiorca e Pedro da Catalunha,

				Aragão e Valência, esse submeteu o primeiro.
1277	Ida a Roma: tentativa de convencer o papa a construir as escolas de línguas.	---	---	---
1279	Viajou à Roma, Jerusalém, Egito, Ceuta, Al-Ándalus e Perpiñán.	---	---	---
1283	Viajou para Montpellier.	<i>Blanquerna</i> , que incluía o <i>Llibre d'Amic e Amat</i> .	<i>Crónica</i> de Bernat Desclot.	---
1285	Viajou para Bolonha. Início do período de viagem depois da perda de Maiorca.	---	---	Jaime II perdeu Maiorca para Alfonso III de Aragão.
1287	Viajou à Roma.	---	---	Conquista de Menorca por Alfonso III.
1288/89	Viajou pela primeira vez à Paris na tentativa de inserção nessa corte. Lá, Thomas Le Myésier tornou-se seu discípulo. Também, foi considerado <i>Magister Artium honoris causa</i> pela Universidade de Paris.	<i>Compendium seu commentum Artis demonstrative</i> (1288-89); <i>Disputatio fidelis et infidelis</i> (1288-89); <i>Fèlix o el Libre de meravelles</i> (1288-89); <i>Tres cartes</i> (1288-89): 1- <i>Epistola Raymundi ad regem Franciae</i> . 2- <i>Epistola Raymundi ad quendam amicum</i> . 3- <i>Epistola Raymundi ad Universitatem parisiensem</i> ; <i>Epistola dedicatoria ad duces Venetorum</i> (1289); <i>Quaestiones per Artem demonstrativam seu inventivam solubiles</i> (1289).	---	---
1289	Estadia na Sorbona.	---	Criação da Universidade de Montpellier <i>Crónica General</i> de Alfonso X.	Criação da embaixada a Generalitat.
1289/90	Viajou para Gênova e Roma. Foi autorizado por Raimon Gaufredi a pregar nos conventos italianos.	<i>Arts inventiva veritatis</i> ; <i>Llibre de Sancta Maria</i> .	Criação da Universidade de Lisboa.	---
1293	Viajou à Roma, Gênova,	---	<i>Vita Nuova</i> de	---

	Nápoles à Túnez.		Dante Alighieri.	
1294	Viajou para Barcelona.	<i>Taula general.</i>	---	---
1295	Viajou à Paris.	---	---	---
1296	Viajou à Roma.	<i>Arbre de sciència.</i>	---	---
1297	Segunda viagem à Paris onde se encontrou com o rei Filipe IV e mostrou sua <i>ars</i> em público.	<i>Tractat d'astronomia; A árvore da filosofia do amor.</i>	---	---
1298	---	---	---	Jaime II recuperou a ilha de Maiorca, mas continuou submetido a Aragão.
1299	Viajou para Barcelona.	<i>Llibre de nova geometria.</i>	---	---
1300	Viajou para o Chipre e Armênia.	<i>Rethorica nova.</i>	Fundação do Estudo Geral de Lleida.	---
1303	Viajou a Montpellier.	---	---	---
1305	Viajou à Barcelona, Paris, Montpellier, Lion e Maiorca.	<i>Ars magna generalis ultim.</i>	---	---
1307	Viajou à Bugia para pregar.	---	---	---
1308	Viveu em Pisa.	---	---	---
1309	Viajou a Avinhón.	---	---	---
1310	Reconhecimento de suas obras e erudição em Paris pelos mestres e bacharéis em Artes e Medicina. Foi autorizado a pregar em todos os territórios cristãos.	---	---	---
1311	Teve suas obras avaliadas pelo chanceler da Universidade de Paris, Francisco de Nápoles, recebeu o título de <i>Doctor honis causa.</i>	---	---	---
1311-1312	Viajou para Vienne.	Participou do Concílio de Vienne, convocado pelo papa Clemente V, apresentou suas petições.	---	---
1313	Viajou a Sicília e Túnez.	---	---	---
1315/16	Morreu na cidade de Maiorca.	---	---	---

ANEXO III- Levantamento: transmissão de documento- *FLM/ LB*

Manuscritos catalães:

1. *Palma*, SAL, 6. (1367). p. 1-233.
2. *Londres*, BL, Add. 16428. (1386). p. 1-187v.
3. *Munic*, SB, Hisp. 51 (595). I (1406). p. 1-216v.
4. *Roma*, Corsiniana, 44. A. 3. (XV). II, p.1-234v.
5. *Milà*, Ambrosiana, I 34 Inf. (XV). p. 4-208.
6. *Em espanhol*: 1- El Escorial, BM, x. III. 3. (XV). p. 1-329v.
7. *Palma*, SAL, 7. (1458). p. 1-128.
8. *Palma*, SF, 12. (1633). p. 1-187.
9. *Montserrat*, BM, 184. (1634). p. 1-239.
10. *Santander*, Pelayo, 283. (1644). p. 1-376.
11. *Munic*, SB, Hisp. 69 (612). II (XVII). p.7-226.
12. *Palma*, BDM, Col·legi de la Sapiència F-196. (XVII). p. 2-267v.
13. *Palma*, BDM, Col·legi de la Sapiència F-221. (XVIII). p. 1-214 [incomplet].
14. *Palma*, BDM, Col·legi de la Sapiència F-219. (XVIII). p. 1-467.

Francês:

1. *París*, BN, fr. 189. (XV). p. 1-315.

Italianos:

1. *Vaticà*, Apostólica, Vat. lat. 9443. (XIV inici). p. 1-128.
2. *Oxford*, Bod, Canon. Ital. 26. (XV inici). p. 1-183v.
3. *Venècia*, Marciana, It. II, 109 [=5044]. (XV). p.1-271.
4. *Mòdena*, BE, it. 455. (XV). p. 1-144v.
5. *Sevilla*, BC, 7-4-5. (XV).
6. *Munic*, SB, Clm. 10601. (XVI). p. 66-1040.
7. *Mòdena*, BE, it. 396. (XVII). p. 3-269.

Edições modernas do *FLM*, catalães:

1. RAMON LLULL. *Libre apellat Felix de les Maraveles del mon, lo qual llibre feu mestre Ramon Lull de Malorques estant en la ciutat de Paris*. Ed. Jeroni Rosselló. 2 vols. Barcelona: Llibreria d'Alvar Verdager, 1872.
2. RAMON LLULL. *Obras de Ramon Lull*. Ed. Jerónimo Rosselló. III, 1-2. Palma de Mallorca, 1887.

3. RAMON LLULL. *Obras de Ramón Lull*. Ed. Jerónimo Rosselló; Mateu Obrador i Bennassar. III, 1-2. Palma de Mallorca, 1903.
4. RAMON LLULL. *Felix de les meravelles del món*. Ed. Jerónimo Rosselló. Barcelona, Biblioteca catalana, 1904.
5. RAMON LLULL. *Libre de meravelles*. Ed. Salvador Galmés. Barcelona: Barcino, 1931.
6. RAMON LLULL. *Obres essencials*. Ed. Joaquim Carreras i Artau, Miquel Batllori, Tomàs Carreras i Artau and Jordi Rubió i Balaguer. Barcelona: Selecta, 1957 i 1960.
7. RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Ed. Marina Gustà; Joaquim Molas, Les Millors Obres de la Literatura Catalana 36. Barcelona: Edicions 62, 1980.
8. RAMON LLULL. *Antologia filosòfica*. Ed. Miquel Batllori, Textos filosòfics. Barcelona, 1984.
9. BADIA, Lola. *Literatura catalana medieval*. Selecció de textos. Barcelona: Empúries, 1985.
10. RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Barcelona: Edicions 62, 1987.
11. RAMON LLULL. *Obres selectes de Ramon Llull (1232-1316)*. Ed. Anthony Bonner, Els Treballs i els Dies, 31-2 II. Palma de Mallorca: Editorial Moll, 1989.
12. RAMON LLULL. *Homage to Ramon Llull*. Barcelona: North American Catalan Society, 1990.
13. RAMON LLULL. *Llibre de meravelles*. Ed. Albert Soler i Llopart, Tria de Clàssics 2. Barcelona: Teide, 1991.
14. RAMON LLULL. *Pàgines pedagògiques*. Ed. Lola Badia and Albert Soler, Textos Pedagògics 31. Vic: Eumo, 1992.
15. RAMON LLULL. *Narracions breus*. Ed. Antònia Carré. Barcelona: Tinell 19, 1995.
16. MIRALLES I MONSERRAT, Joan. *Antologia de textos de les illes balears: Volum I: Segles XIII-XVI*. Ed. Joan Martí i Castell. Barcelona: Institut d'Estudis Baleàrics - Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2006.
17. RAMON LLULL. *Llibre de meravelles, il. Jaume Plensa*. Trad. Pere Gimferrer. Barcelona: Enciclopèdia Catalana, 2009.
18. CALDUCH, M. Eugènia Gisbert. *Edició crítica dels llibres III, IV, V, VI i VII del Llibre de meravelles de Ramon Llull*. Tesi doctoral, Barcelona: Universitat de Barcelona, 2010.
19. RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Trad. Jordi Folck. Barcelona: Barcanova, 2010.
20. RAMON LLULL, *Llibre de Meravelles*. Barcelona: Publicacions de L'abadia de Montserrat, 2011.

21. RAMON LLULL. *Los mundos de Ramón Llull en las lenguas de hoy*. Ed. Júlia Butinyà. Madrid: UNED, 2012.
22. RAMON LLULL. *Contes exemplars*. Ed. Antònia Carré. Educació 62, 80. Barcelona: Edicions 62, 2013.
23. RAMON LLULL. *Obra escogidas*. Barcelona: Penguin Clásicos, 2016.
24. RAMON LLULL. *Llull x Llull. Una antologia de textos de Ramon Llull*. Ed. Joan Santanach i Suñol. Barcelona: Institució de les Lletres Catalanes - L'Avenç, 2016.

Espanhóis:

1. RAMON LLULL. *Libro Félix o Maravillas del mundo, compuesto en lengua lemosina por el Iluminado Doctor, Maestro y Martyr el Beato Raymundo Lulio mallorquin*. Trad. Lluís de Flandes, 2 vols. Mallorca: Vídua Frau, 1750.
2. RAMON LLULL. *Obras Literarias*. Ed. Miquel Batllori e Miguel Caldentey. Intr. Salvador Galmés. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos 31, 1948.
3. RAMON LLULL. *Llibre de meravelles: poemes*. Trad. Andrés Estellés. València: l'Estel, 1971.
4. RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Trad: Andrés Estellés. València: Edicions tres i quatre, 1977.
5. RAMON LLULL. *Obra Escogida*. Ed. Miquel Batllori. Trad. Pere Gimferrer. Madrid: Alfabeta, 1981.
6. PERANAU I ESPELT. Josep. *La traducció castellana medieval del Llibre de meravelles de Ramon Llull*. Barcelona: ATCA 4, 1985.
7. RAMON LLULL. *Llibre de Meravelles*. Trad: Andrés Estellés. València: Eliseu climent, 2001.
8. RAMON LLULL. *Félix o libro das maravilhas*. Ed. Júlia Butinyà e Fernando Domínguez. Collection Scriptorum mediaevalium i renascentium. Madrid: UNED, 2016.
9. RAMON LLULL. *Félix o libro de maravilhas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2016.

Edições francesas:

1. RAYMOND LULLE. *La traduction française du «Libre de meravelles» de Ramon Llull. Thèse Université de Bâle*. Schaffhausen: Bolli-AG, 1969.
2. RAYMOND LULLE. *Le livre du gentil et des trois sages*. Trad. Dominique de Courcelles. Combas: Éditions de l'Éclat, 1992.
3. RAYMOND LULLE. *Félix ou le livre des merveilles*. Trad. Patrick Gifreu, Monaco: Anatolia-Éditions du Rocher, 2000.

4. RAYMOND LULLE. *Llibre de meravelles*. Trad: Amador Calvo i Ramon. Nord-Pas-de-Calais: Maison de la Poésie, DL 2004.

Edição portuguesa:

1- RAMON LLULL. *Félix, O livro das Maravilhas*. Parte 1. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2009.

Outros países; Alemã:

1- RAMON LLULL. *Felix, oder, Das Buch der Wunder/ Ramon Llull; aus dem Katalanischen übersetzt von Gret Schib Torra*. Alemanha: Schwabe, 2007.

Polonesa:

1- RAMON LLULL. *Księga cudów/ Ramon Llull; przekład z języka katalońskiego: Barbara Sławomirska*. Kraków: Wydawnictwo Spółka Hanzeatycka, 2001.

Estadunidense:

1. RAMON LLULL. *Selected Works, Felix, or, The book of wonders. Principles of medicine. Flowers of love and flowers of intelligence*. Trad. de Anthony Bonner. Nova Jersey, USA: Princeton University Press, 1985.

Levantamento do LB, catalães:

1. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Org. M. Obrador Bennassar. Barcelona: L'Avenç, 1905.

2. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Imp de L'escola, 1933.

3. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. contat als infants per Ana Rubies. Barcelona: Elzeviriana, 1934.

4. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*. Francisco Sureda Blanes. Barcelona: Araluce, 1943.

5. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties, il·lustrat per Josep Granyer*. Barcelona: Edicions de la Rosa Vera, 1947.

6. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Trad. Pere Bohligas. Barcelona: Edicions 62, 1965.

7. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Org. Pere Bohligas. Barcelona: Edições 62, 1977.

8. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Org. Joan Mas i Vives. Palma: Institut d'Estudis Baleàrics, 1980.

9. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Adaptación Anna Rubies. Barcelona: Atzar, 1981.
10. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Adaptación Aurora Díaz Plaja. Barcelona: Abadia de Montserrat, 1981.
11. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*; Ramón Llull. Trad. Geroni Roselló. Barcelona: Teorema, 1983.
12. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties: zoologia fantástica catalana*. Org. Xavier Fàbregas. Barcelona: Edicions 62, 1983.
13. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties. Llibre d'amic e amat*. Org. Manuel Llanas. Barcelona: Edicions 62, 1984.
14. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Jordi Rubió i Armand Llinarés. Barcelona: Edicions 62, 1985.
15. RAMON LLULL. *Llibre de les Bèsties*. Llibre del Cel del Llibre de Meravelles. Ed. Lluís-Anton Baulenas. Barcelona: Empúries, 1985.
16. RAMON LLULL. *Llibre de les Bèsties. Llibre del Cel del Llibre de Meravelles*. Org. Lluís Anton Baulenas. Barcelona: Gea, 1986.
17. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*. Aurora Díaz Plaza. Barcelona: Ultramar, 1986.
18. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*. Org. Anna Rubies. Barcelona: L'atzar, 1987.
19. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Agnès Bosch. Barcelona: Diputació-Diari de Barcelona, 1989.
20. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Joaquim González i Caturla. Alacant: Aguaclara, 1990.
21. RAMON LLULL. *El libro de las bèsties*. Org. Francesc Machirant. València: Bromera, 1991.
22. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Montserrat Vallés. Barcelona: Barcanova, 1991.
23. RAMON LLULL. *El libro de las bèsties*. Org. Roser Sunyel; Inma Tomás. Barcelona: Eumo, 1991.
24. RAMON LLULL. *El libro de las bèsties: basat en el Llibre de meravelles de Ramón Llull*. Barcelona: Centre dramàtic de la generalitat de Catalunya, 1994.
25. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Org. Jordi Rubió; Armand Llinarés. Barcelona: Edicions 62, 1995.
26. RAMON LLULL. *Llibre de les Bèsties. Llibre del Cel del Llibre de Meravelles*. Org. Lluís Anton Baulenas. Barcelona: La Magrana, 1997.
27. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Edicions 62, 1997.

28. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties. Ramon Llull: evaluació de la lectura*. Org. Carnie Vilà. Barcelona: Barcanova, 1997.
29. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Albert Sóler. Barcelona: Hennes, 1999.
30. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Edicions 62, 2001.
31. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Org. Ferran Gadea. Barcelona: Proa, 2002.
32. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Barcelona: Laertes, 2002.
33. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Org. Montserrat Vallés. Barcelona: Barcanova, 2004.
34. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Barcelona: Proa, 2005.
35. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Barcelona: Sàpiens, 2005.
36. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Barcelona: Biblioteca bàsica El Periódico, 2005.
37. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Angle, 2007.
38. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Proa, 2008.
39. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties; Vida coetània; Cant de Ramon/ Ramon Llull; versió actual, presentació, comentaris i propostes de lectura*: Trad. Ismael Calvet. Barcelona: Teide, 2008.
40. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties*. Arnau Lesperut. Barcelona: Hilgard, 2010.
41. RAMON LLULL. *El llibre de les bèsties, o, el rapte de la caibara*. Víctor Nubla, Roger Atofe. Barcelona: Transis, 2010.
42. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Barcanova, 2011.
43. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Educaula 62, 2013.
44. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties; Ramon Llull*. A cura d'Helena Soler Puig i Lluís Busquets Grabulosa. Barcelona: Laertes, 2014.
45. RAMON LLULL. *Exemples extrets del llibre de les bèsties de Ramon Llull*. Francesc Salvà. Barcelona: Salvatella, 2015.
46. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Proa, 2015.
47. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Tarragona: Arola, 2015.
48. MARTÍ I BERTRAN, Pere. *Faules del llibre de les bèsties*. Barcelona: Barcanova, 2016.
49. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Barcelona: Baula, 2016.

Espanhóis:

1. RAMON LLULL. *Obras filosóficas: Libro de los proverbios y Proverbios de enseñanza, Libro de las bestias*. Org. Mateu Obrador. Madrid: Espasa-Calpe, 1933.

2. RAMON LLULL. *Obras literarias*. Org. M. Batllori. Madrid: BAC, 1948, p. 605-1000.
3. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*. Org. Pilarín Bayés. Mallorca: Ultramar, 1986.
4. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Alicante: Aguaclara, 1990.
5. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Alzira: Bromera, 1991.
6. RAMON LLULL. *l llibre de les bèsties*. València: Bromera, 1997.
7. RAMON LLULL. *El libro de las bestias*. Trad. Gerónimo Roselló. Madrid: Sufi, 1997.
8. RAMON LLULL. *El libro de las bestias/ El llibre de les bèsties*. Trad. Gerónimo Roselló. Madrid: Eneida, 2003
9. RAMON LLULL. *Libro de las bestias*. Madrid: Tecnos, 2006.
10. RAMON LLULL. *Llibre de les Bèsties*. València: Bromera, 2007.
11. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Teresa Broseta. Alzira: Bromera, 2015.
12. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties*. Carcaixent: Sembra Llibres, 2015.

Francesas:

1. RAYMOND LULLE. *Le livre des bêtes*. Paris: Klincksieck, 1964.
2. RAYMOND LULLE. *Le livre des bêtes*. Paris: La différence, 1991.

Portuguesas:

1. RAMON LLULL. *Livro das Bestas*. Trad. de Cláudio Giordano. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000.
2. RAMON LLULL. *Livro das Bestas*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Escala, 2006.

Alemã:

1. RAMON LLULL. *Llibre de les bèsties. Die Treulose Füchsin: eine Tierfabel aus dem 13. Jahrhundert mit zeitgenössischen Miniaturen / Ramón Llull; aus dem spanischen übertragen von Josep Solzbacher*. Freiburg im Breisgau, Alemanha: Herder, 1992.

Polonesa:

1. RAMON LLULL. *Księga zwierząt / Ramon Lull; z języka katalońskiego przełożyła: Barbara Sławomirska*. S.l.: Sagittarius, 2005.

Italianas:

1. RAIMONDO LULLO. *Il Livre des bestes di Ramon Llull: traduzione diocesana anônima del XV secolo*. Roma, Quaderni di Marsia, 1964.
2. RAIMONDO LULLO. *Il libro delle bestie*. A cura di Loretta Frattale. Palermo: Novecento, 1987.
3. RAIMONDO LULLO. *Libro de le bestie: traduzione veneta trecentesca / Ramon Llull ; introduzione di Patrizio Rigobon; edizione critica e note a cura di Marcella Ciceri ; cura editoriale di Veronica Orazi*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2015.

Sérvia e Montenegro:

1. RAMON JULJL. *Knjiga o zverima/ Ramon Ljulj; prevod s katalonskog Aeksandar Grujicic*. Beograd: Paideia, 2003.

Russa:

1. RAMON LLULL. *Kniga o liubiashchem i vozliublennom; Kniga o rytsarskom; Kniga o zivotnyj; Pesn ramona = Llibre d'amic e amat; Llibre de l'orde de cavalleria; Llibre de les bèsties; Cant de Ramon/ Ramon Llull; Izdanie podgotovil V. E. Bagno*. Sankt Peterburg: Nauka, 1997.

Estadunidenses:

1. RAMON LLULL. *The book of the beasts (The Hyperion Library of world literature)*. Indiana, USA: Gibson Press, 1978.
2. RAMON LLULL. *Llibre de les Besties: Text Original Am Prolec, Notes Bibliografiques I Glosari Den M. Obrador Bennasar*. Trad. de Myles Allison Munroe. Carolina do Norte, EUA: Biblio Bazaar, 2010.

Inglesa:

1. RAMON LLULL. *The Book of the Beasts*. Trad. de E. Allison Peers. London: Burns, Oates & Washbourne, 1927.

Tabela I- Transmissão do documento: <i>FLM</i>							
Período de Produção	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	
Catalão		2	5		5	2	14
Francês			1				1
Italiano		1	4	1	1		7
Total		3	10	1	6	2	22

Tabela II- Transmissão do documento moderno: <i>FLM</i>					
Período de Produção	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
Catalunha	0	2	13	9	24
Espanha	1	0	5	3	9
França	0	0	3	1	4
Brasil	0	0	0	1	1
Alemanha	0	0	0	1	1
Polônia	0	0	0	1	1
Itália	0	0	0	0	0
Sérvia e Montenegro	0	0	0	0	0
Rússia	0	0	0	0	0
Estados Unidos	0	0	1	0	1
Inglaterra	0	0	0	0	0
Total	1	2	21	16	41

Tabela III- Transmissão do documento moderno: <i>LB</i>					
Período de Produção	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
Catalunha	0	0	29	20	49
Espanha	0	0	7	5	12
França	0	0	2	0	2
Brasil	0	0	1	1	2

Alemanha	0	0	1	0	1
Polônia	0	0	0	1	1
Itália	0	0	2	1	3
Sérvia e Montenegro	0	0	0	1	1
Rússia	0	0	1	0	1
Estados Unidos	0	0	1	1	2
Inglaterra	0	0	1	0	1
Total	0	0	45	30	75

Tabela IV- Soma da transmissão dos documentos modernos:					
<i>FLM e LB</i>					
Período de Produção	XVIII	XIX	XX	XXI	Total
Catalunha	0	2	42	29	73
Espanha	1	0	12	8	21
França	0	0	5	1	6
Brasil	0	0	1	2	3
Alemanha	0	0	1	1	2
Polônia	0	0	0	2	2
Itália	0	0	2	1	3
Sérvia e Montenegro	0	0	0	1	1
Rússia	0	0	1	0	1
Estados Unidos	0	0	2	1	3
Inglaterra	0	0	1	0	1
Total	1	2	67	46	116

ANEXO IV- Tabelas de análise metodológica do conteúdo, narrativo e discurso.¹

Tabela 1- Descrição do conteúdo

Autor/obra:	Ramon Llull: <i>Félix, o livro das maravilhas</i> (1288-1289)- <i>FLM</i> , mais precisamente, o sétimo capítulo <i>LB</i> .
Período/região:	Século XIII, no reino da França de Filipe IV. Contexto de inserção do autor na corte francesa e na Universidade de Paris.
Destinatário ou grupo social:	Segundo a historiografia, a obra foi direcionada ao rei da França, Filipe IV, tal documento tem caráter modelar de <i>espelho de príncipe</i> , com ênfase no Conselho. Assim, o documento era para circular na nobreza, na corte.
Cita outro documento, qual texto:	Utilizou <i>exempla</i> de outras obras, contudo sem citar diretamente: <i>Calila e Dimna</i> (1270), tradução de Castela- Alfonso X (p. 192-193; 199; 199; 200; 202; 206; 227; 230); <i>Mil e uma noites</i> (Séc. XIII) (p. 229); <i>Coleções semíticas e indianas</i> (p. 203); <i>Fonte desconhecida- semelhança com a parábola de Barlaam e Josafat</i> (p. 197-198); <i>Os sete mestres sábios</i> (p. 194); <i>O Livro da Simbad</i> (XII-XIII), (p. 194); <i>Vida Coetânea</i> (1311) (p. 192). Além disso, fez referência as passagens bíblicas, como: Adão e Eva (Gênesis 3: 13).
Edição do documento:	RAMON LLULL. <i>Llibre de meravelles</i> . Organizado por Marina Gustà. Barcelona: 62, 1980. p. 113-145.; RAMON LLULL. <i>Félix, o livro das maravilhas</i> . Tradução de Ricardo da Costa. 2v. V.1. São Paulo: Escala, 2009. p. 181-235.; RAMON LLULL. <i>Libro de las bestias</i> . Tradução de Laureano Robles Carcedo. Madrid: Clásicos del pensamiento, 2006.

Tabela 2- Análise de narrativa

Gênero narrativo:	1- Consideramos um gênero épico, bestiário de influência oriental e ocidental, de caráter didático-literário com objetivo moral-cristão. Llull através dessa narrativa pretendia modelar o comportamento do rei e da corte - uma literatura de <i>bestiário</i> e <i>espelho de príncipe</i> .	
Elementos da	a) Enredo:	a) Partes do enredo: 1- Exposição (introdução):

¹ Para a montagem das tabelas de análise, utilizamos as seguintes referências textuais: GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.; MAINGUENEAU, Dominique. Análise do discurso. In: _____; CHARAUDEAU, Patrik. (Ed.). *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 43-46.; SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Signum*, Londrina, v. 16, n. 1, p. 131-153, 2015.

<p>narrativa:</p>	<p>Iniciou no prólogo com o encontro entre Félix e os homens da Ordem dos Apóstolos, esses comentaram sobre um reino de animais dos quais pretendiam escolher o seu rei. As bestas foram divididas em dois grupos de animais: os carnívoros (nobres) dos herbívoros (camponeses). Ao longo da exposição o leão foi eleito rei e escolheu as bestas para sua corte, nos cargos de: conselheiro, porteiro e camareiro da casa real. Nesse momento, a raposa ficou fora da corte e prometeu traição e a morte do rei. Deste modo, a exposição foi do <i>Prólogo</i> até o início do capítulo 3 - <i>Da traição que Dona raposa armou contra o rei</i>.</p> <p>O enredo tinha como espaço a corte, o centro da discussão era sobre o comportamento do rei e do conselho. Os personagens eram animais com atributos humanos, típicos do gênero literário denominado de bestiário, do latim <i>bestia</i> (animal). As preocupações eram, provavelmente, do tempo contemporâneo do autor, no contexto da tentativa de inserção na corte francesa através do aconselhamento e enquadramento monárquico.</p> <p>Depois de se despedir do filósofo, Félix andou por um vale cheio de árvores e fontes. Ao sair daquele vale, encontrou dois homens que tinham barbas e cabelos longos e estavam pobremente vestidos. Félix saudou-os e eles o saudaram. (p. 181).</p> <p>– Senhor, disseram os homens, viemos de terras distantes e passamos por uma planície perto daqui. Naquela planície há um grande encontro de bestas selvagens que desejam escolher um rei. (p. 181-182).</p> <p>Dona Raposa e seus companheiros sentiram muito desprazer com o fato de não estarem no Conselho do rei. A partir desse momento, Dona Raposa concebeu a traição em seu coração e desejou a morte do rei. (p. 191).</p> <p>2- Complicação (Desenvolvimento):</p> <p>Começou com a exclusão da raposa e de outras bestas dos cargos reais. Assim, ela prometeu traição e a morte do rei. O conflito se organizou entre o rei leão e a raposa, e desses personagens com outros animais. Iniciou com o capítulo 3 - <i>Da traição que Dona raposa armou contra o rei</i>, até o último capítulo - <i>Da morte da Dona Raposa</i>.</p>
--------------------------	---

	<p>Dona Raposa e seus companheiros sentiram muito desprazer com o fato de não estarem no Conselho do rei. A partir desse momento, Dona Raposa concebeu a traição em seu coração e desejou a morte do rei [...]. (p. 191).</p> <p>Enquanto o Elefante falava com o Javali, Dona Raposa foi ao Leão e lhe disse que o Javali desejava matá-lo. Então o Leão entendeu que Dona Raposa desejava traí-lo. O rei reuniu muitos barões diante de si, entre eles o Elefante, o Javali, Dona Raposa, o Coelho e o Pavão. Diante de todos, o Leão ordenou ao Coelho e ao Pavão que lhe dissessem a verdade sobre o testemunho que haviam prometido fazer à Dona Raposa após a sua morte [...]. (p. 234).</p> <p>3- Clímax: Ocorreu quando o rei leão, com ajuda do elefante, descobriu a traição da raposa.</p> <p>[...] o rei olhou horriavelmente para o Coelho e o Pavão, e gritou um urro muito grande a fim de que a natureza de seu alto senhorio tivesse maior virtude na consciência do Coelho e do Pavão do que a natureza por força da qual o Coelho e o Pavão têm pavor de Dona Raposa. Quando o Leão deu o grande urro, disse furiosamente ao Coelho e ao Pavão que dissessem a verdade, e o Coelho e o Pavão não puderam conter-se e disseram a verdade ao rei. E naquele mesmo instante o rei pessoalmente matou Dona Raposa. (p. 235).</p> <p>4- Desfecho: A morte da raposa trouxe o retorno da paz ao reino e o bom governo. A obra foi encerrada como um manual a ser seguido pelos reis, do qual deveriam aprender como governar.</p> <p>Depois que Dona Raposa foi morta, a corte do rei desfrutou de um bom estamento. O rei fez o Elefante, o Javali e outros honrados barões de seu Conselho, e expulsou o Coelho e o Pavão. (p. 235) Está terminado o <i>Livro das Bestas</i> que Félix levou a um rei a fim de que ele, olhando o que fazem as bestas, visse a maneira segundo a qual deve reinar e como deve se proteger dos maus conselhos e dos homens falsos. (p. 235)</p>
--	---

	<p>b) Conflitos: 1- Principal: raposa x rei leão (p. 191-235). 2- Secundários: leão x boi (p. 227); leão x leopardo (p. 222); leopardo x onça (p. 222); elefante x raposa (p. 234); raposa x serpente (p. 223); raposa x galo (p. 230); leão x pavão (p. 235); leão x cavalo (p. 187); raposa x cão/gato (p. 212); raposa x urso (p. 223); leão x coelho (p. 235); raposa x lobo (p. 223); raposa x galo (p. 212).</p>
b) Personagem:	<p>a) Protagonista (Herói ou anti-heroína): Anti-heroína raposa é a personagem que mais aparece na obra, 199 vezes, e que surge no primeiro capítulo e morre no último. É caracterizada como traidora, astuta e habilidosa.</p> <p>b) Antagonista: O rei leão tem 104 repetições, aparece também no primeiro capítulo, mas, diferente da raposa, termina vivo no enredo. Suas qualificações eram opostas a raposa: leal, justo e forte.</p> <p>c) Personagens: boi, leopardo, elefante, serpente, galo, pavão, javali, cavalo, onça, cão, urso, coelho, lobo, gato, corvo, carneiro, bode, cervo, cabrito. Ao todo são 21 personagens mais o narrador, Félix.</p>
c) Tempo: (Tempo fictício)	<p>a) Tempo Cronológico: Começou com a saída do narrador, Félix, de um ambiente, o bosque, onde conversava com um filósofo sobre as plantas (livro V) e metais (livro VI)- <i>FLM</i>, e foi até a chegada num vale onde estavam dois homens da Ordem dos Apóstolos. Esses homens disseram ao Félix sobre um reino das bestas que pretendiam eleger seu rei. Félix foi para esse reino e o enredo seguiu a seguinte sequência temporal: a eleição do rei, da escolha do seu conselho, do início da traição da raposa, da inserção da raposa na corte, do contato com outro reino, da morte da raposa e o período de paz e bom estamento do reino. Essa foi a sequência lógica da narrativa, possivelmente passou alguns dias, meses ou anos desde a eleição do leão até a morte da raposa, porém não ficou claro quanto tempo passou, pois o autor quando mudava de cena ou de passagem de tempo, utilizava a expressão “Um dia”, como podemos ser visto a seguir:</p> <p>Um dia aconteceu que o rei [...]. (p. 187).; Um dia aconteceu do cavalo e do boi [...]. (p. 188).; Um dia aconteceu [...]. (p. 202).; [...] andaram por muito tempo por muitas e diversas terras. Tanto andaram que chegaram à cidade [...]. (p. 208).; Os mensageiros estiveram muitos dias naquela cidade [...]. (p. 210).; Um dia aconteceu que os mensageiros tinham estado todo</p>

	<p>o dia na porta do rei [...]. (p. 210).; Um dia o rei convidou os mensageiros [...]. (p. 213).; Um dia nevou muito e fez muito frio [...]. (p. 224).; Um dia aconteceu que o rei teve que entender [...]. (p. 227).; Um dia Dona Raposa disse ao Elefante que chegara a hora da morte do rei [...]. (p. 231).</p> <p>b) Tempo Psicológico: A ordem natural da narrativa só foi modificada em um momento, quando Félix mencionou o retorno da onça e do leopardo ao reino dos animais. Os fatos ocorridos na visita ao reino dos homens pela onça, leopardo, cão e gato foram narrados. Assim que esses dois primeiros personagens retornaram ao reino dos animais, o autor recuperou o que aconteceu no período em que eles estiveram fora, assim, modificando e retornando a passagem de tempo.</p> <p>Assim que o Leão enviou seus mensageiros e suas joias ao rei dos homens, Dona Raposa, que agora era porteiro do rei, disse a ele que o Leopardo tinha como mulher a mais bela besta que existe em todo o mundo. Dona Raposa louvou tanto Dona Leoparda que o rei se enamorou da Leoparda e a tomou como mulher, malgrado a rainha e todo seu Conselho, que tiveram grande pavor de Dona Raposa, ao verem que havia induzido o rei a uma falta tão grande contra sua boa mulher e contra o Leopardo, que era seu leal servidor. (p. 219).</p> <p>Quando os mensageiros chegaram e foram contar a sua missão, o Leopardo foi para sua casa esperando encontrar sua mulher, que muito amava. A Doninha e todos os outros que eram da casa do Leopardo ficaram em grande tristeza quando viram seu senhor, e contaram ao Leopardo a desonra que o rei lhe fez quando forçou sua mulher. O Leopardo, maravilhado, ficou irado contra o rei e perguntou à Doninha se sua mulher ficou irada ou satisfeita quando o rei a tomou para seu serviço. (p. 219).</p>
d) Espaço:	<p>a) Ambiente: <i>Época:</i> atual do autor, Idade Média central (XIII); <i>situação econômica/ política:</i> ambiente de corte, interação entre os que comem carne (nobreza) e os que comem ervas (camponeses), predomínio do primeiro nos cargos relativos a corte, a começar pelo rei; <i>Moral:</i> nobreza/ cristã, características positivas e negativas que deveriam ser seguidas</p>

	ou evitadas; <i>religião</i> : cristã, moral cristã que guiava o comportamento ideal dos personagens e dava autoridade ao discurso do autor; <i>localização geográfica</i> : ambiente urbano, mais especificadamente, na corte; Reino da França; <i>clima psicológico</i> : tensão, traição, desonra, enganação e violência. <i>Conclusão</i> : Deste modo, podemos dizer que o ambiente era de corte e predominantemente nobre, urbano, cristão e que carregava tensão, desonra, enganação, traição e violência.
e) Narrador: “Félix”	a) Tipos de Narrador: Félix era um narrador em terceira pessoa que sabia tudo sobre a história e estava presente em todos os lugares. No prólogo fez parte da narrativa ao conversar com outros personagens, mas quando chegou ao reino das bestas passou a ser exclusivamente narrador/observador, narrando em terceira pessoa do singular.
Análise literária:	a) Tema: Traição e mau conselho, como o governante deveria se comportar e a importância de ter bons conselheiros.
	b) Assunto: A raposa, por não fazer parte da corte do rei leão, tentou usurpar seu lugar de governante, traição ao monarca.
	c) Mensagem: A obra era pra ser vista pelos reis para que aprendessem como deveriam reinar e proteger-se dos maus conselhos, servia de alerta ao rei e era parte da tentativa de Ramon Llull de se inserir na França como conselheiro, ao apresentar o perigo do mau conselheiro.

Tabela 3- Personagens

Personagem Animal	Repetições	Cargo	Entrada e saída	Motivo da saída	Qualificações
Raposa	199	- Nenhum cargo na corte (p. 185-208). - Porteira do rei (p. 208-220);	p. 185-235	- O leão descobriu sua traição e a matou (p. 235).	Físicas: Besta pequena, poder fraco e frágil. Sociais: Vivia das sobras do rei, baixa nobreza (carnívoro), porteira do rei e conselheira. Morais: Má conselheira ao fazer o leão comer o filho do boi e do cavalo; sabedoria; má conselheira; bem falante (relacionado ao saber); eloquência (falar e expressar bem); astúcia; manipulava o rei fazendo a sua ira; hábil (habilidade), traição e tentativa de matar o rei; a arte e astúcia da raposa eram ruins segundo a serpente, pois ela enganava; elefante disse que a raposa era besta pequena e

		- Conselheira real (p. 220-235).			frágil, mas que poderia vencer pela astúcia; tramou com o boi e depois foi qualificada como corajosa (mas enganando); se qualificou como possuidora da arte (sabedoria) e astuta (esperteza); corajosa porque foi se encontrar com o animal que estava mugindo (a quem tinha um acordo); enganadora e ardilosa; enganou e traiu o boi, fez o leão matá-lo; matou o galo por desconfiança; desonrada, traidora, astuta e habilidade contra o rei; desonrada, enganosa, pecadora e mentirosa, ação contra o leão; besta vil; pavor do leão.
Boi	114	- Nenhum cargo na corte (p. 184-208). - Camareiro do rei (p. 208-227).	p. 184-227	- Morto pelo rei, depois da raposa enganá-lo (p. 227).	Físicas: Grande besta e seu mugido forte e terrível; causa temor. Sociais: Herbívoro (Não nobre), servo do rei dos homens e depois camareiro do rei das bestas. Morais: Desamava o leão; irado, queria vingança por causa da morte de seu filho pelo leão; fugiu (traição) do reino dos animais e foi escravizado no reino dos homens (punição); chorou por ter o rei dos homens como senhor (lamentação, rei ingrato); se aliou a raposa para matar o leão (desonrado e traidor); raposa o qualificou como bom conselheiro igual ao eremita; voz era tão alta, forte e terrível, gritava por temor e contrição; coração temeroso e penitente; boi honrou o leão; o leão confiava no boi e prometeu lealdade; pavor do leão que era seu predador natural.
Leão	104	- Escolhido como rei (p. 187-235).	p. 184-235	- O personagem continuou na obra (p. 235).	Físicas: Não era uma grande besta, contudo era forte e tinha um poderoso urro. Sociais: Carnívoro (Nobre), rei dos animais e virtude do mais alto senhorio. Morais: Soberbo/ Orgulhoso (falta de humildade); irado fez os outros estremecerem; traiu e comeu os filhos do cavalo e boi (enganado pelo lobo e pela raposa); grande pavor, medo, vergonha de tremer, covarde, apavorado com o mugido (enganado pela raposa e pelo boi); deveria ser

					corajoso e forte; luxurioso, desonroso, malgrado a rainha e ao conselho; traição a rainha e ao leal leopardo (luxuria e traição, enganado pela raposa); irado, tinha vergonha por ter sido chamado de traidor; injurioso, desonrado e traidor por matar o leopardo cansado; pecou ao matar o leopardo, pecador, assassino (desonra), perdeu a sutileza e o engenho (raciocínio, compreensão); leão honroso e raposa desonrosa; urro forte, alto senhorio tinha mais virtude que a natureza do pavor, o pavão e o coelho confessaram a traição da raposa.
Leopardo	63	- Conselheiro do rei (189- 222). - Mensageiro (208- 219).	p. 186- 222	- O leão o matou por ter vencido a onça e “provado” a desonra do rei, depois do mau conselho da raposa (p. 222).	Físicas: Sociais: Carnívoro (Nobreza), conselheiro e mensageiro do rei. Morais: Temia o leão; sábio, leal e par do leão (conselheiro); tinha pavor da astúcia da raposa; pavor do mugido do boi (enganado pela raposa); boi qualificou-o como a besta mais nobre entre as bestas; mensageiro, sábios, bem falantes (intelectual), bons conselheiros e bons conciliadores; leal servidor do rei; maravilhado, irado contra a desonra do leão com a leoparda; a ira lhe deu força para vencer a onça que defendia o rei traidor.
Elefante	59	- Nenhum cargo (p. 190- 235). - Conselheiro (p. 235).	p. 190- 235	- Foi nomeado conselheiro pelo leão e continuou vivo no reino. (p. 235)	Físicas: Bela e grande besta. Sociais: Herbívoro (Não Nobre) e conselheiro do rei. Morais: A raposa o qualificou como bela e grande besta; elefante temia a raposa por medo de ser traído (como a raposa fez com o leão); pavor da raposa; enganou e traiu a raposa, com a astúcia fez com que o rei descobrisse a traição da raposa, honrando-o depois; pediu perdão ao rei por pensar em traí-lo, fidelidade, lealdade.
Serpente	49	- Conselheira (p. 189-	p. 189- 227	- Foi enviada como mensageira (por sapiência da raposa) ao	Físicas: -. Sociais: Herbívoro (não nobre), conselheira e mensageira do rei. Morais: Sábia, leal e par do leão (conselheira); pavor do mugido do boi (enganada pela raposa); tinha pavor da raposa que induziu o leão a falta

		223). - Mensageira (p.223-227)		reino dos homens e não retornou (223).	contra o leopardo; a raposa qualificou a serpente como: venenosa, má conselheira (Adão e Eva) e traidora, traiu (Deus); foi utilizada como mensageira por ser sábia e a mais nobre da corte (influência da raposa); sábia e astuta usava essas qualificações para o bem, oposto da raposa.
Galo	34	- Conselheir o do rei (p. 191- 230).	p. 190- 230	- O galo foi morto pela raposa, pois aconselhou o rei a ter outros conselheiros, contrariando a raposa (p. 230).	Físicas: Bela figura e cantava ao alvorecer, pregação. Sociais: Herbívoro (não nobre) e conselheiro do rei. Morais: Leopardo disse: bela figura, sábio, senhor de suas galinhas, cantava ao alvorecer e belamente; exemplo de reger e submeter a sua rainha, além de despertar ao alvorecer para pregar a Deus; cantava e alertava a chega dos outros próximos ao rei; temia a raposa (predadora natural); alertou o leão para aumentar o conselho, não era suficiente sozinho (humildade); sábio ensinava o homem a reger sua esposa; utilizou um exemplum para avisar o rei da traição da raposa, acabou morto (leal e corajoso); (exemplum): dez esposas, sábio e bom conselheiro.
Pavão	29	- Porteiro do rei (p. 220-235).	p. 220- 235	- Foi expulso pelo rei por ser testemunha da raposa na traição (235).	Físicas: Olfato apurado. Sociais: Herbívoro (Não Nobre) e porteiro do rei. Morais: A raposa o indicou como porteiro por causa do seu olfato apurado (raposa era sua predadora); medo e pavor da raposa; por temor a raposa, enganou o leão e o fez comer o boi, dizendo que ele estava doente; foi expulso da corte por ajudar a raposa na traição contra o rei; pavor do leão.
Javali e Porco	27	- Sem cargo (p. 190- 235). - Conselheir	p. 190- 235	- Leão o nomeou como conselheiro (p. 235) e continuou vivo.	Físicas: Bela e grande besta. Sociais: Carnívoro (Nobreza) e conselheiro do rei. Morais: Raposa o qualificou de bela e grande besta; Javali pensava ser como o rei, em pessoa e força (inveja).

		o (p. 235).			
Cavalo	25	- Nenhum cargo na corte (p. 184- 188).	p. 184- 188	- Colocou-se a disposição do rei dos homens depois do leão comer seu filhote, não retornou (p. 187- 196).	Físicas: Grande besta e rápido. Sociais: Herbívoro (Não Nobre) e servo do senhor dos homens. Morais: Boi: grande besta, humilde, rápido e não come carne; irado com a morte do filho pelo leão; não poderia ser rei porque não era uma besta mais forte que o leão, não conseguiria vingar-se; ficou irado e desejou vingança ao leão que comeu seu filho; servo do senhor dos homens; chorou por ter o rei dos homens como senhor (lamentação, rei ingrato).
Onça	25	- Conselheira (p. 189- 222). - Mensageira (p. 208- 219).	p. 186- 222	- Morta pelo leopardo ao defender o rei no duelo, depois do mau conselho da raposa (p. 222).	Físicas:-. Sociais: Carnívora (Nobreza), conselheira e mensageira do rei. Morais: Temia o leão; sábia, leal e par do leão (conselheira); tinha pavor da astúcia da raposa; pavor do mugido do boi (enganados pela raposa); boi qualificou como a besta mais nobre entre as bestas; mensageira: sábia, bem falante (intelectual), boa conselheira e boa conciliadora; tinha inveja e ficou irada com o leopardo, pois ele foi mais honrado pelo rei dos homens do que ela; tinha pavor da raposa que induziu o leão a falta contra o leopardo; defendia o rei desonroso e luxurioso por ter inveja do leopardo.
Cão	23	- Porteiro real (p. 196- 208) - Levou as joias (p. 208-213).	196- 213	- Foi enviado pelo leão ao rei dos homens para levar as joias (p. 208- 213). Dado a um cavaleiro, para caçar.	Físicas: Farejava e latia. Sociais: Carnívoro (Nobreza), porteiro e carregou as joias para presentear o rei dos homens. Morais: Farejava, latia e reconhecia os que se direcionavam ao rei (protegia e era fiel ao leão); cão caça e os homens gostam disso; cão luxurioso.
Urso	23	-	p. 186-	- Enviado pelo leão,	Físicas: - Sociais: Carnívoro (Nobreza) e conselheiro. Morais: Temia o leão;

		Conselheiro do rei (p. 189- 223).	223	aconselhado pela raposa, ao rei dos homens para lutar contra javali (p. 223).	sábio, leal e par do leão (conselheiro); tinha pavor da astúcia da raposa; pavor do mugido do boi (enganados pela raposa); tinha pavor da raposa que induziu o leão a falta contra o leopardo; raposa: esse urso era o mais sábio e forte do reino; ele aceitou ir lutar no rei dos homens e assim foi qualificado: honrado.
Coelho	22	- Camareiro do rei (p. 227- 235).	p. 227- 235	- Expulso pelo rei por ajudar a raposa na traição (p. 235).	Físicas: - Sociais: Herbívoro (Não Nobre) e camareiro do rei. Morais: Raposa: belo semblante e humilde; elefante: que o coelho coincidiu com a morte do leão; tem medo da raposa diz a verdade ao leão pelo urro da justiça.
Lobo	17	- Conselheiro do rei (189- 223).	p. 187- 223	- Enviado pelo leão, aconselhado pela raposa, ao rei dos homens para lutar contra cão de caça (223).	Físicas: - Sociais: Carnívoro (Nobreza) e conselheiro do rei. Morais: Mau conselho ao leão fazendo-o comer os filhos do boi e do cavalo; sábio, leal e par do leão (conselheiro); pavor do mugido do boi (enganados pela raposa); pavor da raposa que levou o leão a falta contra o leopardo; raposa: lobo era o mais sábio e forte do reino; aceitou ir lutar, qualificado: honrado.
Gato	11	- Camareiro do rei (p. 196-208).	p. 196- 212	- Foi levar as joias, dado a um trapeiro desonrado (p. 212).	Físicas: - Sociais: Herbívoro (Não Nobre) e camareiro do rei. Morais: Figura semelhante ao rei; come os ratos que destruíam os tecidos do rei.
Corvo	07	- Nenhum cargo	p. 225- 227	- Deixa de ser mencionado. (p. 227)	Sociais: Carnívoro (nobre). Morais: traiçoeiro.
Carneiro	04	- Nenhum cargo.	p. 184- 190	- Deixa de ser mencionado (p. 190).	Físicas: Bela e grande besta. Sociais: Herbívoro (Não Nobre).
Bode	03	- Nenhum cargo.	p. 190- 190	- Deixa de ser mencionado (p. 190).	Físicas: Bela e grande besta. Sociais: Herbívoro (Não Nobre).
Cervo	02	- Nenhum	p. 184-	- Deixa de ser	Físicas: Bela e grande besta. Sociais: Herbívoro (Não Nobre).

		cargo.	190	mencionado (p. 190).	
Cabrito	01	- Nenhum cargo.	p. 184	- Deixa de ser mencionado (p. 190).	Sociais: Herbívoro (Não Nobre).

Tabela 4- Análise de conteúdo

Animais- Livro das Bestas (1288-89)						
Personagens	Pertinência/página	Tempo/ espaço	Agem	Interagem	Qualificações	Comentário
Narrador (Leão x Povo do reino). - Leão.	– Senhores, é vossa vontade que eu seja rei. Todos sabem que o ofício de rei é muito perigoso e é um grande trabalho. É perigoso porque pelos pecados do rei muitas vezes Deus envia fome e doenças, morte e guerras à terra. O mesmo faz pelos pecados do povo. Por isso, reinar é uma coisa perigosa ao rei e a todo o seu povo. E como é um grande trabalho para o rei governar a si mesmo e a seu povo, vos peço que me deis conselheiros que me ajudem e que me aconselhem de tal maneira que sejam a minha salvação e a de meu povo. Peço-vos que aqueles conselheiros que me deres sejam homens sábios, leais, e que sejam dignos de serem conselheiros e pares do rei. 189	- Diante de seu povo, sermão. - Conselho.	- O leão depois de sua eleição fez um sermão diante do povo. Pediu bons conselheiros.	- Deu um sermão diante de seu povo pedindo conselheiros leais, sábios, dignos e pares do rei.	- Qualificou-se, por ser rei, como: reinar era perigoso (corajoso) e precisava de ajuda de conselheiros (humildade).	- Pesquisar sobre o que o rei fazia após sua coroação. - Como era a escolha dos conselheiros do rei? - A eleição do rei poderia ser próxima ao dos reis do sacro Império?